

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

TELEVISÃO EM UBERLÂNDIA
PELAS PÁGINAS DO JORNAL O CORREIO. INTERAÇÕES POLÍTICAS E
CULTURAIS. 1960_ 1970

SERGIO PEREIRA DA COSTA
SERGIO PEREIRA DA COSTA

TELEVISÃO EM UBERLÂNDIA
PELAS PÁGINAS DO JORNAL O CORREIO. INTERAÇÕES POLÍTICAS E
CULTURAIS. 1960_1970

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Profª Drª Carla Miucci.

Uberlândia, Julho de 2017

Costa Sérgio Pereira e, 1970.

Televisão Em Uberlândia_ Pelas Páginas do Jornal
Correio. Interações Políticas e Culturais. 1960 -1970

Sérgio Pereira da costa

Orientadora: Prfª Dr. Carla Miucci.

Monografia (Bacharelado) Universidade Federal de Uberlândia,
curso de graduação em História

Interações entre a Televisão e a Imprensa jornalística
Uberlandense.

TELEVISÃO EM UBERLÂNDIA
PELAS PÁGINAS DO JORNAL O CORREIO. INTERAÇÕES POLÍTICAS E
CULTURAIS. 1960_ 1970

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros- Instituto de
História/ UFU

Prof. Dr. Newton Dângelo- Instituto de História/ UFU

Profa. Dra. Monica Brincalepe Campo

Ao meu Deus, à Ana Paula, Livia e Flávio, por serem parte de mim.

Aos meus pais Oswaldo e Maura por serem verdadeiros exemplos.

Aos meus irmãos Newton e Luciano.

Agradeço a todos que contribuíram efetivamente para a concretização deste trabalho. À Professora Dr^a Carla Miucci pelo empenho e orientações seguras, e a todos os professores do departamento de História, os quais, tive o privilégio de tê-los como meus instrutores e exemplo.

RESUMO

A partir de meados do século XX, mais precisamente após a segunda guerra mundial, significativas são as mudanças políticas e sociais, principalmente nos países ditos ocidentais, e que tiveram como estrutura base de mercado o capitalismo. Tais mudanças vieram acompanhadas de inovações tecnológicas, que impactaram a vida das pessoas e que passaram a interagir com os diversos aparelhos que surgiam e começavam a povoar o ambiente privativo dos lares.

A televisão surge como uma destas grandes tecnologias, que traz em si um misto do rádio e do cinema, mas não só isto, aos poucos vai se tornando um veículo de comunicação de grande escala populacional, e que por possuir esta característica, torna-se objeto de desejo coletivo das grandes massas, do meio empresarial, e de setores políticos.

A imprensa escrita, como meio de divulgador e analítico, sobre acontecimentos políticos e sociais dentro do contexto das cidades, também interagiu com a chegada da televisão, anunciando e comentando sobre sua natureza. O presente trabalho, pretende analisar, como esta imprensa, nas páginas do Jornal correio de Uberlândia, presenciou a chegada da televisão na cidade, de que maneira a instituição jornalística que por sua vez é representada por pessoas ligadas ao meio empresarial e político, se posicionou nos textos escritos por seus redatores e articulistas, e se estariam implícitas nestes comentários e noticiários, um certo impacto causado pela chegada da televisão na cidade de Uberlândia nas décadas de 1960 e 1970.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
 CAPÍTULO I OS PRIMÓRDIOS DA TV NO BRASIL, E A EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA EM UBERLÂNDIA	 19
1.1 O NASCIMENTO DA TELEVISÃO EM UBERLÂNDIA PELAS PÁGINAS DA IMPRENSA ESCRITA.....	 23
1.2 COLUNA DIVERTIMENTOS E A FORMAÇÃO DA AUDIÊNCIA EM UBERLÂNDIA.....	 47
 CAPÍTULO II O PROJETO DE NAÇÃO, ENTRE A TELA DA TV E AS COLUNAS DO JORNAL CORREIO.....	 56
 CAPÍTULO III AS NOVELAS PELAS PÁGINAS DO JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA: NOVAS FORMAS DE SUBJETIVIDADES	 78
3.1 A COLUNA LAR E MULHER, AS NOVELAS E A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NA SOCIEDADE UBERLANDENSE	 83
 CAPÍTULO IV FINAL DA DÉCADA DE 1970, TELEVISÃO, MODERNIDADE, COSTUMES E TRADIÇÕES	 112
CONCLUSÃO.....	126

INTRODUÇÃO

A televisão surge em Uberlândia ainda no final da década de 1950, como possibilidade de experiências de transmissões de imagens bem precárias, que na sua maioria não logravam êxito. Mas é no início da década de 1960, que as possibilidades em torno de uma rede transmissora de imagens na cidade se tornam mais claras até a inauguração da TV Triângulo no ano de 1964.

O surgimento da televisão, foi de grande importância para o cenário social da cidade. fora intensamente comentado e analisado nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia, o que se torna o centro de nossas pesquisas no presente trabalho. Buscamos analisar, de quais maneiras um determinado meio de comunicação de massa percebeu e interagiu com uma das grandes mudanças tecnológicas do século XX, em todo o mundo.

Em meados do século passado, as transformações nos vários campos da sociedade brasileira, a exemplo do cenário internacional, foram intensas e de rápido impacto. As novas tecnologias se mostravam como portadoras de incontáveis possibilidades para o homem moderno, e sua disseminação no meio social fez surgir novas configurações, proporcionando interações mútuas entre o universo tecnológico e aqueles que dele participavam.

O poderio das máquinas e a sensação vertiginosa da velocidade proporcionada pelo processo de automação ocorrido ainda no final do século XIX, impactou decisivamente a vida das pessoas, de maneira especial, aquelas que passavam a viver nas grandes cidades. Novas interações sociais envolvidas em um ritmo de vida cada vez mais acelerado e marcado pelo controle do tempo, alteravam os padrões comportamentais de uma cultura até então acostumada à uma vida menos acelerada.

Essas novas tecnologias, possibilitaram um tipo de reestruturação comportamental das pessoas frente à própria vida urbana que, de acordo com Michael de Certeau, é marcado e definido à partir de um campo específico permeado pelos sistemas de produção institucional (televisão, propaganda, rádio e cinema) os quais por sua vez, pela própria natureza totalitária, pretendem não conceder ao consumidor e expectador participação neste processo de reelaboração cultural, a não ser aquele de observadores passivos. Porém verifica-se que não é bem assim que acontece.

Desse modo, de acordo com Certeau, frente a esta sociedade que se modernizava e de uma produção cultural tecnológica que se pretendia hegemônica tem-se,

Uma produção racionalizada, expansionista, centralizadora, barulhenta e espetacular, que corresponde à outra produção, qualificada de consumo: esta é astuciosa, dispersa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de se empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. CERTEAU, 1994 p.39

Neste sentido, a televisão tem um papel fundamental na construção destes novos padrões culturais, na medida em que ela proporciona ao homem vivenciar outras experiências de lugar e tempo, mas servindo como mediadora de projetos de poder e dominação ideológicas tão marcantes nas décadas de 1960 e 1970, e trazendo consigo duas características impactantes: a sensação de interação com o mundo através das imagens, e a velocidade. Reconfigurando a participação social humana, e diminuindo as distâncias, que antes das máquinas eram consideradas irredutíveis e implacáveis.

Analisar o tipo de impacto, causado pela implementação de experiências de sinais televisivos na cidade de Uberlândia, através de um dos importantes jornais de circulação da cidade, nos dá a chance de perceber a maneira como entrelaçamentos políticos e sociais se fazem notar neste processo, já que a mídia jornalística enquanto ela mesma, traz em si, parciais e intencionalidades políticas, portadora de influências neste processo de estruturação televisiva local, não deixa de ser influenciada, pelo novo meio tecnológico, que cresce vertiginosamente com o passar dos anos e das décadas.

Marshall Berman discorrendo sobre as aventuras da modernidade, fala sobre o paradoxo destes tempos que, oferecendo em uma das mãos o poder e a sensação de prazer, também de certa forma ameaça destruir tudo o que somos.

Existe um tipo de experiência vital, experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida, que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei este conjunto de experiências como modernidade. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto transformação e transformação das coisas em redor, mas ao

mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos tudo o que somos. BERMAN, 2007 p.24

A afirmação de Berman, ajusta-se por certo às características dos tempos modernos, e em específico ao que aconteceu quando o homem apertou pela primeira vez o botão do primeiro aparelho de TV. Dali em diante ele não seria mais o mesmo, parte de si seria destruída e haveria de nascer outra.

A televisão surgiu, em um período onde acentuavam-se cada vez mais a disseminação mundial de mercadorias e também de modelos culturais que iam sendo aos poucos absorvidos por povos e nações antes estranhos à tais padrões, uma cultura tipicamente urbana repleta de imagens que variavam desde enlatados e refrigerantes, até aspectos relacionados à estrelas de cinema e da Tv. É o momento histórico que haveria de ser denominado por muitos estudiosos do campo social como globalização e que Renato Ortiz chamou de “mundialização”.

Impulsionada pela influência da indústria de massa e seus produtos culturais, que visavam o lucro e a hegemonia, surge a televisão como mediadora não somente nos âmbitos individual e coletivo, mas também de ideologias políticas e econômicas. Para entender a influência profunda da televisão na vida das pessoas, torna-se necessário pensa-la não apenas como um instrumento de produção e disseminação de informações, mas sobretudo como um veículo condicionado à estruturas de dominação social, sejam elas políticas ou de outras naturezas, e que portanto é capaz de produzir significados.

Podemos pensar na TV, como algo que se encontra no meio de mudanças perceptivas entre o homem e seu exterior. A interação do homem com a televisão, propicia deslocamentos internos, e produz reações que se manifestam no mundo social. Não de forma passiva, alienando o ser, e guiando-o com amarras e grilhões rumo à um futuro incerto, mas sendo impactada por ele e ao mesmo tempo moldando formas de pensamentos, ângulos de visões, numa interação antes de mais nada concedida de ambas as partes. Quando a TV surge no Brasil na década de 1950, e posteriormente em Uberlândia, um mundo se descortinou ante os olhares atentos e curiosos de uma multidão que já sonhava com sua presença, mas que ainda não sabia quais seriam os efeitos da sua chegada. Assim como sugere Orozco Gomez.

Assumir o telespectador como sujeito e não só como objeto, frente à TV supõe, em primeiro lugar, entendê-lo como ente em situação e, portanto, condicionado individual e coletivamente, que se vai “constituindo” como tal de muitas maneiras, e se vai também diferenciando como resultado da sua particular interação com a TV e, sobretudo das diferentes mediações que entram em jogo no processo de recepção. GOMEZ P: 28

Neste universo que se mostra em preto e branco, pode-se ver o outro e ver-se a si mesmo, consegue-se acompanhar a morte sem temê-la, mas ao mesmo tempo chorar sem nada poder fazer contra os infortúnios de muitos os quais aprende-se a admirar. Assim, este mundo, me mostra quem eu sou e quem não sou, quem podemos ser ou gostaríamos de ser, é um ambiente estranho inatingível, mas ao mesmo tempo repleto de possibilidades e reconhecimento. De acordo com Jesús Martin Barbero.

Se a televisão na América Latina ainda tem a família como unidade básica de audiência é porque ela representa para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento. E não se pode entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família sem interrogar a cotidianidade familiar enquanto lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares., Motivo de escândalo como dizíamos acima, para uma intelectualidade que se compraz em denunciar os aspectos repressivos da organização familiar. BARBERO,2009 p. 295

O mundo antes pensado e imaginado à distância pela vasta multidão, agora parecia estar mais perto, pelo menos ao alcance dos olhos. Imagens antes estáticas vistas somente em livros e jornais, agora se movimentam diante de olhares atentos e desejosos de perceber cada detalhe do que se vê, sem nada perder, interagindo não somente com a imagem, mas com as mensagens e se impactando por elas.

A mediação ocorre no instante em que o eu se coloca diante do outro, e mesmo não sendo este o aparelho em si, mas sim as imagens que emanam daqueles que povoam o universo da televisão, artistas, apresentadores, esportistas enfim, pessoas que passam a servir de referência coletiva. Neste momento então, a magia se desprende de suas entranhas, em todos os seus aspectos, ocorrendo o que pode ser chamado de recepção e interpretação. As imagens e suas mensagens, são interpretadas de acordo com visões de mundo específicas, e a elas são acrescentados novos sentidos.

São muitos os trabalhos sobre a televisão, cuja ênfase se centraliza nas interações entre a mídia e o receptor individual e também coletivo. Na presente pesquisa, esta ênfase se dá na interação entre a mídia impressa, já instalada e com uma história de produção que remonta a décadas e seu olhar sobre a chegada e instalação da televisão na cidade de Uberlândia. Assim o campo de pesquisa é configurado por duas mídias, que podem ser entendidas como instituições social e política. É claro que, ao analisar as vozes nas páginas do Jornal Correio, nós também chegamos a perceber a fala da população, não de maneira explícita, mas velada, suave, porém presente.

O estar perto e ao mesmo tempo distante me permite dizer coisas que em outra situação não seriam possíveis, demonstrações de sentimentos reprimidos podem ser liberadas já que o outro não me vê, apenas eu o vejo, e o escuto. A televisão quando surge na década de 50, ainda tímida em alguns lugares, já desperta sentimentos antes não revelados, encurtando as distâncias entre os homens. É o poder da velocidade exaltada a décadas antes pelos futuristas, que já clamavam a todos por uma adesão coletiva às maravilhas dos novos tempos, e muitos mesmo sem nunca terem lido uma linha sequer do manifesto de Marinetti, aderiam e atendiam ao chamado futurista. A velocidade com que as imagens se deslocam e chegam a lugares distantes, acompanhava a velocidade com que o som das palavras agora podiam reverberar à longas distâncias, dando a todos a sensação ainda que incompleta e estranhamente ilusória de plenitude. De acordo com Marialva Carlos Barbosa.

Duas ordens de assuntos são destacadas: os de natureza coletiva, de um mundo exterior que reúne uma multiplicidade de atores (jogos de futebol, carnaval), e os de ordem individual, visões de um mundo desconhecido que, até a eclosão da reprodução das imagens técnicas, só aparecia, como imagem, na imaginação do público (a selva e o voo por cima de montanhas inóspitas). Lugares desconhecidos, distantes, envoltos em uma atmosfera de sonho, que o novo invento colocaria definitivamente na casa daqueles que “comodamente” sentassem diante da televisão. BARBOSA, 2010 p: 22

Na verdade, a televisão apresenta nas suas origens, características do fetiche pelo produto, inserindo-se em uma época onde as promessas de felicidade em torno do consumo pessoal, já tomavam corpo em um mundo cada vez mais envolto pelos apelos capitalistas. Como toda tecnologia, a TV em seus primórdios ainda não

era a "queridinha" das massas, mas já causava aspirações individuais em torno de seu brilho e suas possibilidades.

No caso da TV, as mediações ocorrem não somente entre o receptor e as imagens propagadas, mas também entre indivíduo e o próprio aparelho ou máquina, já que o desejo de possuí-la antecede mesmo as modificações que se desencadearão à partir de futuras interações. A televisão em sua chegada seria assim um "estranho" o qual muitos esperavam sem mesmo conhecer, traria em sua natureza o poder da sedução, e se transformaria em um período muito rápido de tempo, em uma ponte familiar entre as pessoas e o mundo exterior.

É através dela que as antigas vozes do rádio agora se transformam também em imagens, fazendo com que muito do que antes era apenas imaginado se tornasse visível, quase palpável. Algumas vezes, porém, o código de linguagens estruturais da televisão não é percebido facilmente, por possuir um caráter denotativo. No entanto, a natureza da linguagem televisiva, possui um caráter verossímil aos olhos do telespectador, justamente por ser condicionada a um tempo cultural que é bastante peculiar àqueles que se ocupam de ler e decodificar suas mensagens. Ela cria nas pessoas a sensação de envolvimento não apenas com um mundo de ficções, mas também com a própria realidade, e é exatamente isto que faz dela um instrumento de tamanha interação sócio cultural.

Nas interações midiáticas, ocorre a sensação de que a proximidade com o coletivo é mais intensa, porém esta aproximação possui uma natureza ilusória, já que não há uma interação de contato físico, mas somente de imagens e sons. No entanto, dentro dos lares, ao redor da televisão percebe-se um objetivo, o de ser um telespectador, que observa atento cenas e acontecimentos de um mundo exterior. Esse privilégio de poder interagir com o mundo externo sem ser incomodado, a priori se torna um dos grandes desejos em torno da televisão, estranha no início, mas extremamente sedutora, capaz de reunir a família em torno de si.

É o olhar atento que vê aquilo que deseja e também o que rejeita, são objetos incontáveis oferecidos a todo tempo, como uma promessa constante de auto satisfação, são modelos a seguir, de aparência, personalidade, profissões, enfim, é o mundo que outrora ficava em parte encoberto, e que agora é causa de auto- afirmação

e frustrações, a antiga frase “ o que os olhos não vê o coração não sente” parece agora não fazer mais sentido, a TV passa a ser mediadora entre o ser e suas aspirações.

Figura 1 ilustração de uma família estadunidense reunida assistindo televisão.



Fonte: ABEP 451- 280

O inserir-se no mundo tecnológico traz consigo o efeito incontestável da mudança, do hábito contínuo que passa a ser alterado de acordo com as experiências pessoais de cada um, é um novo posicionamento diante do mundo e de si mesmo. O impacto causado pela televisão no Brasil nas décadas de 1950, 1960 e 1970, modifica de maneira rápida estilos de vida. O chegar em casa ao fim do trabalho e seus antigos afazeres assume uma nova feição, agora não é mais a conversa em família, ou o bate papo na rua com os vizinhos, ou mesmo as visitas convencionais, mas todos reunidos em torno da televisão esperando pelo programa anunciado.

São muitos os relatos que dizem de visitas “interessadas” feitas no período em que a TV surgia aqui na cidade de Uberlândia, para que se pudessem assistir aos programas, pois que para muitos que não tinham condições financeiras de adquirir o tão desejado bem de consumo, este era o único recurso. Eis uma das características principais dos novos tempos que viveram os homens e mulheres do século XX, ao inserirem-se no mundo do consumo, a saber, o despertar cada vez mais intenso de desejos em relação às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias.

A influência da televisão na vida social e na produção cultural de uma sociedade não é única e nem totalizadora, já que o telespectador é capaz de reconfigurar as mensagens que lhe são transmitidas e dar a elas um novo sentido,

impedindo muitas vezes que estas se tornem condicionantes de seu próprio comportamento. Assim:

... O telespectador, não é um mero recipiente que absorve tudo o que é oferecido na tela. Não é, tampouco, um ente impermeável ou capaz, em todo o momento, de tomar distância crítica da programação; por ser telespectador, não perde totalmente suas capacidades, por exemplo, de crítica ou resistência. (Orozco Gomes, idem p. 31

O telespectador no caso de nossa pesquisa, é o Jornal Correio de Uberlândia, como instituição social, mas também representante de instituições desta sociedade, a saber o sistema político e de consumo, as entidades religiosas, e a própria população que mesmo não tendo poder de influência grande, muitas vezes não deixa de exercer força atuante, sobre aquilo que é veiculado nas matérias jornalísticas.

Em meados dos anos de 1950 e 1960, quando as primeiras emissoras de TV se instalam no país, para a grande maioria da população brasileira de baixa renda, o objeto comunicacional era o rádio e eventualmente o cinema, se bem que o último não tivesse o mesmo caráter de variedades na programação do que o rádio. Assim, aqueles que abriram as portas para que a televisão, se tornasse uma grande potencia nacional em tão pouco tempo, foram as famílias mais abastadas, que tinham todas as condições financeiras de adquirir o tão sonhado bem de consumo, que aliás, no seu início era bem caro.

Desconsiderar a autonomia do popular nos processos de interação com a televisão é antes de mais nada, não perceber que mesmo que as programações sejam pensadas a fim de conseguir o máximo de audiência possível, há sempre e permanentemente, o exercício da escolha por parte dos telespectadores. Não se trata de emitir-se juízos de valor, mas sim de tentar analisar os aspectos interacionais entre as mídias populares instaladas no início da década de 1960 e a televisão como instituição tecnológica causadora de novas configurações sociais.

No capítulo 1, faremos um breve vislumbre sobre o início das primeiras experiências com a televisão no Brasil, verificando a maneira marcante com que a experimentação se torna algo característico deste processo. O período de surgimento da Televisão no Brasil, é marcado por dificuldades técnicas, e também por uma certa euforia em torno de um produto que chega em um ambiente já dominado pelo rádio e

pelo cinema, e que no entanto rapidamente passa a permear a imaginação do público em torno de seus benefícios, que aliás seriam bem explorados tanto por empresários como pelo próprio governo brasileiro.

Ainda no primeiro capítulo será mostrada a maneira pela qual a chegada da televisão na cidade de Uberlândia, é relatada nas páginas do Jornal Correio, ressaltando este olhar particular, mas também coletivo, como um veículo de comunicação de massa. Trata-se de um órgão de natureza política marcante, e que, estando inserido em seu próprio tempo, deixa transparecer através de seus redatores, opiniões políticas, e de natureza moral.

Assim percebemos o início da televisão em Uberlândia, não somente em anúncios ou reportagens que falam de inaugurações e compras de novos equipamentos, mas também nos comentários de colunistas que se dedicavam em analisar os programas e sua eficácia.

A televisão como veículo de atenção populacional, é utilizada pelo poder público para servir aos seus interesses políticos, e isto é verificado no primeiro capítulo, na maneira como os ideais de “ordem e progresso” tão mencionado nas décadas de 1960 e 1970, se mostram nas páginas do Correio de Uberlândia. A natureza do veículo de comunicação que comenta a chegada da televisão na cidade é então analisada, evidenciando as relações com os tipos de comentários que são feitos nas colunas impressas, sobre a nova tecnologia que surge, e os programas que são propagados diariamente.

A partir do segundo capítulo, se fortalece a ideia da construção de um projeto de nação, visível também e atrelado ao novo empreendimento tecnológico nacional denominado de televisão. São vários os relatos que associam a nova tecnologia ao novo regime instalado no país a partir de 1964, bem como programas que parecem ter sido contratados pelo governo militar para implantar uma ideologia de “ordem e progresso”. A cidade de Uberlândia dita “progressista” através dos lábios de políticos e empresários, mostra-se digna de receber um empreendimento de tal importância, a fim de alavancar o progresso do país, através do apoio político, empresarial e por que não dizer, populacional.

A partir do terceiro capítulo, o trabalho se desvia por um atalho que vai levar à importância das telenovelas, no processo de afirmação de uma identidade. Não

somente as telenovelas, mas outros programas de vulto que seriam acrescentados ao longo da década de 1960 e início dos anos 1970.

É neste instante que já se percebe, o início do caminho percorrido pela rede Globo de televisão rumo à uma hegemonia nacional, investindo dentre tantos programas na especificidade das novelas, como um atrativo para as famílias uberlandenses. O olhar sobre as telenovelas, é enquadrado por diferentes perspectivas, como a do Jornal Correio, de sua redatora como representante de um grupo social feminino, é também o olhar do público masculino carregado de preconceitos para com o tipo de programa, mas também o de uma época que trazia em si mesma a carga cultural da tradução. É por assim dizer, um olhar múltiplo de uma entidade temporal que traz em si características de alguns setores da sociedade.

A partir deste olhar sobre as telenovelas, inicia-se um processo de discussão sobre o papel da mulher na sociedade, e sobre padrões morais e éticos de comportamentos que passam a ser tratados pelos enredos da teledramaturgia brasileira.

No capítulo 4, a ênfase se dá na afirmação da televisão como tecnologia de alcance populacional e massivo, analisando documentos que indicam este caminho. Em meados da década de 1970, percebe-se que a influência da televisão no processo de produção cultural é notório, fazendo surgir uma sociedade que se percebe interagindo com as novas tecnologias, e ao mesmo tempo com antigos padrões comportamentais fundamentados em visões e posições tradicionais.

Tenta-se perceber o impacto causado pela nova tecnologia na vida das pessoas, através de notícias veiculadas pelo Jornal correio de Uberlândia. É o momento em que número de aparelhos aumenta, onde se abrem através do mercado, possibilidades e opções para compras parceladas de um aparelho de TV, e assim a interação entre população e o meio e suas mensagens se tornam cada vez maior. A voz de uma instituição midiática é a voz de quem? De uma parcela da sociedade?, do governo? Das estruturas capitalistas que foram hegemônicas no século XX, ou de todos eles em um só corpo invisível mas presente e atual.

Capítulo I Os primórdios da TV no Brasil, e a experiência compartilhada em Uberlândia

Durante a década de 1950 e até mesmo 1960, apesar de já haver uma certa expectativa sobre as possibilidades em torno da televisão, esta ainda não fazia parte dos principais aparelhos domésticos nos lares brasileiros. O rádio, e a geladeira parecem ter assumido este papel, a última como acessório essencial para a praticidade da conservação dos alimentos, e o primeiro desde meados de 1930, como um companheiro indispensável, tanto para homens quanto para mulheres.

Mesmo na década de 1960 em muitos anúncios publicitários, percebe-se a presença de outros aparelhos domésticos, como é o caso da máquina de lavar e da enceradeira. A televisão começa a aparecer em anúncios no jornais à partir do ano de 1965, quando são criadas as primeiras emissoras locais e regionais, percebendo-se a presença de grades de programação que eram anunciadas constantemente na mídia impressa.

A imagem número 2, extraída do jornal *Correio de Uberlândia* do início da década de 1960, parece exemplificar um pouco esta ausência inicial da televisão na vida cotidiana das famílias e não somente das famílias “pobres”, já que o perfil que vemos na imagem se associaria mais aos padrões de uma classe média.

Veja que, por mais que o anúncio seja específico de uma marca famosa de produtora de eletrodomésticos, a pergunta que se faz no título é emblemática: “Qual deles lhe falta?”. A menina se diverte com o liquidificador, padrões comportamentais de uma época onde as meninas já tinham também seu papel de gênero definido na sociedade brasileira, o pai cuida dos aspectos formais de sua aparência com um barbeador elétrico, e a mãe se posiciona feliz e alegre em deter em suas mãos uma enceradeira. Mas onde estaria a televisão neste conjunto de necessidades eletrônicas da família na década de 1960?. Ela já havia chegado nas principais capitais do país, mas ainda não havia dominado inteiramente o espaço privado das casas. De acordo com Esther Hamburger.

Mas, apesar da proliferação inicial de emissoras na região sudeste, é somente a partir dos anos 70 que a indústria de comunicação eletrônica se consolida, e, seja por sua forte presença no cotidiano

dos telespectadores, seja por suas peculiaridades no cenário internacional, a televisão brasileira vem merecendo a atenção de estudos brasileiros e estrangeiros. HAMBURGER, 1998 P.444

Fotografia2. Ilustração, de propaganda de eletrodomésticos, ano (1960)



Fonte: *Jornal correio de Uberlândia*, (1960)

Sabe-se que a televisão deve muito de sua origem ao próprio rádio, e muitos veem uma ligação entre ela e o cinema, mas o fato é que, os três, tiveram experiências de proximidade. As pessoas continuaram indo ao cinema, mas agora podiam também vivenciar algo semelhante, dentro de suas casas, na intimidade da família. Da mesma forma, o rádio não deixou de ser um objeto de utilização pessoal, porém há que se dividir as atenções com a televisão.

O nome do empreendedor Assis Chateaubriand, aparece nos principais textos que abordam os primórdios da televisão no Brasil, como aquele que contribuiu decisivamente para a concretização das primeiras experimentações em torno do projeto televisivo no país.

Este primeiro período é marcado de forma acentuada por uma espécie de improvisação, ante a impossibilidade, muitas vezes, de executar-se de forma correta e eficiente todo o processo de transmissão e recepção das imagens. Não havia muitos aparelhos de televisão na década de 1950, o que justifica o fato do empresário Assis Chateaubriand, espalhá-los pelas ruas da grande cidade de São Paulo, em pontos estratégicos, para que as pessoas pudessem compartilhar da novidade do século, pelo menos para a época, e que estava em vias de ser inaugurada. Enfim a primeira transmissão. De acordo com Marialva Carlos Barbosa.

Quero destacar uma imagem que, também, repetidas vezes aparece nas descrições do dia em que foi ao ar, oficialmente, as primeiras transmissões da TV brasileira: homens de paletó e gravata, mulheres bem vestidas, como se fossem a uma festa, colocam-se de pé diante de uma espécie de móvel-caixa, de onde saem imagens esmaecidas e pouco nítidas. Todos estão em silêncio, juntos, assistem, pela primeira vez, a uma emissão da televisão brasileira. BARBOSA, 2010
pág:17

A televisão foi sem dúvida uma das maiores invenções do século XX, e que no Brasil seria apropriada de diversas formas e por vários setores sociais. A família viu nela, a possibilidade de ver o mundo de forma diferente, e também descobriu que poderia interagir com estes lugares de sonhos e fantasias. As grandes empresas midiáticas vislumbraram autos ganhos monetários, o poder político um veículo de divulgação ideológica, a cultura pop, uma grande aliada, e até mesmo algumas religiões que já se utilizavam do rádio, viram na televisão uma possibilidade de propagação da fé.

Como todo início, as dificuldades em torno das primeiras emissoras de TV foram muitas: poucos equipamentos, muitas vezes à poucos instantes do início da programação, descobria-se que ainda faltavam algumas peças essenciais. Os espaços para filmagem mostravam-se improvisados, tendo que se isolar todo o ambiente para não captar ruídos externos.

Em muitos lugares, senão todos, em que se iniciava uma grade de programação semanal, esta começava por volta de 17hs da tarde e terminava às 22e 30 mais ou menos, com muitas variações e interrupções devido à quedas de energias, e outros problemas técnicos. A programação não era constante e previsível e poderia ser alterada a qualquer momento, assim, pensar na televisão brasileira em sua época

inicial é, antes de mais nada, vislumbrar um acontecimento histórico repleto de possibilidades, mas cheio de dificuldades. Barbosa falando sobre as primeiras tentativas em torno das transmissões na cidade do Rio de Janeiro afirma que:

No Rio de Janeiro, a emissora com apenas duas câmeras e um estúdio pequeno, ocupava o quarto andar do prédio da avenida Venezuela, 43, na praça Mauá, onde funcionavam as rádios Tupi e Tamoio, também do grupo Associados. Para os que viveram essa experiência pioneira, essa foi uma das reações para que desde este momento algumas transmissões do canal 6 do Rio de Janeiro tenham sido feitas nas ruas, transmitindo-se espetáculos tais como eram encenados nos teatros. BARBOSA, 2010 p:20

Progressivamente, a televisão passa a ocupar um lugar essencial dentro das casas, mais precisamente na sala de visitas. Disposta na frente de alguns sofás para que todos pudessem se assentar comodamente, ela despertaria todo um imaginário de sonhos e possibilidades e atrairia a atenção de vizinhos, unindo inicialmente a família em torno dela. Porém percebe-se que pelo horário inicial de sua programação já no fim da tarde, as crianças não foram talvez agraciadas com um lugar de destaque para desfrutar do aparelho dos sonhos, apesar dos registros de programações de desenhos infantis.

As imagens eram ruins, com muitos “chuviscos”, mas mesmo assim pela novidade do que se via, tais problemas foram deixados um pouco de lado, a fim de dar vazão ao sentimento de estupefação e euforia. Era uma janela que se abria para o mundo, mas com uma incontável quantidade de imagens que se movimentavam rapidamente como no cinema e que possibilitava ao expectador pela primeira vez a sensação vertiginosa da velocidade e da aceleração tempo que se esvai, como na montanha russa do escritor Nicolau Sevchenko. Em um anúncio do *jornal correio de Uberlândia* do final da década de 1950, podemos perceber o quanto interagir com a televisão despertaria os mais intensos sentimentos.

Santo André, 11 de Setembro, quando assistia domingo, pela televisão o desenrolar do prélio, Palmeiras VS. Santos, o Sr. João Rossi, residente à rua onze de agosto 72 nesta cidade. Faleceu vitimado por uma síncope cardíaca. O extinto que era torcedor do Palmeiras, não resistiu à emoção causada pela marcação do tento de Pelé, que abriu a contagem no prélio de domingo. *O Correio de Uberlândia*, 11 de Setembro de 1959

A proximidade com os artistas e ídolos nacionais de diversas áreas culturais, muda de maneira drástica os modos e padrões comportamentais das pessoas, já que não é só o ouvir do rádio, mas agora pode-se ver cenas que representam a realidade, fervilhando mais ainda as emoções, despertando interesses, anseios e expectativas em torno de pessoas que eram vistas talvez apenas em jornais e revistas, ou se tivesse a oportunidade em algum teatro, ou campo de futebol.

É neste instante histórico que uma cultura talvez um pouco estranha, mas agradável e sedutora começa a invadir a vida das pessoas e de certa forma determinar e moldar aspectos de vivências privadas e coletivas. É a roupa da atriz que chama a atenção, o jeito de falar e de se portar do cantor que se quer imitar, é o possuir o automóvel da moda que desperta os mais profundos desejos, a sociedade brasileira não seria mais a mesma dali em diante.

No final do século XIX, e mesmo no início do XX, as linhas de comparação que determinavam as aspirações e sonhos das pessoas, eram por certo mais restritas, devido à círculos de isolamento social aos quais as pessoas se encontravam presas. Em quem se espelhavam aqueles que viviam em grande quantidade nos meios rurais?: em familiares, patrões, amigos de igreja, talvez mesmo em alguns nomes divulgados e conhecidos apenas pelos jornais ou através de rodas de conversas, mas quando entra em cena o rádio e posteriormente a televisão este cenário se altera drasticamente.

Uma cultura dita popular já que é assimilada pelas grandes massas é digerida e reconfigurada dentro das casas, fazendo com que os antigos parâmetros de comparação individual se alterem, a janela se amplia e o olhar do brasileiro em todas as esferas sociais também.

1.1 O Nascimento da televisão em Uberlândia pelas páginas da Imprensa Escrita.

Antes de adentrarmos, especificamente, na maneira pela qual o Jornal Correio de Uberlândia, nas décadas de 1960 e 1970, analisou e interagiu com a chegada da televisão na cidade e seus desdobramentos, é importante verificarmos um pouco sobre a natureza política e social do jornal naquelas épocas.

O Correio de Uberlândia foi fundado em 7 de fevereiro de 1938, por um proprietário de outros sete jornais e também fazendeiro, chamado José Ozório

Junqueira, pertencente à uma tradicional família da elite política e social, com interesses políticos bem definidos. Em uma citação de comemoração dos 62 anos de fundação do Jornal Correio de Uberlândia, extraída do editorial matutino do dia 6 de fevereiro do ano 2000, encontramos os seguintes dizeres:

O Jornal Correio foi fundado no dia 7 de fevereiro de 1938, pelo fazendeiro e “coronel”, José Ozório Junqueira, de Ribeirão Preto, onde era também proprietário do Correio do Oeste e outros 7 jornais. O coronel Ozório vinha a Uberlândia apenas duas vezes por semana e gostava de polemizar, costume da imprensa na época, e manteve acirradas discussões escritas com Agenor Paes, então proprietário de outro jornal da cidade, o “Tribuna”. *O Correio de Uberlândia*, 6/02/2000.

No texto acima, fica evidente a relação de propriedade do jornal com uma elite social “classe alta”, e não somente isto, mas também o título de “coronel” é bastante significativo, se pensarmos em um período da história, onde as relações de comando dentro da política estavam inseridas, algumas vezes, dentro do contexto do coronelismo.

O desenvolvimento da imprensa em Uberlândia, no início do século XX, parece ter sido atrelado à setores ligados ao meio empresarial e político, se tratando assim, de um órgão com interesses específicos e particulares. Em outra citação extraída da mesma coluna de notícias encontramos o seguinte.

José Ozório, vendeu o jornal na década de 40, para um grupo de cotistas ligados à UDN: União Democrática Nacional, entre eles, João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos, e Alexandrino Garcia. Em 1952. Assumiu a direção Valdir Melgaço Barbosa, vereador e deputado estadual pela UDN. Por causa disso passou por momentos difíceis em 1954, quando o então presidente Getúlio Vargas se suicidou. Os correligionários do PTB, queriam invadir o jornal com a cavalaria. *O Correio de Uberlândia*, 06/02/2000.

O ano de 1972, de acordo com alguns depoimentos, parece ter sido um marco importante para o Jornal Correio de Uberlândia. É o momento em que ele dá um salto na reestruturação das máquinas, e passa a ser editado diariamente, já que antes ele circulava somente em três dias da semana.

A partir de 1971, o **correio** foi adquirido pelo jornalista Sérgio Martinelli. As máquinas linotipos foram reformadas e uma clichéria nova foi adquirida. Em 1986, o Grupo Algar assumiu o controle

acionário do jornal. Desde então passou por profundas transformações gráficas e editoriais até se firmar como o maior jornal da região do triângulo mineiro e alto Paranaíba. *O Correio de Uberlândia*, 06/02/2000.

Ao longo dos anos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a direção do jornal sofre alterações e a presença da família “Garcia”, já bastante conhecida hoje pelo empreendedorismo nos setores de telecomunicações, parece ter tido participação constante. Na década de 80, o Correio passa para o controle do grupo Algar, o que é relatado em uma matéria do ano 2000, como sendo um marco divisor de águas, em um processo “evolutivo”, típico de ideologias “positivistas” onde se tem a percepção enganosa de que automaticamente com o passar dos anos e o desenvolvimento das novas tecnologias, tudo ou quase tudo tende a se aperfeiçoar. São vários os elogios nesta mesma matéria, sobre a trajetória do jornal ao longo das décadas, como tendo contribuído decisivamente para a divulgação de notícias imparciais, que beneficiaram todos os segmentos sociais da cidade de Uberlândia.

“Quando ingressei no então Correio de Uberlândia, em 1972, fazíamos um jornal provinciano, sem nenhum recurso técnico, apenas bem impresso, e com uma paginação simples. Tínhamos clichêria própria, e isto nos dava condições de fazer um matutino ilustrado. Mas as matérias eram simples, como a vida da cidade. Um jornal inocente, sem matérias polêmicas, sem debates políticos quase um jornal social, onde um jantar do Rotary ou do Lyons, era assunto da manchete da primeira página”. *O Correio de Uberlândia*, 6/02/2000.

Algumas questões podem ser levantadas e repensadas à partir dos dizeres acima. Uma delas é que parece estar implícita a ideia de que antes de 1972, tudo era simples, atrasado, sem crítica política, do mesmo jeito que se mostrava a cidade, “provinciana”, isto nos dizeres do então redator chefe nos anos 2000, Fernando Quirino, que na matéria de comemoração dos 62 anos do Correio de Uberlândia, relembra como era o perfil do jornal nas décadas de 1950 e 1960.

Não havia nenhum recurso técnico, ou esta afirmação estaria carregada de comparações com as tecnologias mais recentes? Nestas duas décadas não haviam matérias que polemizassem a política, a vida cotidiana, os problemas que a cidade enfrentava de infra estrutura?, pelo menos é isto que a mensagem acima parece querer nos transmitir.

Há na imprensa muitas vezes, a ideia de que com o tempo tudo melhora, esquecendo-se de que cada época tem seus valores. Perspectivas unilaterais, sempre aconteceram antes da década de 1970 e ainda hoje estão aí presentes, nos diversos meios de comunicação de massa. São várias as matérias na década de 1960, que criticam a infra estrutura em vários bairros de Uberlândia, a própria televisão, e os programas que eram exibidos, porém é claro que em um período de repressão militar, a liberdade de polemizar infelizmente não era muito visível, mas isto não quer dizer que a partir de 1972, tudo mudou. Este espírito otimista em relação aos novos tempos é analisado na obra *História da Vida Privada no Brasil* pelos escritores João Manuel Cardoso de Melo e Fernando Novais.

Os mais velhos lembram-se muito bem, mas os mais moços podem acreditar: entre 1950,e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. Esse alegre otimismo, só contrariado em alguns rápidos momentos, foi mudando a sua forma. Na década dos anos 50 alguns até imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância. De 1967 em diante, a visão de progresso vai assumindo a nova forma de uma crença na modernização, isto é, de nosso acesso iminente ao “Primeiro mundo”. NOVAIS Fernando: 1998 p 560

A imprensa em Uberlândia, parece sempre ter estado atrelada a grupos empresariais e políticos da cidade, o que faz com que esta não seja inteiramente imparcial em suas opiniões e colocações, principalmente políticas. Há uma ligação entre a prosperidade da imprensa e o desenvolvimento da cidade, o que muitas vezes é percebido nas matérias que divulgam a inauguração de setores da área de comunicação, como o rádio, o jornal e a televisão. Esta última por sinal em seus primórdios sempre foi sinônimo de cidade grande, ou seja, sem ter as novas tecnologias visuais da televisão a cidade não poderia participar da grandeza de ordem e progresso da nação.

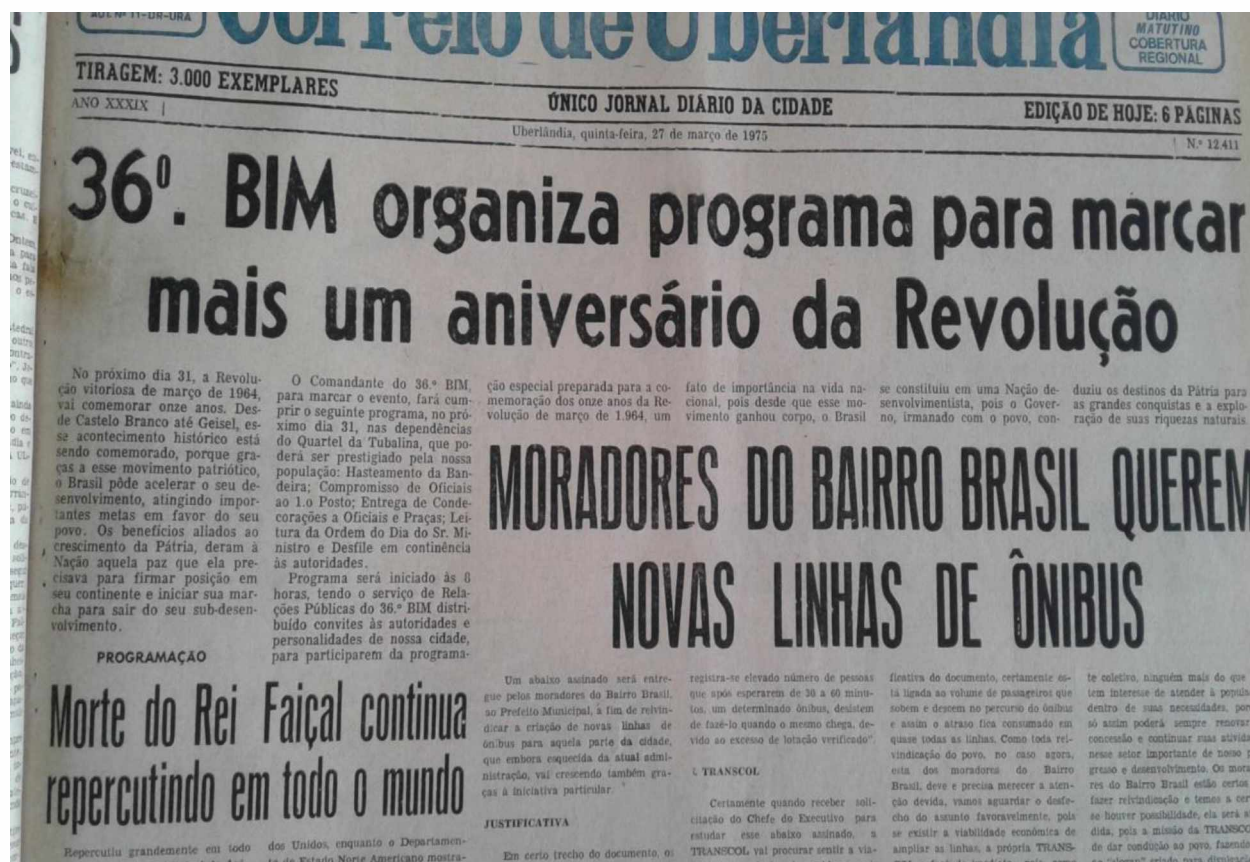
Estamos hoje num trabalho de transição, de uma imprensa provinciana, para um jornalismo moderno, vibrante, e porta voz de uma cidade. Temos todas as editorias e esmiuçamos

todos os assuntos, e todas as áreas das atividades humanas. Não podemos perder a característica de um jornal da cidade e região, mas temos que oferecer ao leitor, os destaques do noticiário nacional, com mais detalhes e informações do que o simples resumo que ele recebe pela televisão. Um jornal altamente profissional, para bater de frente com a grande imprensa brasileira. *O Correio de Uberlândia*, 6/02/2000.

Pude perceber em minhas pesquisas, que algumas vezes o jornal divulgava matérias comemorativas do que era chamado de “ A Revolução de 64”. Nestes comentários, mostrou-se de maneira latente, a conformidade entre o jornal e os ideais políticos da ditadura militar. Sempre evocando os novos tempos onde agora, a bagunça generalizada, o desemprego, e outras mazelas mais, eram coisas do passado, ou seja, antes da Revolução.

Na imagem de número 3, encontramos alguns dizeres que tratam o golpe como Revolução, um acontecimento que proporcionara à nação a oportunidade de desenvolvimento em todos os setores e o fim da bagunça social.

Fotografia 3. Matéria comemorativa do aniversário de mais um ano da Revolução de 1964.



Fonte: *Jornal Correio de Uberlândia*, 27/03/1975

No próximo dia 31, a Revolução vitoriosa de março de 1964, vai comemorar onze anos. Desde Castelo Branco, até Geisel, este acontecimento histórico está sendo comemorado, porque graças à este acontecimento patriótico, o Brasil pôde acelerar o seu desenvolvimento, atingindo importantes metas em favor do seu povo. Os benefícios aliados ao crescimento da Pátria, deram a nação, aquela paz que ela precisava para firmar posição em seu continente e iniciar sua marcha para sair do seu subdesenvolvimento. *O Correio de Uberlândia*, 27/03/1975.

A comemoração da tomada de poder pelas forças militares, em 1964, parece ter sido algo recorrente, nos anos posteriores ao golpe de 1964, tendo como agentes impulsionadores, o exército, órgãos ligados à política, escolas muitas vezes participavam, e isto era noticiado pelo jornal *O Correio de Uberlândia*, que impunha claramente opiniões favoráveis ao acontecimento.

Construía-se através dos meios de comunicação de massas, a ideia de que o povo de bem tinha sido na verdade protegido, do perigo comunista, da falta de emprego, e da desordem social. Eram os novos tempos que nasciam, gloriosos e cheios de esperança e de progresso, iniciando sua caminhada para o pleno desenvolvimento.

É também neste cenário social, que a televisão dá os seus primeiros passos, manipulada pelos homens que detinham o controle sobre ela, vivenciada por aqueles que, como expectadores, se deslumbravam com as imagens, e os conteúdos diversos, reelaborada de acordo com as diversas experiências culturais, individuais ou coletivas, enfim, falar dos primórdios da televisão no Brasil, é tentar pensá-la a partir do contexto cultural em que esta se encontrava em seus primeiros anos.

Em uma outra matéria do dia, 29 e 30 de março de 1975, além da tentativa de recuperar fatos históricos, quem a escreveu deixa claro que a necessidade da tomada de poder pelo exército em 1964, foi naqueles dias algo incontestável.

O suicídio de Vargas, dez anos antes do 31 de março de 1964, era o primeiro sinal de que a situação política brasileira, se encontrava num beco sem saída. O chamado “mar de lama”, que tomava conta do Catete, apontava como única solução honrosa para o ex-ditador, sair morto do poder. E ao tomar esta decisão extrema, Getúlio Vargas escreveu uma carta para a Nação, que demonstrava o apocalipse político no Brasil. A carta de Vargas abria os caminhos para a desordem e para a baderna. *O Correio de Uberlândia*, 29-30/03/1975

O autor da matéria segue opinando o tempo todo sobre os fatos acontecidos desde Vargas, passando pelo golpe de 1964, falando da voz do povo que apoiou o acontecimento através da “Marcha das Famílias”, o medo comunista, e encerra exaltando a maneira pela qual a paz social, foi conquistada, através do esforço heroico do exército e do povo.

No dia 31 de março de 1964, as tropas de Minas marcam a segunda inconfidência. E logo em todo o Brasil, os demais postos chave do exército Nacional se levantam. Era o fim de uma era de crises, de terror, de insegurança, de desmandos políticos. A paz social voltava, e com ela a realidade: Trabalho e desenvolvimento, que até hoje nestes onze anos, estão transformando a posição do Brasil no concerto mundial. *O Correio de Uberlândia*, 29-30/03/1975.

Convencer as massas, de que a tomada de governo por parte do exército, fora algo necessário para que o país não mergulhasse em um sistema político social “caótico” fez parte dos objetivos da ditadura militar, e para tanto se utilizaram dos meios de comunicação, a fim de alcançar êxito em tal objetivo. O autor Sérgio Mattos analisa este processo no livro *História da Televisão Brasileira*.

Essa política também exigiu a construção de um espírito nacional baseado na preservação das crenças, cultura e valores brasileiros. A fim de alcançar esses objetivos, o regime precisou de um meio de disseminação das ideias da nova ordem, ou seja, das aspirações e conceitos de desenvolvimento, paz e integridade do movimento revolucionário. Os meios de comunicação de massa se transformaram no veículo através do qual o regime poderia persuadir, impor e difundir seus posicionamentos, além de ser a forma de manter o *status quo* após o golpe. MATTOS Sérgio 2010: 39

Percebemos pela imagem 4, que além do jornal, veículo de grande circulação popular, a televisão também no início da década de 1970, servia como instrumento de propaganda ideológica por parte do governo, o que nos faz pensar que a utilização do meio tecnológico de televisão, como instrumento ideológico, foi algo corriqueiro nas décadas de 1960 e 1970.

A concessão de canais de televisão à grupos privados, era feita sob o aval criterioso do governo militar na época da ditadura, e isto ocorreu em Uberlândia, quando, em 1975, estava em vias de ser instalado aqui na cidade mais um canal de televisão, o canal 10. Até então a cidade contava apenas com uma opção, o canal 8. O Jornal da cidade, também noticiou este fato, e deixa transparecer nas entrelinhas da

matéria, o poder e interesse do governo no novo meio de comunicação popular que crescia em todo o território nacional.

Fotografia 4. Parte de uma matéria, comemorativa do aniversário da Revolução de 1964.

ausência de carne, feijão e leite no mercado. As crises eram motivo para novas greves e para uma tentativa de espiral salarial que não teria como parar.

Um estivador do cais do porto, ganhava mais do que um professor universitário.

No dia 13 de março de 1964, todas as forças da Confederação Geral de Trabalhadores, promoviam na praça fronteiriça a estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, o comício decisivo. A foice e o martelo eram os símbolos predominantes e os soldados do Exército Brasileiro ouviam calados as maiores ofensas à soberania nacional.

Dias mais tarde, os fuzileiros comandados pelo cabo Anselmo e os sargentos, numa reunião no Automóvel Clube, cometiam os maiores atos de insubordinação já registrados neste País.

A MARCHA COM DEUS

Já não havia mais dúvida, de que o Brasil tentava se cubanizar e caminhar pela senda vermelha do comunismo internacional.

convocado pelos que acreditavam na Democracia.

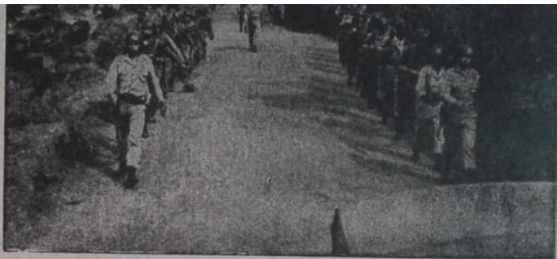
No dia 31 de março de 1964, as tropas de Minas marcaram a segunda Inconfidência. E logo, em todo o Brasil, os demais postos-chaves do Exército Nacional se levantam.

Era o fim de uma era de crises, de terror, de insegurança, de desmandos políticos.

A paz social voltava.

E com ela a realidade: Trabalho e desenvolvimento.

Trabalho e desenvolvimento que até hoje, nestes onze anos, estão transformando a posição do



Brasil no concerto mundial.

Por isso, a importância do 31 de março, não apenas como uma vitória dos que tiveram coragem de expulsar os comunistas de

nossa Pátria, mas também porque, sob sua proteção, tivemos paz e segurança para mostrar ao mundo nossa capacidade de trabalho e de progresso.

Governo faz amanhã programa na TV

comemoração ao 31 de março, 11.º Aniversário da Revolução Democrática de 1964. Além da presença de parlamentares da

ARENA, a programação inclui uma apresentação da Orquestra Sinfônica Brasileira.

Fonte: *O Correio de Uberlândia*, 29/03/1975

O responsável pela pasta das comunicações, quer no seu pronunciamento de improviso, quer na sua fala informal e amiga com Ary de Castro Santos, quando no final da sessão solene de assinatura do contrato de concessão, demonstrou confiança no empreendimento, afirmando entre outras coisas, que o governo sabia a quem estava entregando esta grande responsabilidade, pois o curriculum vitae de cada um dos membros da direção da nova empresa, trazia uma personalidade capaz de produzir os efeitos que este importante veículo de comunicação, vai representar para o fortalecimento do crescimento e o progresso de uma região importante como esta do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. E ao finalizar deixou o Ministro Euclides Quantid de Oliveira, patente a confiança do governo nesse grupo, pois os homens que a integram, passaram por toda a triagem e todos tiveram a aprovação de liderar um empreendimento importante e de alta ressonância na massa popular. *O Correio de Uberlândia*, 12/03/1975.

A frase, *“O governo sabia a quem estava entregando esta grande responsabilidade”*, demonstra como eram feitas na época no Brasil, e em Uberlândia, as concessões, para que uma empresa pudesse deter o controle de um canal de televisão, necessário era que aqueles que se dispusessem à tal empreendimento, passassem por uma triagem rigorosa e recebessem a aprovação e confiança do governo brasileiro.

A televisão é vista como um importante veículo de alta ressonância na massa popular, e é claro que o governo militar se importava muito com este fator naqueles tempos de forte imposição ideológica. O progresso e o desenvolvimento da região dependiam de um acordo de ambas as partes, antes que fosse feita a concessão do novo canal de televisão para a cidade de Uberlândia, conforme a imagem do momento da assinatura.

A TV Triângulo, bem como setores políticos e empresariais, receberam um “mandato”, e agora deveriam honrá-lo, esta é a mensagem do título da matéria. Honrar para quem? Para o povo de Uberlândia ou para os ideais do governo federal?, o fato é que, seria ingênuo pensarmos que tanto o jornal, como a televisão, traz consigo, na sua história de nascimento e ascensão, a imparcialidade e isenção quanto aos conteúdos que são propagados e veiculados em suas matérias. A televisão, neste sentido se torna objeto de apropriação, onde a intenção é a propagação ideológica, que trazia em si mesma, a essência de um modernismo apregoador o tempo todo pelo governo federal.

Fotografia 5. Imagem mostrando a assinatura de concessão de mais um canal de televisão para a cidade de Uberlândia.



Fonte. *Jornal de Uberlândia*, 12/03/1975

No início da década de 1960, as discussões sobre a possibilidade de se instalar os primeiros aparelhos reprodutores de sinal televisivo na cidade de Uberlândia, já se avolumavam entre as conversas daqueles que estavam envolvidos nos processos progressistas da cidade, dentre estes destacam-se os nomes de Adib Chueiri, um técnico na área de comunicação, Durval Teixeira, que fazia parte do corpo de vendas e contatos da CEGEB(Companhia de Empreendimentos Gerais do Brasil), e o empresário Edson Garcia Nunes.

Chueiri, após visitar vários nomes do empresariado uberlandense a fim de conseguir apoio para a instalação de uma emissora na cidade, encontra-se com Durval Teixeira que o encoraja a procurar o então empresário Edson Garcia Nunes, como sendo aquele que poderia comprar a ideia e apoiar financeiramente.

A reunião foi até a noite, com a exposição do plano de Chueiri. “Foi uma noite memorável”, diz Durval Teixeira. Garcia gostou da ideia, mas achou que seria melhor se dedicar a retransmissão do sinal da TV Tupi, assim como acontecia em Uberaba e para isso, trabalhar a venda de aparelhos de televisão para levantar um fundo financeiro e, mais tarde, instalar a emissora local ou inserir o equipamento na torre de retransmissão do sinal, atendendo publicitariamente à cidade e região.” Revista Almanaque, 2014, agosto. Pg: 36

Neste tempo, o sinal da TV Tupi de São Paulo, já estava sendo transmitido para Uberaba, e foi assim que iniciou-se a criação da primeira rede de retransmissão de televisão em Uberlândia, através de um encontro de “negócios”, tendo como sócios além dos três nomes da conversa do texto acima, a pessoa de Juarez Garcia Nunes. Era no final de 1962, momento em que a cidade de Uberlândia vivenciava várias transformações sociais e era tida como a joia do triângulo, como a cidade promissora do triângulo mineiro, momento em que os primeiros grandes edifícios chamavam a atenção e apontavam não somente para os céus, mas para um presente promissor de novas mudanças físicas e culturais. Em um anúncio do jornal O Correio de 1964, há uma referência à construção de um importante edifício.

Uberlândia cresce verticalmente, “sonha com os arranha céus”. Crédito Real vai nos dar Arranhacéus. O Banco de Crédito Real construirá em Uberlândia um luxuoso e moderníssimo edifício de 15 pavimentos, local onde está

situada a sua agência e inspetoria. *O Correio de Uberlândia*, 22/23-2-1964

Portanto, iniciavam-se, de maneira muito precária, os primeiros esforços de captação do sinal que partia de Buritizal para Uberaba, a fim de conseguir a melhor região onde este pudesse ser localizado. Algumas pessoas saíam em uma Kombi, com diversos aparelhos, no que eles chamavam de “caça ao sinal”, até conseguirem alcançar o objetivo. As frequências se davam apenas em um período determinado de tempo, e por isto as transmissões tinham o seu horário pré-determinado.

Este foi o período de caça ao sinal, porque implicava necessariamente em pesquisar os locais em que o sinal transmitido pela estação retransmissora de Buritizal, para Uberaba chegava com mais clareza, diz Durval Teixeira que curiosamente vendeu a primeira cota de participação nas instalações das torres de retransmissão para o atual dono e diretor da TV Integração, Tubal Vilela de Siqueira, no valor de Cr\$15,00(quinze cruzeiros). Revista Almanaque 2014 Agosto. P:37

A televisão na verdade nascia, em um ambiente preponderantemente dominado pelo rádio, que ainda ocupava o lugar principal na sala de visita dos lares uberlandenses e também na preferência como objeto que proporcionasse momentos de lazer e descontração, isto parece se evidenciar em uma coluna do Jornal Correio de Uberlândia, da década de 60, intitulada “ Divertimentos”, onde os principais destaques são: rádio, cinema, e televisão.

Deve-se levar em conta que desde meados de 1940, o rádio já vinha se tornando bastante popular nos lares, a com a chegada da televisão no início ele ainda não perderia seu status, talvez devido à vários motivos como, o preço do produto, e o fato de que o funcionamento e retransmissão das imagens televisivas nos primeiros anos se mostravam bem precários, despertando em muitos, dúvidas sobre sua eficácia e funcionalidade.

As primeiras experiências de instalação e captação de imagens na cidade de Uberlândia, trazem consigo todo o sonho de um projeto que se iniciava muito timidamente, porém, que em muito pouco tempo cresceria e tomaria um vulto de extensão e influências inimagináveis. De acordo com relatos da época, o trabalho era quase que amador, desmistificando o pensamento de que o impacto da televisão no

Brasil e nas cidades do interior as quais esta novidade chegava, foi algo brusco e de altos investimentos. De acordo com relatos extraídos da revista *Uberlândia Ilustrada* de agosto de 2014:

Nós compramos também uns transmissor em Pouso Alegre, onde tinha, faculdade de Engenharia Elétrica. Como ainda estávamos construindo o edifício Valentina, levamos este transmissor para o último andar do prédio e fizemos a primeira imagem, de uma forma muito precária, disse Wilson Ribeiro, que nesse dia entrevistou Dom Almir Marques Ferreira, o primeiro bispo da Diocese de Uberlândia. As primeiras tentativas de transmissão não foram exatamente como o esperado e as imagens chegavam distorcidas e sem muita definição. Revista Almanaque 2014, agosto. P: 37

Da mesma forma que a televisão surge em um ambiente aparentemente dominado pelo rádio, outro meio audiovisual parece ter contribuído para que as expectativas em torno da nova tecnologia se avolumassem até se tornarem realidade. O cinema já era um velho conhecido do público, e suas origens entrelaçam-se com o final do século XIX e a aurora do século XX. O cinema trazia consigo o fascínio pelas imagens em movimento, e posteriormente a agregação das vozes, criando um ambiente ao mesmo tempo fictício, porém para muitos, bem próximo do real.

No mundo tecnológico pós segunda guerra mundial, parece ter sido prerrogativa de cada nova tecnologia que surgisse, trazer em si mesma um certo teor de desenvolvimento tecnológico em comparação com seus antecessores. O automóvel veio “melhorar” a vida das pessoas que antes se locomoviam através de veículos mais lentos, O telefone acrescentaria o que o antigo telégrafo não poderia fazer, a televisão, surge como uma junção entre o rádio e o cinema, povoando o imaginário coletivo em torno de suas possibilidades. A autora Marialva Carlos Barbosa, no livro *História da Televisão no Brasil* comenta sobre essas características únicas da televisão.

Tecnologia que insere, definitivamente, o país na modernidade; possibilidade decorrente da capacidade inventiva do homem, ampliação da reprodução sobre a forma de verdade das imagens do mundo, meio mais completo do que a radiotelegrafia, que permitiu a eclosão das ondas sonoras nos espaços domésticos: essas são algumas das formas com que se caracteriza o novo meio. Imersa numa imagem de sonho, na qual aparece materialmente como próximo ao rádio e ao cinema, um misto dos dois, a televisão antes de ser materialidade povoou o imaginário da população, criando o que estamos chamando de uma imaginação televisual. BARBOSA, 2010: 16

A televisão acrescentaria um novo aspecto, o da manipulação das diversas realidades sociais trazendo-as para dentro dos lares aproximando das pessoas um mundo mais familiar do que aquele das telas de cinema. As novelas aos poucos mostravam personagens que pareciam se identificar com as pessoas comuns, os programas musicais traziam os rostos das vozes que as pessoas estavam já acostumadas a ouvir nos rádios, e isto acrescentando-se a possibilidade de não ter que sair do conforto da própria casa. Em anúncio do Jornal Correio de Uberlândia, de 17 de Janeiro de 1960, encontramos a seguinte citação:

Tv concorrerá com o cinema. Longe de dúvidas a instalação de microondas em Uberlândia, além dos acentuados benefícios que nos trará com a dinamização das comunicações telefônicas, fará vir até cidade jardim as imagens televisionadas das emissoras de São Paulo. Com a instalação dos televisores, um concorrente poderoso surgirá para os cinemas, já que o Uberlandense sem se cansar, sem suportar fila, sem ser obrigado a vestir terno e gravata e pagar caro, de dentro de casa, verá filmes bons, jogos de futebol, programas de perguntas e ainda verá movimentando-se seus artistas prediletos. *O Correio de Uberlândia*, 17/02- 1960

É notória a tentativa do anúncio, de chamar a atenção para as possibilidades em torno do novo aparelho, a comodidade e informalidade do lar, a economia que seria feita após a aquisição do mesmo, e a gama de programas oferecidos. A propaganda tem o poder de ir moldando opiniões, se não de maneira homogênea pelo menos em grande e efetiva medida, ela vai percorrendo longos espaços públicos e privados, através da fala de seus interlocutores, aqueles mesmos que nas horas vagas sentam-se nos portões das casas, nas mesas de bares, ou em bancos de praças para conversar.

Em abril de 1960 em Uberlândia, fora anunciada, uma transmissão para aqueles que possuíam aparelhos de TV na cidade, com o auxílio de um avião da VASP, mostrando imagens da inauguração de Brasília. Isto seria feito na medida em que a aeronave sobrevoasse a cidade com aparelhos próprios para o feito. Porém um anúncio logo posterior, parece indicar que por motivos vários não foi possível efetivar a transmissão.

A Vasp, conforme anunciamos na edição passada, sobrevoará hoje a cidade com equipamentos de transmissão de TV das solenidades inaugurais de Brasília. Todavia, frequências em megaciclos e outros

desencontros técnicos não permitirão a recepção das imagens televisionadas da nova capital. *O Correio de Uberlândia* _04/1960

Portanto no início da década de 60 a televisão ainda não era uma realidade concretizada aos moradores de Uberlândia, mas apenas prenúncios de uma possibilidade. A geladeira, a máquina de costura, o rádio, e outros mais já faziam parte do dia a dia das pessoas, mas a televisão estava nascendo ainda, dando seus primeiros passos em direção à um futuro incerto mas com certeza promissor.

A partir de 1964, parece que este quadro vai se transformando cada vez mais, o que é percebido nos anúncios de vendas do jornal o Correio. A televisão começa a ser considerada um objeto valioso a ser possuído. Ela se torna algo a ser sorteado e um prêmio de alto valor. O Correio, 3 de agosto de 1964.

“A Rádio Máquinas entrega mais um valioso prêmio para cliente. A informação do diretor presidente de Rádio máquinas, foi prestada quando o Sr. João Juvêncio Doca, fazia a entrega de um televisor EMPIRE 23 ao Sr. Alaor Pereira Espíndola, que representava o verdadeiro dono do aparelho.” *O Correio de Uberlândia*, 3/08/1964

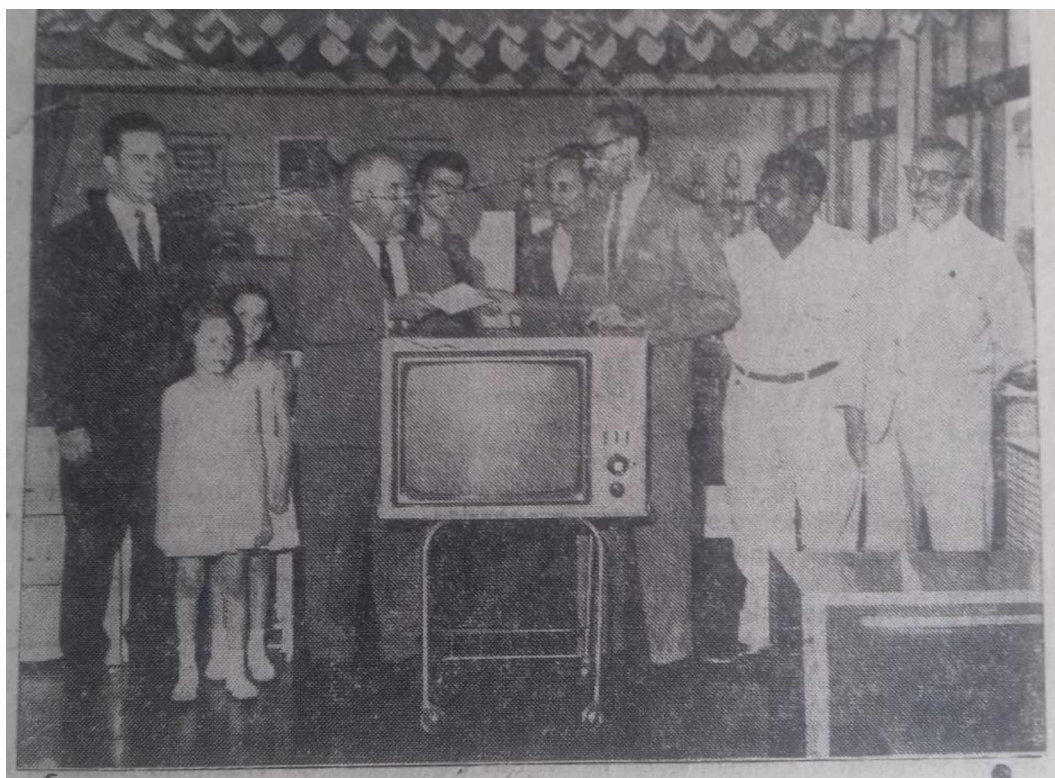
Em meados de 1964, o anúncio de uma página inteira se repete em várias edições com imagens do aparelho e dizeres atraentes, convocando para a compra do mesmo. Já não é mais o anúncio modesto e discreto dos anos anteriores, mas agora ocupa espaço privilegiado, o que isto nos indica sobre a importância do aparelho naquele momento?.

Apesar de as transmissões efetivas de televisão com sede própria terem iniciado em 1964, percebesse-se que antes mesmo deste ato, já havia o impacto causado pela “possibilidade”, pois devemos pensar que toda força impactante gera-se e inicia-se antes mesmo do contato físico sensorial. Notícias sobre a televisão, corriam por toda parte, através dos jornais, revistas e outros meios, divulgando sobre a instalação de redes de transmissão nas principais capitais do país, criando um ambiente de expectativa.

A chegada da televisão em Uberlândia, faz parte de um processo social que parece ter ocorrido simultaneamente em várias regiões, em meio à um mundo cada vez mais imerso nas novas tecnologias, e nas promessas de bem estar.

A partir de 1965, pelas páginas do jornal *Correio de Uberlândia*, percebe-se a presença de uma grade de programação específica, anunciada diariamente. Neste momento intensificam-se os noticiários, bem como os espaços de propaganda envolvidos com as transmissões de programas locais. A grade de programação iniciava-se ao final de tarde e início da noite, tendo seu encerramento pré-determinado para as 23 horas com possíveis alterações. A grade trazia atrações adultas e infantis, misturadas, com telejornais, teleteatros, programas de entrevistas e outros mais. Há que se perguntar, quem eram os leitores do *Jornal Correio de Uberlândia* nesta época?, apenas uma pequena elite da população ou mais pessoas tinham acesso à tais informações?.

Fotografia 6. Imagem mostrando a entrega de um aparelho de TV, em Uberlândia, concedido através de um sorteio.



Fonte. *O Jornal Correio de Uberlândia*, (1964)

Fotografia 7. Grade de programação do ano de 1965, anunciada pelo jornal local da cidade de Uberlândia, mostrando programas variados.

SEGUNDA FEIRA	TERÇA FEIRA	QUARTA FEIRA	QUINTA FEIRA	SEXTA FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
18:00 — AVE MARIA	18:00 — AVE MARIA	18:00 — AVE MARIA	18:00 — AVE MARIA	18:00 — AVE MARIA	18:00 — AVE MARIA	18:00 — AVE MARIA
18:10 — TV NOS ESPORTES	18:10 — ESPORTES	18:10 — TV NOS ESPORTES	18:10 — ESPORTES	18:10 — TV NOS ESPORTES	18:10 — ESPORTES	18:10 — TV NOS ESPORTES
18:20 — VAMOS APRENDER INGLÊS	18:20 — PANORAMA PANAMERICANO	18:20 — VAMOS APRENDER INGLÊS	18:20 — PANORAMA PANAMERICANO	18:20 — VAMOS APRENDER INGLÊS	18:20 — PANORAMA PANAMERICANO	18:20 — VAMOS APRENDER INGLÊS
18:50 — ALEMANHA DE HOJE	18:40 — O TERCEIRO HOMEM	18:50 — ALEMANHA DE HOJE	18:40 — O TERCEIRO HOMEM	18:50 — ALEMANHA DE HOJE	18:40 — O TERCEIRO HOMEM	18:50 — ALEMANHA DE HOJE
19:25 — CARICATURAS DO MUNDO	19:15 — CARICATURAS DO MUNDO	19:25 — CARICATURAS DO MUNDO	19:15 — CARICATURAS DO MUNDO	19:25 — CARICATURAS DO MUNDO	19:15 — CARICATURAS DO MUNDO	19:25 — CARICATURAS DO MUNDO
19:35 — IVANHOE	19:25 — CARMEM LUCIA CANTA	19:35 — IVANHOE	19:25 — CARMEM LUCIA CANTA	19:35 — IVANHOE	19:25 — CARMEM LUCIA CANTA	19:35 — IVANHOE
20:10 — A CRÔNICA DA CIDADE	19:55 — A CRÔNICA DA CIDADE	20:10 — A CRÔNICA DA CIDADE	19:55 — A CRÔNICA DA CIDADE	20:10 — A CRÔNICA DA CIDADE	19:55 — A CRÔNICA DA CIDADE	20:10 — A CRÔNICA DA CIDADE
20:20 — NOVELA OU MUSICAL	20:00 — O TEXANO	20:20 — NOVELA OU MUSICAL	20:00 — O TEXANO	20:20 — NOVELA OU MUSICAL	20:00 — O TEXANO	20:20 — NOVELA OU MUSICAL
20:50 — INTERPOL CHALAMANDO	20:35 — PINGUINHOS DA HISTÓRIA	20:50 — INTERPOL CHALAMANDO	20:35 — PINGUINHOS DA HISTÓRIA	20:50 — INTERPOL CHALAMANDO	20:35 — PINGUINHOS DA HISTÓRIA	20:50 — INTERPOL CHALAMANDO
21:25 — PRAÇA TEMPO STRIP		21:25 — PRAÇA TEMPO STRIP		21:25 — PRAÇA TEMPO STRIP		21:25 — PRAÇA TEMPO STRIP
21:40 — TV JORNAL		21:40 — TV JORNAL		21:40 — TV JORNAL		21:40 — TV JORNAL
22:55 — ENCERRAMENTO		22:55 — ENCERRAMENTO		22:55 — ENCERRAMENTO		22:55 — ENCERRAMENTO

Fonte. *O Correio de Uberlândia*, ano (1965)

Por certo que neste período, não se pode considerar que a maioria da população de Uberlândia possuía o aparelho de TV. Porém, não se deve desconsiderar o poder de propaganda que os veículos de comunicação desempenharam em relação à TV, no caso desta pesquisa *O Jornal Correio de Uberlândia*, que propagava os benefícios tecnológicos do novo aparelho que chegava aos poucos no meio social da cidade.

A programação anunciada no Jornal Correio de Uberlândia, não obedecia à uma organização inalterada, podendo ser mudada sem aviso prévio, o que realmente ocorria muitas vezes, salientando o caráter experimental dos trabalhos televisivos neste momento da história da cidade.

A parti da inauguração da TV Triângulo Canal 8 na cidade, em 1964, nota-se um intensivo esforço do *Jornal Correio de Uberlândia*, de reservar em suas páginas um espaço para propaganda sobre o novo momento de telecomunicações que Uberlândia estava vivenciando. No início uma das atrações eram sem dúvida os teleteatros que aliás eram comentados em uma coluna específica do jornal intitulada "Divertimentos". Em 16/02/1965, a coluna trazia o seguinte texto: "*O Teleteatro de Suspense de Edvaldo Brito, é o ponto alto de hoje na programação ao vivo da TV canal*

8. Uma nova e arrepiante peça será interpretada hoje pelo elenco C-8 com Cleusa Soares, Gilberto Mérola, Mário Guimarães, Luiz Humberto e outros.

Outro tipo de programação que parece ter sido uma das principais atrações no início da televisão foram os filmes, geralmente estrangeiros, anunciados constantemente como um chamariz a mais para os possíveis telespectadores. Assim como hoje as novas tecnologias seduzem pela capacidade de oferecer coisas que não serão encontradas em nenhum outro lugar, nas décadas de 1960 e 1970 por certo que a televisão surgia como um destes promissores meios tecnológicos, que parecia mudar completamente a vida das pessoas principalmente no âmbito familiar, levando a extensão destas mudanças para outros aspectos da vida social como um todo.

Na década de 1960 os filmes a serem exibidos na televisão eram anunciados no jornal como se fossem anúncios de filmes em cartaz no cinema, como pode-se constatar pela foto 8. Mostrava-se uma cena com os protagonistas, ora em um movimento romântico, ora em gestos agressivos, dependendo da natureza da produção, e ao lado ou embaixo do cartaz haviam palavras de propaganda que tentavam atrair a atenção das pessoas como é o caso do cartaz abaixo veiculado no periódico de 19/02/1965 do *Jornal O Correio de Uberlândia*. Nota-se que evidencia-se, no cartaz, os nomes das “estrelas” hollywoodianas como grandes ‘produtos’ a serem consumidos.

Fotografia 8. Imagem mostrando o anúncio de um filme a ser exibido pela televisão em Uberlândia.



Fonte. *O Correio de Uberlândia*, (1965)

Percebe-se pelo modelo do cartaz a semelhança com os anúncios que eram colocados nos halls dos cinemas, com estrelas ao redor e a imagem dos atores principais acompanhados de dizeres sobre o drama. A televisão em alguns aspectos parece ter herdado do cinema certas características, ou pelo menos, tentou se firmar oferecendo alegrias e prazeres que antes só o cinema poderia oferecer, e ainda com o acréscimo de uma quantidade maior de programas. Não é de se admirar que já no final da década de 1970 e início dos anos 1980, a tv já era o principal veículo de comunicação de massa.

Os dizeres na parte superior do cartaz, exaltam o aspecto do “novo” característica aliás intrínseca a toda tecnologia que aparecia em meados do século XX, ao dizer: “pela primeira vez no Brasil, filmes em longa metragem direto do cinema para a TV” era como um convite ou um aviso de que daquele instante em diante, a televisão poderia proporcionar tal diversão. Seria a televisão concorrendo com o cinema ou apenas utilizando de seus atributos para se auto propagar?. O fato é que, verifica-se hoje que o cinema não desapareceu, após o surgimento da televisão, porém percebe-se uma forte ligação entre os dois veículos de comunicação, seja na linguagem normativa, na estética e nas temáticas.

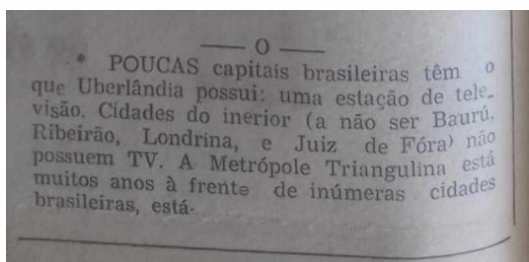
Alguns aspectos técnicos do cinema, também são visíveis na televisão, as imagens associadas ao som, por certo é o mais forte deles, outra característica que a TV logo incorpora do cinema são os filmes, exibidos logo nos primeiros anos de inserção da televisão no Brasil. Assim de certa forma para quem adquirisse o aparelho de televisão, era como ter constantemente um “cinema” dentro de sua própria casa.

Muitos destes filmes, possuíam na sua origem os Estados Unidos, e portanto, imprimiam de maneira lenta e imperceptível nas vidas individual e coletiva das pessoas, um tipo de “padrão” estadunidense de consumo e de sociabilidades. Modelos que haveriam de influenciar decisivamente o modo cultural de vivência em algumas partes do país principalmente nos centros urbanos, do corte de cabelos, às vestimentas, muitas outras assimilações seriam incorporadas ao estilo de vida do brasileiro comum.

Em um anúncio do mês 7/1965 Uberlândia é exaltada como uma cidade que está à frente de muitas outras do interior do país com respeito às transmissões de

sinais televisivos para outras regiões. Conseguir sair à frente, dominando esta nova tecnologia era indício de sucesso político, o que sem dúvida nenhuma parece ter sido trabalhado pelas elites locais da época.

Fotografia 10. Comentário da coluna Divertimentos, sobre a proeminência da cidade de Uberlândia na região, por possuir uma estação de televisão.



Fonte. *O Correio de Uberlândia*, Julho de 1965

“poucas capitais brasileiras têm o que Uberlândia possui...,” era o novo meio de comunicação sendo usado também para fazer propaganda da administração da cidade que estava à frente de muitas capitais. Verdade ou não, o fato é que na mentalidade de algumas pessoas, Uberlândia não se despontava como qualquer cidade, isto nos fala de um poder de persuasão que os meios de comunicação de massa passariam a ter dali em diante, poder de influenciar pensamentos e opiniões.

Os anúncios modestos das décadas de 1963 e 1964 não são os mesmos à partir de 1965, onde se verificam anúncios com ofertas de vendas de televisores com fotos, algumas cobrindo uma página inteira, atraindo de diversas formas os compradores para as determinadas lojas. O quê isto nos indica? Se não um aumento repentino nas vendas e na propagação do produto, pelo menos uma nova visão promissora em relação ao mesmo. Aqueles que fabricavam e vendiam os aparelhos viam-no agora como um real concorrente para os antigos xodós da população, como a máquina de costura, a geladeira e o rádio.

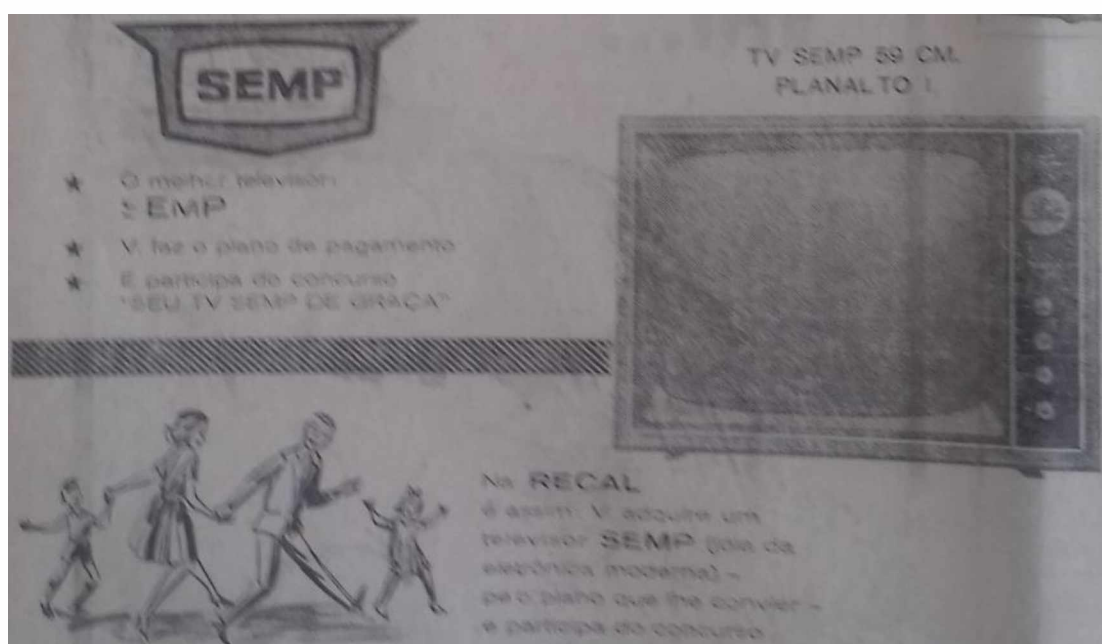
Estes anúncios muitas vezes são acompanhados de modelos de famílias, que remetem à um estrangeirismo em seus aspectos formais, como na fotografia 11. Por certo que neste momento ainda a televisão era algo para uma pequena classe de

abastados, pessoas que possuíam as condições necessárias para comprar a mesma, pequenos comerciantes, empresários enfim, uma classe separada.

É comum que novas tecnologias, não sejam inicialmente adquiridas pela maioria da população, e sim, para quem tem o poder do dinheiro em suas mãos. Com o tempo e seguindo as lógicas de oferta e procura do mercado capitalista, onde aumenta-se a concorrência em torno de um mesmo produto, tendendo a baratear o preço final, ocorre a popularização do aparelho.

Deve-se lembrar que no Brasil, principalmente no período das décadas de 1960 e 1970, o governo nacional incentivou, através de linhas de crédito, a compra de eletrodomésticos. Isto trazia uma sensação de euforia e bem estar geral, contribuindo para que os ideais de ordem, progresso e pertencimento nacional, pudessem se concretizar na mentalidade coletiva como um todo.

Fotografia 11, imagem ilustrativa de propaganda de uma empresa distribuidora de aparelhos de TV



Fonte. *O Correio de Uberlândia*, (1965)

A imagem acima, representa a alegria com que a família toda se apressa em comprar o que está sendo ofertado pela Recal, um televisor SEMP com toda a sua potencialidade, chama-nos a atenção também, os aspectos comportamentais de uma época. O pai usando terno, a mãe um vestido típico, e as crianças trajando roupas que

remetem à um nível social mais abastado. É claro que apenas uma família que seguisse os padrões de uma sociedade que estabelecia constantemente alvos exemplares de vida social, poderia adquirir sua primeira televisão.

A figura se parece aliás, com muitas imagens de propaganda que tem sua origem nos Estados Unidos. Pessoas de pele “clara”, o corte de cabelo da mãe, os vestidos e o terno do pai. As propagandas desde os seus primórdios, estão associadas à modelos individuais e coletivos, não sendo de forma nenhuma imparciais neste sentido. Elas são induzidas por grupos capitalistas, que possuem objetivos específicos de venda, não propiciam nada ou quase nada de liberdade de escolha ao expectador quanto ao conteúdo da mesma, a não ser aquela desencadeada por processos críticos de visão de mundo, o que tem se tornado muitas vezes algo raro, em uma sociedade onde os veículos de comunicação de massas, raramente se preocupam com a opinião crítica, mas sim com o poder de sedução das imagens de propaganda.

A chegada da televisão no Brasil, coincide com a influência da publicidade norte americana, através das multi-nacionais que aqui se instalam, e que buscam impor toda uma ideologia de consumo sobre população através das imagens publicitárias. O escritor Sérgio Mattos, aborda o tema da influência dos Estados unidos na publicidade brasileira, e a maneira como a televisão em seu início se torna alvo de interesses do mercado publicitário estadunidense.

Escrevendo sobre a publicidade no Brasil, Allan Wells disse que as indústrias locais, bem como os exportadores de países desenvolvidos, estavam interessados em colocar seus anúncios na televisão. De fato, uma agência de publicidade, observou que seus clientes brasileiros, mais cosmopolitas do que os “modernos” estrangeiros, proporcionalmente gastavam mais em televisão do que seus clientes americanos. “Fabricantes locais usando a mídia televisão para anunciar, provavelmente são, ou americanos e subsidiárias estrangeiras, ou as modernistas companhias domésticas que suprem o setor de consumo”. MATTOS Sérgio, 2010: 44

Fotografia 12. Imagem ilustrativa, mostrando uma família estadunidense reunida de frente para o aparelho de TV,



Fonte. 1940s or 1950s RCA PHOTO

As primeiras grades de programação que eram repetidamente anunciadas no jornal *O Correio de Uberlândia*, tinham na sua abertura, a apresentação da música clássica religiosa “Ave Maria”, o que nos leva a pensar, nas semelhanças com o rádio, já que em alguns programas, a introdução da mesma música, era também algo comum. Logo após iam sendo distribuídos os programas com horários e temas variados. Abaixo segue um pequeno esquema de uma programação, veiculada no Jornal *O Correio de Uberlândia* do dia 06/02/1965.

18:10 Tv nos esportes, 18:20 Mestre Cuca, 18:50 O Pica Pau Shou, 19:25 Caricaturas do mundo, 19:35 Seu encenquinho, 19:50 A Crônica da Cidade 19:55 As Memórias de Churchill, 20:30 Musical Canal 8, 21:10 Sociais, 22:40 Teleteatro, 23:10 Silhuetas dentro da noite, 23:20 Encerramento, boa noite. Alguns programas poderiam se manter por vários dias ou meses, mas outros eram alterados talvez procurando se adaptar às exigências do público, assim como os teleteatros que perduraram por um bom tempo até serem substituídos, ainda na década de 1960, pelas novelas nacionais que caíam em pouco tempo nas graças e no gosto popular.

Em alguns momentos do ano de 1965, encontramos notas do jornal exaltando o novo tempo no qual Uberlândia se inseria com a chegada da televisão. Sempre associando, a um imenso benefício para a cidade e para as pessoas que teriam o privilégio de ver programas com “gente nossa” com nitidez de imagem e som. É claro que a propaganda tem o poder de ocultar os problemas, já que estes não podem aparecer pois prejudicam o resultado final, que é o de alicerçar o convencimento nas mentes da grande população. Em uma destas notas encontramos:

Uberlândia tem sua estação própria de televisão, canal local. Isto para os uberlandenses é um privilégio. Podemos ver gente nossa, programas nossos, com nitidez de imagem e som. Outras cidades que tem a televisão através da repetição de imagem e som, sofrem um autêntico martírio pelas deficiências que o sistema de repetição acarreta. Felizmente temos o esforço da equipe do canal 8, e temos televisão todas as noites, nítida, perfeita, exata. Disso nos orgulhamos. *O Correio de Uberlândia*, 27/04/1965

Em vários trechos extraídos do *Jornal Correio de Uberlândia*, à partir do ano de 1964, percebemos a clara tentativa, de se criar uma identidade para a cidade de Uberlândia, utilizando-se da TV Triângulo canal 8. As expressões “gente nossa”, “programas nossos”, se referem ao fato de que, muito do que se produzia como programação na década de 1960, era feito com pessoas da própria cidade, ou regiões próximas.

Os teleteatros, contavam com diretores da própria cidade de Uberlândia, cantores que se apresentavam durante os programas, entrevistas eram feitas com personalidades locais, e isto tudo no início era bastante exaltado pelo *Correio de Uberlândia*, evidenciando o desejo da imprensa local de engrandecer não somente o papel da TV Triângulo, mas a própria cidade que despontava como uma promissora região de intercâmbio comercial com outras regiões do país.

Porém o texto representa uma situação um tanto quanto idealizada na forma em que é dita nas linhas gerais. A frase “Temos televisão todas as noites, nítida, perfeita e exata, não condiz com a realidade, e esta é revelada dentro das próprias páginas do *Jornal O Correio de Uberlândia*.

Vozes dentro do estúdio da TV Triângulo, atrapalham os programas. A direção precisa ensinar certos “visitantes”, a fazer silêncio com os programas no ar. *O Correio de Uberlândia* 25/03/1965

O pequeno texto acima, é apenas um dentre muitos que mostram que os problemas relacionados às operações técnicas no que se refere às transmissões de imagem e sinal, eram muitos. Isso acontece em todo o Brasil, na fase inicial da televisão, e também na cidade de Uberlândia, assim não seria possível o ter televisão todas as noites sem nenhuma interferência. Mas na tentativa de comparar Uberlândia

com outras cidades, o autor da matéria idealiza algo que não corresponde ao que acontecia de fato.

A primeira telenovela que se tem notícia, logo após a instalação da TV Triângulo, foi no formato de teleteatro, e tinha como produtor, alguém ligado à cidade de Uberlândia, que já tinha feito vários trabalhos na rádio local, e é chamado nas páginas do *Jornal o Correio de Uberlândia*, pelo nome de Dantas Ruas.

Amanhã, a TV Triângulo, estará fazendo o lançamento da sua primeira telenovela, “Do Fundo do Cárcere”, um original de Dantas Ruas, com Cleusa Soares, Luiz Humberto, Ione Daibert, Nalva Aguiar, Darcy José, Fraga Filho e outros mais. O Correio de Uberlândia, 18/09-03-1965

Em uma coluna intitulada “divertimentos”, percebemos comentários sobre as programações diárias, bem como a natureza dos programas. Às vezes aparecem algumas críticas em relação a programas ruins, sinais que não estariam nítidos e alterações na programação sem aviso prévio, que estariam atrapalhando o jornal na elaboração de uma grade prévia de programações. Em meados de julho de 1966 há uma interrupção nos anúncios da grade de programação e o motivo é mencionado na coluna do dia 28/07/1966.

“Não temos publicado a programação diária da televisora local, porque a programação diária da televisora local não funciona certo, há alterações que não permitem um roteiro certo.” O *Correio de Uberlândia*. 28/07/1966

Em outro momento as críticas eram no sentido contrário, reforçavam a ideia de que as propagandas que falam de imagens perfeitas e dão um certo sentido de estabilidade, algumas vezes poderiam não estar de acordo com a realidade.

“Telespectadores viram cortado pelo meio o programa “a cidade se diverte” de sexta-feira. Foi uma pena a mutilação de um dos poucos programas humorísticos da televisão local.” O *Correio de Uberlândia*, 21 e 22 /08/1966.

1.2 Coluna Divertimentos e a formação da audiência Uberlandense.

A coluna “Divertimentos”, aparece no jornal *O Correio de Uberlândia*, no ano de 1965, como um dos principais se não o mais importante tópico de comentários sobre os veículos de comunicação de massa mais vistos pela população. E a televisão apesar de não ser tão disseminada entre as pessoas como o rádio e o cinema, ganha um espaço próprio nesta coluna do jornal.

Ali, verificam-se muitos elogios, notícias sobre os programas dos dias anteriores e daqueles que ainda seriam transmitidos, expectativas quanto à mudanças positivas na grade de programação e também críticas a programas considerados ruins e com transmissões deficientes.

Esta coluna não aparece assinada por nenhuma pessoa em específico, mas ganha espaço importante nas páginas do Jornal *correio de Uberlândia*, o que nos leva a aceitar que tais opiniões expressam mais especificamente as vozes dos próprios editores. Aqui o que está em jogo é o contraditório movimento crítico de um veículo de comunicação que analisa outro, no caso a televisão, e é claro que neste caso específico a parcialidade se evidencia de maneira bem visível, na medida em que a voz da população que assistia aos programas de televisão, era deixada de fora dos posicionamentos feitos pela equipe de cronistas e de outros mais que escreviam sobre a televisão.

Fotografia 13. Coluna divertimentos, exibida no *Jornal Correio de Uberlândia*, com comentários sobre o cinema, rádio e televisão.



Fonte. *Jornal Correio de Uberlândia*, 13/14-07-1965

Cinema, rádio e TV, eis alguns dos divertimentos da população uberlandense, cada qual com suas características peculiares que agradavam públicos diferentes. O cinema, possuía antes de mais nada na sua natureza, a vocação de ser um espaço público, a área do encontro romântico, local de socialização onde muitos namoros se iniciavam. O rádio, por sua vez era apreciado nos momentos de privacidade do lar, assim como a TV que traria algumas atrações diferentes, podendo se não logo no início de seu percurso, mas em breve espaço de tempo, atender à toda a família, até mesmo as crianças que passariam a dividir suas horas de brincadeiras com momentos de expectativa em frente à telinha. Lembro-me bem dos relatos de minha avó, sobre um primo que ao ir passar as férias em sua casa a incomodava por ficar o tempo todo em frente à televisão. Isto se dava por ele residir na zona rural e não possuir em sua casa o aparelho, e isto ocorreu na década de 1980.

A coluna “divertimentos” falava de tudo um pouco; filmes, personalidades, programas, na maioria das vezes, com algumas exceções, apresentando um caráter otimista em relação à programação da TV Triângulo:

“ Hoje é dia do monumental Shou Willys 65 pela TV triângulo levando aos telespectadores de toda a região o seu fabuloso filme. Darlan Rosa está entusiasmado com o sucesso do programa do qual ele é a principal figura, “estórias ilustradas”, de fato um programa de classe às terças feiras pela TV Triângulo. A bela artista da TV triângulo, a super loura lone Daibert que é poeta e cronista, é a mais nova integrante do grupo evolução de Uberlândia. Amanhã os apreciadores do policial e do suspense, tem encontro marcado com os intocáveis, o famoso filme da televisão.” Divertimentos. O Correio de Uberlândia, 2/3_7_1965.

Esta coluna do Jornal, parecia ter uma influência sobre a própria programação que era planejada e exibida localmente. Elogios sobre programas, bem como críticas nos dão a sensação de um esforço exercido nas entrelinhas da programação, por parte de pessoas ligadas ao *Correio de Uberlândia*, de exercer influência nas escolhas que eram feitas pelos profissionais da TV Triângulo canal 8. Ao se criticar demasiadamente um programa, ou elogiar outro, o que há por trás das críticas e elogios, é o exercício da manipulação, por parte de um meio sobre outro. Acontece que é preciso lembrar que o meio de comunicação é sempre e muitas vezes tendencioso e parcial em suas opiniões, não exercendo constantemente e necessariamente a opinião do grande público. Quem criticava e por quê o fazia? A voz

de quem via os programas estava realmente sendo repercutida na coluna Divertimentos?. Esta é uma pergunta para a qual não há uma resposta clara e imediata no momento atual desta pesquisa, o que não nos impede de contestarmos a veracidade das opiniões do jornal.

“Vimos e (gostamos), do rostinho bonito e maroto de Norma Bárbara na televisão. Menina bonita que vai ter grande futuro em sua nova carreira. Anotem isso. Parabéns à TV Triângulo pelo excelente programa “Ipiranga Show” de sábado passado. Não perdeu nada para as Tevês das grandes capitais um autêntico espetáculo. Terminou a série dos Intocáveis pela TV triângulo, para tristeza nossa pois era ótima. Só esperamos que para substituí-la a emissora não nos traga mais “farwest”, gênero que já está saturando o telespectador. Hoje terça feira, a programação ao vivo da TV é uma das melhores da semana. O titio Remy França dirige carinhosamente os programas que já são sucesso. Divertimentos. O Correio de Uberlândia, 13/14_7_1965

Por traz destas críticas e elogios, podemos também divisar um momento da TV brasileira de incertezas, tentativas, acertos e erros. Assim como aconteceu em outros lugares do Brasil, onde a televisão iniciava sua longa caminhada, as dificuldades andaram lado a lado com a esperança e o otimismo. As opiniões dos redatores da coluna divertimentos falam muitas vezes de operações até mesmo de improviso dentro das programações, o que parece ter sido algo comum naqueles tempos. Em um outro trecho da coluna lê-se a seguinte declaração.

Uma crítica muito justa: garota propaganda, não pode falar o texto comercial de improviso, outro dia pegamos “cada fora” de uma no canal 8, que foi de matar...! Divertimentos. *O correio de Uberlândia*, 15/16-04-1965

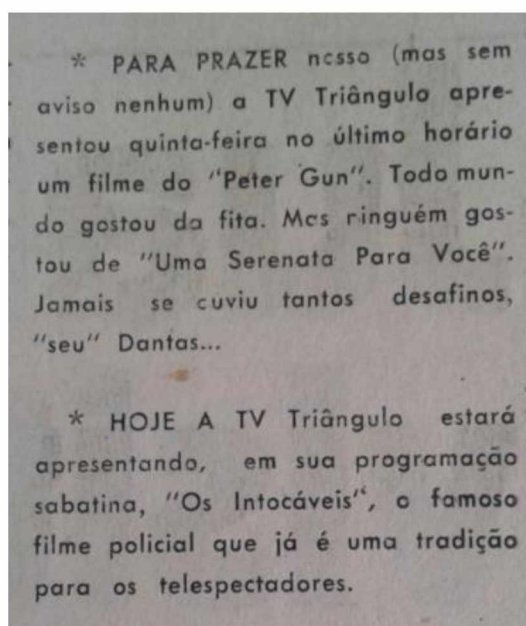
A imprensa jornalística Uberlandense, também contribuía na década de 1960, para uma exaltação exagerada, não somente da potencialidade da TV triângulo como transmissora de imagens para um grande público, mas também, da própria cidade de Uberlândia, que muitas vezes era exaltada como uma grande metrópole.

Isto ocorre porque nas décadas de 1960 e 1970 a ligação entre jornalismo e política era muito forte, portanto exaltar a cidade local em contraposição às outras da região, parecia ser algo corrente.

Hoje, temos nesta página, o “colunão”, sobre TV com mais notícias dedicadas ao imenso público telespectador desta metrópole. Divertimentos. *O Correio de Uberlândia*, 15/16/-04-1965

Por certo que em 1965, a cidade de Uberlândia estava longe de ser uma grande metrópole, e o número de pessoas que assistiam aos programas da TV triângulo, também não era o que aparece representado no texto como um imenso público.

Fotografia 14 comentários da coluna divertimentos sobre alguns programas da Tv triângulo



Fonte. *O Correio de Uberlândia*. (1965)

Os elogios, eram mais comuns do que as críticas, por vez ou outra, elas apareciam como no trecho acima, sobre um programa musical, "uma serenata para você", que de acordo com o texto, ninguém gostou. Tais falas, sobre a programação da TV triângulo em seu início, deixam transparecer a interação que existia entre o jornal *Correio de Uberlândia*, e a programação da TV local, canal 8. A relação entre televisão, meio jornalístico e a população, é permeada de "necessidades" mútuas. As pessoas de certa forma necessitam interagir com as novas tecnologias, a fim de não ficarem em parte, deslocadas de seu próprio tempo, a televisão necessita de um público telespectador, afim de que faça sentido sua própria existência, o jornal neste período da história, por sua vez necessitava da televisão, e de outras mídias, como temas de reportagem em suas páginas.

Nesta interação de necessidades, um prossegue influenciando o outro e cada qual exerce, um tipo de influência diferente. A televisão busca ser heterogênea em sua grade de programação a fim de que possa atender aos diversos "gostos"

coletivos, e também como formadora destes gostos, porém se conseguir programas que caíam no gosto geral da população, ainda melhor. Ela é moldada pelo gosto popular neste sentido?. Se noventa por cento da população de um país, não gostasse de futebol, por exemplo, faria sentido transmitir jogos ao vivo?, penso que não, por isto neste aspecto ela também é moldada pelo povo, que interfere na sua essência.

O povo, é também influenciado pela televisão?. Se não fosse assim faria sentido usar a moda do momento apresentada nas novelas, filmes e outros programas?. Ou como dizer o contrário, quando, após vários anúncios de determinados crimes, estes parecem se repetir em outras partes do país em uma mesma semana?. Como se explicar se não pelo fenômeno da interatividade, os depoimentos de pessoas que dizem ter decidido procurar esta ou aquela religião, após ter assistido à um programa de televisão de cunho religioso.

O meio “jornal”, talvez seja um caso à parte hoje, por ser um veículo de comunicação, que teve que se adaptar à chegada da televisão e de outras mídias áudio visuais, que caíram rapidamente no gosto “popular”. Hoje em dia, podemos dizer que quase todos os adolescentes no Brasil, possuem seu celular e estão conectados, com a velocidade das imagens, das notícias, e entre si comunicando-se uns com os outros através dos aplicativos, mas grande parte não lê jornal impresso, e o jornal de hoje não é mais como era nas décadas de 1960 e 1970.

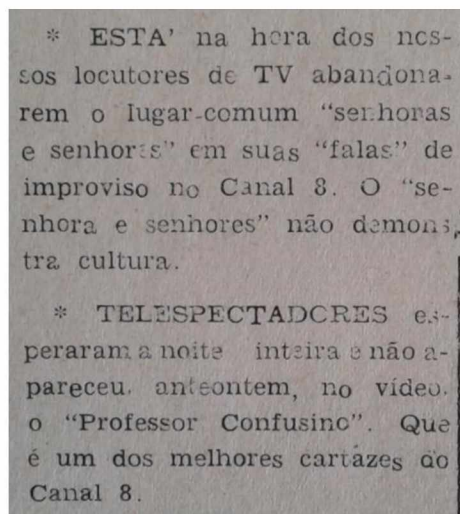
Na década de 1960, a leitura do jornal ainda tinha um peso diferente na vida das pessoas, talvez isto explique o fato do o jornal *Correio de Uberlândia*, insistentemente buscar influenciar, através de dicas e comentários, as programações diárias da TV Triângulo. Nos deixa, portanto, registros que revelam um caminho de “incertezas” e de “acertos,” percorrido pela televisão no Brasil, e em Uberlândia, nos seus primeiros anos iniciais.

No trecho abaixo da coluna “Divertimentos” sobre a TV, percebemos que as programações tinham seu caráter de imprevisibilidade e inconstância. Os locutores deviam abandonar suas falas de “senhoras e senhores” que de acordo com a nota do jornal, eram de improviso.

O Jornal *Correio de Uberlândia*, parece dar uma ênfase forte nestes aspectos e em outros que aconteciam com as transmissões da TV Triângulo, como se fossem uma notícia de grande importância, e isto nos chama a atenção, é mais uma

vez, o poder de influencia que uma mídia tem sobre outra. Da mesma forma, isto nos fala de problemas ou de processos experimentais dentro da programação da TV local, no ano de 1965. Em um trecho da coluna divertimentos, encontramos os seguintes dizeres sobre a programação.

Fotografia 15. Divulgação sobre a programação da TV Triângulo, feita na coluna Divertimentos.



Fonte. *O Correio de Uberlândia*, 25/06-02-1965

O grandalhão Fernando Olegário, e o galã Darcy José, são nomes para hoje na TV triângulo, com o hilariante professor confusino, um quadro que desopila qualquer fígado. *O Correio de Uberlândia*, 16/02/1965

O “professor confusino”, era um programa de humor, que fez parte das primeiras programações da TV triângulo, e parece que nos seus primeiros dias, agradava, de acordo com a opinião apresentada no jornal *Correio de Uberlândia*, do ano de 1965. Eram comuns programas onde os apresentadores ou atores eram estreantes, e muitas vezes, gente da própria cidade. Acontecia às vezes de uma só pessoa, protagonizar vários programas, por certo, isto ocorria, devido talvez à falta de “mão de obra” para atuar nos primórdios da TV brasileira.

Abaixo temos um cartaz de notícias sobre a programação da TV triângulo, que exemplifica um pouco este acontecimento. No primeiro trecho diz, que o “galã” Darcy José, esta botando bronca em todos os programas da emissora, participando de teleteatros, sucesso nas cenas românticas, e em programa humorístico, o “professor confusino”. Além de tudo, “tem a pinta, a foto não nos desmente”.

O texto do cartaz também fala da apresentação da “Ave Maria”, algo que aliás também era feito no rádio. Enquanto uma música de fundo dava a tonalidade, Dantas ruas com sua voz suave, lia a prece em meditação. Começar a programação com um pouco de religiosidade, fazia parte também de uma televisão que buscava na década de 60, atrair a atenção de um público de características conservadoras.

Uma única pessoa, desempenhava várias funções dentro da TV triângulo, como é o caso dos dizeres extraídos do Jornal Correio de Uberlândia do dia 25/02 de 1965, sobre a pessoa de Fernando Olegário. É uma época onde a televisão local tenta se afirmar, e nesse caminho tem que ter “jogo de cintura,” para adaptar corretamente suas programações.

Algumas vezes, como já mencionamos, os comentários emitidos na coluna “Divertimentos” se prestavam a realizar críticas sobre as programações da televisão local, como é o caso da opinião prestada sobre um certo programa intitulado de Dick Van dicke, nota da coluna do dia(22/01/1968) : “Como sempre a programação de hoje da televisão é das melhores. Tem até um intervalo para desligar o TV, aquele do Dick Van Dicke.

Fotografia 16. Comentários sobre a programação da TV Triângulo em Uberlândia, no ano de 1965.



Fonte. O Correio de Uberlândia, (1965)

Esta viajando (Belo Horizonte) o produtor, teleator, e câmera da TV triângulo. Fernando Olegário, o famoso professor Confusino. *O CORREIO de Uberlândia*, 25/26-02-1965

O nome do empresário Edson Garcia aparecia por vezes como um pioneiro de “valor” enaltecendo suas características e capacidades de fazer com que o empreendimento da Tv Triângulo ganhasse cada vez mais vulto influenciando até mesmo outras cidades com o seu espírito inovador, em outro anúncio da coluna vimos a seguinte menção. “ *são José do Rio Preto, terá uma grande emissora local, graças ao dinamismo do pioneiro Edson Garcia Nunes*”.

Outro programa que parece ter tido grande destaque na TV tupi de São Paulo, bem como em outras regiões, intitulava-se “esta é sua Vida”. Tinha como perfil entrevista e apresentação da vida de artistas de destaque no cenário nacional, nos moldes de muitos que ainda hoje fazem parte da grade de televisão das emissoras espalhadas pelo país. O entrevistado era confrontado com imagens e relatos de pessoas que fizeram parte do seu passado o que causava um grande impacto emocional e por certo ajudava a atrair a atenção da audiência.

Esta é a sua vida, focaliza a cada semana uma pessoa de destaque, com seu alto impacto emocional, originário da surpresa quer para o homenageado, quer para o telespectador, uma vez que o homenageado é conduzido pra a estação sob um falso pretexto. Lá então é apresentada a sua biografia, e no decorrer da narrativa cronológica dos fatos, vê surgir no palco pessoas ligadas ao focalizado e à esses mesmos fatos, que a equipe de Carlos Gaspar constituída pelos irmãos Jayme e Ivo, descobre e vai buscar em qualquer canto do país.”
O Correio de Uberlândia, 28/01/1968

Neste mesmo anúncio, faz-se menção ao fato de que o entrevistado daquela semana seria o artista Moacyr Franco, e que uma equipe estaria viajando para a realização da programação da Tv Tupi, e posteriormente tentaria trazer o vido tape para ser transmitido em Uberlândia. Há uma diferenciação que pode se verificar nas entrelinhas do texto entre um programa de uma emissora da capital de São Paulo e a carência da TV de Uberlândia, que muitas vezes vivia à espera dos Tapes para tentar melhorar sua grade de programação.

Atualmente Esta é Sua Vida, tem o patrocínio de “Vigorelli”, máquinas de costura, SEMP, Rádio e Televisão, e Vasp. Os Uberlandenses que seguirão hoje para São Paulo a

fim de tomar parte no programa “Esta é Sua Vida”, tentarão trazer o videotape a fim de exibi-lo em nossa emissora de televisão, caso as condições o permitam. *O Correio de Uberlândia*, 28/01/1968

Algumas vezes, as críticas expressas na coluna “Divertimentos” pareciam implacáveis, transparecendo assim, uma certa inconstância de opiniões. Tal característica aponta para uma situação onde as dificuldades e inconstâncias na operacionalidade do processo de televisão, não somente em Uberlândia, mas em todo o território nacional, era algo comum nas décadas de 1960 e 1970. Ao mesmo tempo em que os elogios aparecem, enaltecendo a programação, e a eficiência da TV Triângulo Canal 8, algumas vezes falas expressas na coluna Divertimentos, parecem dizer de um quase fracasso neste empreendimento.

“Uberlândia vai ter uma outra emissora de TV. Teremos condições de sustentar duas, ou ficaremos afinal de contas sem nenhuma? Pergunta paira...” *O Correio* 8/2/1968

Assim, em certos momentos, de acordo com os dizeres da coluna Divertimentos, somos levados a entender que a programação estava muito ruim, ou que problemas técnicos dificultavam a continuidade do trabalho.

A pergunta implícita é: compensa afinal trazer imagens de outras emissoras para a cidade?. Algumas décadas depois, conseguir transmissões da rede Tupi de São Paulo por exemplo, seria motivo de exaltação. Mas não sem antes a TV em Uberlândia, percorrer durante toda a década de 1960 um caminho de “altos e baixos,” na tentativa de concretização de um sonho, que começara tímido, mas que se expandia cada vez mais.

Porque então a televisão foi um projeto que vingou tão rapidamente? Por que devido à tantos problemas técnicos, mesmo assim em poucas décadas já se tornara o veículo de comunicação de massa de maior acesso em todo o país?.

A resposta talvez esteja nas transformações tecnológicas que na década de 1960 e 1970, trouxeram avanços na questão das imagens, que passam a adquirir maior nitidez, do som, das opções de canais que proporcionaram por sua vez maior quantidade de programas, da televisão colorida que já na década de 1970 se insinua de maneira lenta, mas também rapidamente se propaga, da popularização do produto e com certeza, da influencia e popularidade das novelas.

CAPÍTULO II O Projeto de Nação entre a Tela da TV, e as colunas do Jornal Correio

O final da década de 1960 em Uberlândia, parece desenhar um cenário de euforia pela chegada da nova tecnologia na cidade, sempre associada à um compromisso com o progresso e com a visão de pioneirismo, porém traz também não de maneira explícita mas perceptível, um certo sentimento de “desconfiança” para com a eficiência e a capacidade da própria televisão de superar rapidamente os outros veículos de comunicação de massa já consolidados na sociedade Uberlandense, como é o caso de rádio e do cinema.

Apesar de ser visível em praticamente toda a década de 1960, um certo otimismo do Jornal *O Correio de Uberlândia*, em relação às programações exibidas pelo canal 8, ele por sua vez se transforma em críticas a certos programas e mesmo contestações sobre a competência e eficácia do que era transmitido ao público. Na crítica à um destes programas podemos perceber esta natureza contraditória.

Tanto programa bom na televisão acabando, e ninguém acaba com “Bonanza”, “Virginiano” e “Dick Van Dyke”, que coisa gente! O Correio, 16/17_01_1968

Há momentos durante a década de 1960, como no caso do segundo semestre de 1965, em que os anúncios de programações da televisão local, perdem um pouco o seu espaço e brilho, vindo a retomar posteriormente a sua força. Estas oscilações são perceptíveis e algumas vezes vem acompanhadas de críticas a respeito da não divulgação por parte da TV, de sua grade, de cortes em programações no ato de sua transmissão, e de programas, que de acordo com os comentários do jornal, não agradariam ao público

Telespectadores viram cortado pelo meio o programa “A cidade se diverte” de sexta feira. Foi uma pena a mutilação de um dos poucos programas humorísticos da televisão local. 22-08-1966

A falta de programas esportivos que atendessem ao público masculino, é mencionada como um problema a ser superado. É bom lembrar que neste instante a TV surge concorrendo com o rádio que já há muito tempo se consolidara, e que com certeza apresentava várias opções de entretenimento, como as rádio novelas, os programas esportivos e outros. Assim a televisão da década de 60 parece mostrar a

imagem mas ainda não consegue se firmar através da multiplicidade de opções a serem dadas ao telespectador.

Está faltando um programa de esportes na TV triângulo. Temos muita coisa para ser divulgada em nossos meios esportivos. O Correio 01/02/1968

Assim sendo o público masculino neste período ainda tinha no rádio o seu principal parceiro para se ver inteirado com as últimas notícias do futebol, e mesmo para acompanhar os jogos semanalmente. A televisão ainda buscava se firmar, parecia neste momento não possuir grades de programação que atendessem aos diversos públicos, sem contar as crianças que não tinham também programas adaptados às horas do dia em que se encontravam em casa, já que os programas começavam no final da tarde.

Um dos acontecimentos de grande vulto no final da década de 1960, e que chamou a atenção dos noticiários do jornal correio de Uberlândia, foi a possível instalação de uma torre de captação de sinais moderna, e que previa-se através da mesma, resolver enfim todos os problemas relacionados à dificuldade de imagens, poucas programações, enfim seria um marco inicial para uma nova etapa do processo de transmissão televisivo em Uberlândia. Em sede no bairro Umuarama, com uma aparelhagem sofisticada e importada, o jornal coloca este acontecimento como um impulso não só para as atividades de telecomunicações da cidade, mas para o desenvolvimento da cidade Jardim, como era então denominada e sua colocação entre as grandes pioneiras do país.

Neste texto são mencionados vários elogios ao empreendimento, com menção aos valores despendidos, e aos novos benefícios que dele resultará como por exemplo, capacidade de transmissão à cores quando esta já for uma realidade na cidade de Uberlândia.

A aparelhagem compõem-se do que há de mais moderno na América do Norte, estando já prevista a possibilidade de operar em cores, tão logo se instale no Brasil a TV colorida. Assim seremos a segunda televisão colorida no país. O Correio 16/17-02-1968

Percebe-se no texto uma associação entre o empreendimento, e uma certa tentativa “política” de enaltecer a cidade de Uberlândia, bem como a pessoa do

empreendedor Edson Garcia. A TV surge em um ambiente social onde a ideia de “progresso” como algo real e necessário para o desenvolvimento da nação constantemente era exaltada pelos meios de comunicação de massa, no caso específico da nossa análise o Jornal Correio de Uberlândia. Como foi de muitas possibilidades mas também extremas dificuldades o caminho percorrido pela televisão no Brasil, cada vez que se vislumbrava uma “conquista” relacionada à aspectos técnicos, isto muitas vezes era veiculado à um tipo de propaganda política.

A conclusão das obras e instalações está prevista pra 31 de Agosto, numa homenagem ao aniversário de Uberlândia, já se preparando para a nova estrutura da TV triângulo, seu mandatário máximo, o bel. Edson Garcia Nunes, contratou um dos homens mais entendidos em televisão no Brasil, engenheiro Alberto Maluf, que pertenceu à rede exelcior, e tem cursos de especialização na Europa e América do Norte, e também o engenheiro Milton Zanella de igual gabarito. O Correio 16/17-02-1968

A década de 1960 portanto, se encerra envolvida no que diz respeito às colocações do jornal Correio sobre as programações da TV triângulo, em elogios, críticas e esperanças de um amanhã promissor, típico de uma época onde o espírito do desenvolvimento e do progresso se via em muitos discursos sociais, tentando moldar o pensamento de uma nação, onde o apoio ao novo regime militar é escancarado algumas vezes nas próprias páginas do jornal, fazendo parecer a todos que o Brasil havia sido salvo na verdade de forças que só queriam destruí-lo e emperrar seu caminho progressista.

O documento de numero 17, possui vários pontos a serem analisados, sob a perspectiva da década de 60, onde o regime militar vigorava havia já quatro anos, implantando através do controle político, a mentalidade de “ordem e progresso”. É neste contexto que a inauguração da torre da TV triângulo, parece dialogar no mesmo discurso da ditadura militar, e que era reproduzido por entidades políticas e empresariais de todo o país.

Neste sentido, podemos observar que Uberlândia, também conhecida neste período como “cidade jardim”, de acordo com o documento, seria impulsionada para um tipo de liderança do triângulo mineiro, por estar adquirindo equipamentos de última geração para a melhoria das transmissões para a cidade. Há um forte apelo

político nas palavras do texto que evocam a todos que o leem o reconhecimento de que, neste novo regime político que o país vivenciava, as coisas haviam melhorado, e isto era só o começo.

Fotografia 17. Anúncio do *Jornal Correio de Uberlândia*, exaltando a instalação da nova sede da TV Triângulo.

TORRE DE 80 PARA O ANO 80

UM DOS JUSTOS motivos de orgulho para a cidade é a emissora de televisão do Canal 8, que dá, presentemente, o arranco para suas novas instalações em frente à Faculdade de Medicina, onde será erigido prédio próprio e especialmente planejado para um funcionamento de uma das mais modernas TVs do Brasil, em área construída de 1500m², plantada no centro de um quarteirão de 100x100, cujo serviço de aterro e terraplenagem já foi concluído. O equipamento a ser instalado, está sendo todo importado dos Estados Unidos, num investimento da ordem de NCr\$ 1.200.000,00, para o que foi conseguido financiamento no exterior, ao prazo de três anos. A aparelhagem compõe-se do que há de mais moderno na América do Norte, estando já prevista a possibilidade de operar em cores, tão logo se instale no Brasil a TV colorida. Assim, sere-mos a segunda televisão colorida no país. A torre será uma das mais bonitas até hoje construídas na América Latina, pois que obedece um desenho em linhas curvas, com iluminação através de holofotes, postados em cada pé da torre, dando a impressão de estar suspensa no ar, saindo de um pequeno lago que comporá sua base de 14x14 mts. e sua altura será de 80 metros, homenageando os 80 anos que Uberlândia completará a 31 de agosto, mês de n.º 8, também número do canal de nossa televisão, que terá suas deslumbrantes instalações inauguradas no aniversário da Cidade Jardim. A potência do novo equipamento para transmissão do Canal 8 será 15 vezes a do atual, o que significará que todas as cidades do Triângulo e as limitrofes, em S. Paulo e Goiás, captarão diretamente uma perfeita qualidade de imagem e som. Isto elevará ainda mais Uberlândia nas culminâncias do conceito que já tem a Metrópole do Triângulo. A conclusão das obras e instalações está prevista para 31 de agosto, numa homenagem ao aniversário de Uberlândia. Já se preparando para a nova estrutura da TV Triângulo, seu mandatário máximo, o bel. Edson Garcia Nunes contratou um dos homens mais entendidos em televisão no Brasil, eng. Alberto Maluf que pertenceu à Rede Excelsior e tem cursos de especialização na Europa e América do Norte e também o eng. Milton Zanella, de igual gabarito. A aparelhagem ora em uso, irá para São José do Rio Preto (SP) onde a TV Triângulo monta uma emissora local de televisão. Eis Uberlândia a ponto de ter uma das melhores TVs do Brasil, dispensando a pobreza de imagem chuviscada e a rouquidão de som das repetições a milhares e milhares de quilômetros. Teremos uma televisão direta, perfeita, com aparelhagem moderníssima e o que é mais — nossa, orgulho da Cidade Jardim. (MC).—

Fonte: *Jornal correio de Uberlândia* ano 1968

Outro fato notório e recorrente característico do regime militar, foram os empréstimos feitos junto aos Estados Unidos da América, a fim de alavancar o crescimento industrial do país. No texto percebemos a admiração tão característica por tudo o que fosse oriundo de solo norte americano, na exaltação da origem dos novos equipamentos, era o que havia de mais moderno na América do Norte.

O nome do Sr. Edson Garcia Nunes, aparece também mais uma vez no documento, como alguém de grande importância para a política e para os novos empreendimentos da TV triângulo em Uberlândia. É conhecida a ligação da família Garcia no controle dos veículos de imprensa na cidade de Uberlândia no início da década de 60, e mesmo posteriormente. Assim a televisão em Uberlândia, nos seus primórdios, surge fortemente associada à um tipo de projeto político de engrandecimento antes de mais nada da “metrópole do triângulo”.

O equipamento a ser instalado, está sendo todo importado dos Estados Unidos, num investimento da ordem de NCr\$ 1.200.000,00, para o qual, foi conseguido financiamento no exterior ao prazo de três anos. *O CORREIO de Uberlândia*, 1968

A importância dos Estados Unidos, é salientada várias vezes no texto. Tal ideologia é construída incessantemente no período da ditadura militar, já que esta contara com o apoio norte americano para se instalar no poder. Na inauguração da torre percebemos esta importância através dos empréstimos feitos, dos equipamentos a serem instalados, e ao final do mesmo faz-se menção à contratação de uma pessoa que tinha no currículo cursos de formação na Europa e na América do norte.

Esta mentalidade colonialista, estará presente de maneira enfática em boa parte das décadas de 1960 e 1970, delineando-se, a construção de uma identidade nos moldes de um estrangeirismo que haveria de se perpetuar pelas décadas seguintes.

O início da década de 1970, é marcado por um silêncio estranho nas páginas do jornal *Correio de Uberlândia*, sobre as programações da TV triângulo, e também no que diz respeito às propagandas que estiveram presentes em boa parte da década de 60.

Nos anos de 1971 e 1972, a coluna divertimentos desaparece totalmente, e os destaques muitas vezes são para o telefone e o cinema, que volta a ter principalmente no ano de 1971 lugar de destaque nas páginas dos periódicos. São várias as páginas anunciando as maravilhas e os benefícios do telefone, trazendo como

título “ um vendedor e tanto”, em um destes anúncios o aparelho é comparado à um funcionário que está sempre disponível e não reclama em nenhum momento. Fora observado que a coluna divertimentos aos poucos vai sendo substituída pela coluna “Iar e Mulher” que passa a comentar especificamente sobre as novelas e outros programas da Rede globo de Televisão.

Anúncios de novelas a serem exibidas na televisão ainda continuam sendo veiculados , bem como toda e qualquer nova instalação de equipamentos ou melhorias na empresa de televisão local. Um destes anúncios, faz menção a um sorteio de um premio da loteria, bilhete este entregue pelas lojas Arapuã ao felizardo senhor Paulo Rodrigues Tristão que procurara a loja para adquirir um televisor e foi duplamente coroado com o melhor televisor, e com um bilhete premiado. Percebe-se então neste momento, as tentativas de incentivar o público leitor do jornal em comprar o aparelho se ele por acaso ainda não o possuir.

Como complemento de sua compra o senhor Tristão recebeu o cupom de número 1215, para concorrer pela extração da loteria federal de 15 de agosto, ao sorteio da última “variant” da promoção telefunkten. E não deu outra coisa. O senhor Tristão bendiz a hora em que teve a ideia de procurar a super lojas Arapuã, foi recebido com a máxima cortesia, adquiriu o melhor televisor do mundo, e ganhou um prêmio valioso que vai ajudá-lo a resolver uma série de problemas. *O Correio de Uberlândia*, 9/09/1970

Em um outro anúncio, propaga-se a inauguração de um centro de TV, que irá trazer como um dos benefícios, as transmissões dos jogos da copa do mundo de 1970. Na década de 1960, não há registros de jogos sendo transmitidos ao vivo, mas através de vídeo tapes, porém agora, assistir às imagens dos grandes ídolos do futebol brasileiro, e justamente em um ano em que o Brasil se sagraria campeão, seria algo tremendo, e de grande impacto.

O Centro de TV de Uberlândia está em fase adiantada de instalação, prevendo-se o seu funcionamento para o mês de março. Desta maneira, Uberlândia e toda a região triangulina poderão ver os jogos da copa do mundo diretamente do México por intermédio do canal local de televisão. *O correio de Uberlândia*, 31/03/1970

O fascínio imposto pela televisão se encontra talvez no fato de esta se apresentar perante o público como uma “ponte” para lugares antes apenas imaginados, ou vistos em fotografias ou mesmo ouvidos através do rádio. É a transformação quase que sobrenatural do cego que antes apenas ouvia, e agora também vê. Por certo que a possibilidade para o público masculino principalmente de ver os jogos da copa do mundo em 1970, diretamente do México, encantou a muitos, e fez brotar desejos no coração de outros tantos em relação ao tão sonhado aparelho.

A televisão aos poucos haveria de substituir os papéis antes designados de algumas instituições que contribuíam para a formação de identidades coletivas, como por exemplo a religião e a escola, já que boa parte do tempo, em breve seria dedicado à ela por crianças, jovens e adultos. Se popularizaria, já no final da década de 1970 e em breve transformaria a vida cotidiana das pessoas, mas não é claro, sem resistências, pois toda ação desencadeia uma força contrária, que busca se prender a costumes enraizados. É ingênuo neste sentido pensar que a televisão ao chegar aos lares brasileiros, imediatamente fez com que as pessoas, deixassem sem questionamento seus costumes antigos, que deixassem os portões, as crianças não mais brincassem nas ruas, e que o rádio fosse abandonado de um dia para o outro.

A própria ausência da grade de programação no jornal *Correio de Uberlândia*, no início da década de 1970, pode fazer alguma alusão à esta suposição. O gosto popular haveria mudado?, ou as relações entre jornal, e a TV Triângulo não andavam tão bem assim?.

Em um anúncio intitulado: “TV Triângulo, A imagem viva do trabalho”, do dia 02 de setembro de 1970, descreve-se um pouco da trajetória das transmissões de imagens em Uberlândia, sob o olhar dos redatores do jornal. O texto inicia-se e segue da seguinte maneira:

Muitos achavam a empresa temerária, televisão em Uberlândia? A cidade não comporta. O veículo exige a aplicação de grandes somas, e o mercado de publicidade ainda não tem condições de suportá-lo. Entre uma informação e outra, o povo ia tomando conhecimento de que uma televisora estava em vias de ser instalada. Mas não vamos contar aqui a história toda, por ser recente suas páginas ainda estão bem vivas na memória de cada um. O Correio 02/09/1970.

A Imagem afinal

Uma noite, a população ficou em casa esperando a imagem da TV. Era uma novidade que surgia diante dos olhos surpresos de cada um. A venda antecipada de aparelhos televisores pelo custo de fábrica, já garantia um público bom para as primeiras transmissões. E quem não possuía aparelho procurava o vizinho ou conhecido entrando para o rol dos “televizinhos”. Imagens de velhos filmes surgiam no vídeo. Gente tirada das emissoras de rádio, aparecia em poucos intervalos transmitindo anúncios e informações. A TV TRIÂNGULO ensaiava seus primeiros passos. Modesta. Provinciana. Sem quase recurso algum. Mas era a imagem que surgia, o principal já estava feito. Restava partir para um esquema ampliado. O Correio 02/09/1970

O texto inicia, descrevendo a sensação de pessimismo por parte de alguns diante da possibilidade de ser instalada uma empresa de transmissão televisiva na cidade, como se quisesse exaltar o ímpeto e a força que tiveram que ter aqueles que acreditaram no projeto empreendedor e confiaram no mesmo. Fala típica de um instante histórico onde o “trabalho” era exaltado como a grande, senão a maior de todas as qualidades do ser humano. Porém, “ O povo ia tomando conhecimento de que uma televisora estava em vias de ser instalada”, ou seja, além de tomar conhecimento este mesmo “povo”, esperava ansiosamente pela chegada da televisão nos lares.

A expectativa sobre algo tem a força de preparar o caminho para o impacto posterior, e podemos já imaginar as pessoas comentando umas com as outras, conversa de vizinhos, amigos e parentes sobre os benefícios e as mudanças que aconteceriam quando as pessoas possuísem a novidade tecnológica das imagens.

Quando o texto segue discursando sobre a “imagem afinal”, podemos perceber indícios de fatos que estão de acordo com a fala de muitas pessoas que vivenciaram aquele momento da história. A espera pela primeira transmissão, noite especial, diferente das demais, daquelas que fazem com que as pessoas deixem muitos de seus compromissos para acompanhar o fato, noite de ir à casa dos vizinhos, amigos, para poder participar do momento, saída estratégica para os que não podiam ainda comprar uma televisão.

O texto do jornal *O Correio de Uberlândia*, diz ainda que de forma simples e resumida, de uma época onde o homem adentrava por uma porta que se fecharia

depois, e caminharia rumo à uma era de novidades tecnológicas, como nunca se vira desde as primeiras civilizações. Tempo onde as “criações” haveriam de fascinar o “Criador”. Nada mais seria o mesmo, tudo na vida cotidiana e privada seria alterado transformado. A televisão seria uma companheira de sonhos, de possibilidades, de decepções, e influenciaria sem dúvida nenhuma a vida de cada um.

Promovendo o intercâmbio social, político e econômico, a TV Triângulo hoje transmite para um público que ultrapassa a um milhão de pessoas, fazendo sua imagem chegar a cerca de 68 mil televisores instalados no triângulo e grandes faixas de Goiás e São Paulo. O Correio 02/09/1970

Promover o intercâmbio “social, político e econômico”, sem dúvida nenhuma, fazia parte dos ideais da ditadura militar. Era preciso unir o país que estivera fragmentado por tanto tempo, e para tanto não fora medidos esforços a fim de que tal objetivo fosse alcançado. Como instrumento auxiliador neste processo nós vemos o empreendimento televisão em Uberlândia como um agente participativo. Havia um projeto de nação a ser construído e todos os meios possíveis a fim de alcançar este objetivo deveriam ser utilizados.

Desconstruir as antigas percepções sobre a nação e incutir na mente das pessoas uma nova ordem social sempre esteve presente em muitos governos, que para tanto se utilizaram do veículo de comunicação de massa chamado de televisão, influenciando decisivamente no conteúdo de suas programações. A televisão em Uberlândia surge justamente em um momento em que, para o governo, era importante que as pessoas sentissem que os tempos estavam melhores, e ter em casa as novas tecnologias que eram lançadas no mercado, por certo que contribuiria para a afirmação deste sentimento de pertencimento à um projeto de nação. É interessante notar que a partir da década de 1970, linhas de crédito seriam abertas para facilitar a compra dos aparelhos para a população.

Vemos também alguns dados da nota mencionada acima, que fazem alusão à quantidade de televisores e de pessoas alcançadas pela TV Triângulo no início da década de 1970. Não nos é revelado à quantos televisores em Uberlândia a imagem chega naquele instante histórico, porém ele nos fala de uma transmissão à cidades do triângulo, Goiás e São Paulo, acentuando a capacidade da empresa de promover um intercâmbio político e econômico para a cidade.

Durante as décadas de 1960 e 1970, um dos lemas do governo militar era “ordem e progresso”, e várias vezes depois da tomada de poder em 1964, esta frase se repetiu através dos meios de comunicação e outros setores da sociedade, que em grande medida, compactuaram com o novo governo.

No texto do jornal *O Correio de Uberlândia*, do dia 02 de Setembro, podemos perceber esta ideia de intercâmbio social, que está dentro do contexto de “ordem e progresso. Neste caso a TV triângulo, também contribuiria para o desenvolvimento da nação promovendo algo que o regime militar apregoava em todos os cantos do país, a saber um tipo de discurso integrador, que na verdade tinha em sua natureza o exercício do controle social.

Encontramos no jornal *O Correio de Uberlândia*, no início da década de 1970, algumas propagandas comemorativas do “aniversário” da Revolução de 1964, como era chamada naquela época pelos principais veículos de comunicação do país. Nestes textos, percebemos uma fala que pretende exercer influência na maneira das pessoas pensarem a política e a economia do Brasil, sempre associadas à um tipo de governo que teria feito o melhor, para que a nação pudesse sair dos tempos de crise.

Sabe-se que no Brasil, o exercício dos meios de comunicação de massa, muitas vezes estiveram atrelados à interesses políticos, o que em vários momentos da história ocasionou intervenções de setores dominantes do governo nestes veículos de interação entre população e mídia, a fim de que se desconstruísse modos e maneiras de pensar, fazendo surgir automaticamente outras visões de mundo e de país, que atendessem aos ideais do próprio governo.

Em Uberlândia, não foi diferente nas décadas de 1960 e 1970. Comemorar o aniversário de Revolução, que tirou a sociedade do atraso e da falta de perspectiva, parece ter sido algo comum nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia, demonstrando assim uma compactualidade forte e estranha.

Fotografia 18 imagem de propaganda da comemoração do aniversário da Revolução de 64

Carne: Alimentação e Abastecimento

Estamos perfeitamente integrados às diretrizes do governo revolucionário, quando o assunto é pecuária de corte. Na verdade, quando as mulheres brasileiras saíram às ruas, iniciando a marcha vitoriosa de 31 de março de 1964, elas estavam impondo sua vontade democrática, de fixar o Brasil pelos caminhos da maioria e jamais entregá-lo a uma aventura que, sabe Deus, que destino nos reservaria.

A Revolução não foi política! Foi uma jornada de auto-afirmação nacional e uma abertura para que todos os problemas fossem resolvidos. E no setor da carne, o planejamento, a distribuição e o interesse governamental, são coisas que nós podemos atestar como vitórias irreversíveis.

Frigorífico Omega S/A.

GABARITO INTERNACIONAL

Fonte: *O Correio de Uberlândia* 29/30_03_1974

Fotografia 19: Imagem de propaganda da comemoração do aniversário da Revolução de 64

MARÇO !
MARÇO !

No dia 31 de março de 1964, o povo brasileiro, unido, implantava o marco de uma nova e irreversível era no desenvolvimento, na paz social, no progresso e na afirmação de nossos destinos gloriosos. Onze anos depois, todos nós podemos olhar o mundo de igual para igual. Onze anos depois, encontramos a afirmação de que, com ordem e progresso, ninguém segura este País.

Na vida internacional, na vida interna, no desenvolvimento regional, a Revolução de 31 de Março representa a garantia da tranquilidade social, mola propulsora de nossa capacidade de trabalho !

ARMAZENS MARTINS

Sentinela avançada no abastecimento de vasta faixa do território nacional

AGÊNCIA DE BEBIDAS CEVADA
DISTRIBUIDORA ANTARCTICA

Fonte: *O Correio de Uberlândia* 29/30_03_1964

Fotografias 21 e 22: Imagens de propaganda da comemoração do aniversário da Revolução de 1964

Podemos colocar uma bandeirinha em cada um de nossos ônibus!

E uma festiva tradição de nossa empresa, nos dias de garbo nacional. No transporte coletivo de uma cidade dinâmica igual a Uberlândia, ou nas estradas que ligam as cidades e formam a unidade nacional, vivemos dias de festa junto a todos os brasileiros.

Mas no 31 de Março, queremos colocar uma bandeirinha dentro do peito, junto ao coração, porque sabemos que há onze anos passados, nossa gente tomava uma resolução para a vida toda: o caminho da paz e da tranquilidade social.


TRANSCOL

A REVOLUÇÃO DAS COMUNICAÇÕES



Novas técnicas, investimentos de vulto, COMUNICAÇÃO: a conquista do Brasil para os brasileiros.

 **Cia. de Telefones do Brasil Central**
a integração pela comunicação

Fonte: *Jornal correio de Uberlândia* 29/30_03_1964

As quatro imagens do jornal *Correio de Uberlândia*, patrocinadas por empresas locais, transmitem em suas palavras, a ideia de um novo tempo de progresso e integração social, graças aos benefícios da “revolução” de 1964, e em cada uma delas há discursos interessantes a este respeito.

Observando a imagem número 19, nos chama a atenção, a Veiculação do golpe de 64, à uma suposta vontade popular, já que no texto, o povo estava unido na época do ocorrido, a fim de livrar o Brasil de um perigo eminente. Agora sim era possível, *“olhar o mundo de igual para igual”*, sem sentimentos de inferioridade, sem greves, badernas, falta de emprego, recessão e outras mazelas mais. É típico de governos ditatoriais, tentar exprimir a ideia de que sob seu comando, as situações ruins do passado ficam para traz, e para tanto ele se utiliza dos veículos de comunicação de massa.

Na imagem número 18, o que se vê é uma referência elogiosa, à atitude das mulheres brasileiras que saíram às ruas antes do golpe de 64, na chamada Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade, representando a maioria do povo brasileiro que impunha sua vontade de não aceitar a ameaça comunista, que pairava nos lares brasileiros. Além disto, a propaganda afirma e tenta fazer parecer que o que ocorreu não foi político, mas sim a expressão de uma vontade popular.

Na terceira e quarta imagem, o discurso de elogio à tradição, e os novos tempos de revolução é salientado nas figuras, principalmente naquela que mostra as grandes antenas de telecomunicações, embaixo do slogan, “ A Revolução das Comunicações”. A palavra revolução neste sentido se associa ao espírito inovador e de mudanças, disseminado pelo golpe de 64, e que faria parte da mentalidade de muitos brasileiros, que tentavam seguir suas vidas, embalados nestes novos tempos de prosperidade econômica.

A televisão, adquire o status de representante da modernidade, já que na época talvez, nenhum outro aparelho tecnológico atrairia tanto a atenção das pessoas como ela o fez. Mudou a vida de muitos, e também rapidamente a paisagem urbana, fazendo surgir as primeiras antenas externas, fixadas sobre os telhados, demarcando inicialmente lugares de privilégios, já que a casa que possuía uma antena externa já era vista, como um lugar onde existia em seu interior um aparelho de TV.

Em pouco tempo estas antenas se multiplicariam, e também as vendas de aparelhos ofertados e parcelados em várias vezes pelos revendedores representantes, e não somente estes impulsionariam a distribuição maciça de televisores, mas também o próprio governo que via nesta uma auxiliar para a integração e homogeneização dos ideais nacionais de progresso, trabalho, e bem estar social.

Com o advento desta empresa de que até hoje não há exemplo e dificilmente haverá imitadores, foi surgindo no cenário da cidade uma paisagem diferente: essa floresta de ramificações de aço, brotava dia a dia dos telhados das casas antes vazias. Primeiro algumas aqui; e outras ali. Depois dezenas centenas e milhares. Criaram-se fábricas de televisores, e a dinâmica da indústria e comércio se fez notar na região com as mensagens de publicidade. *O Correio de Uberlândia*, 02/09/1970

Nos dizeres acima, nós vemos algumas mudanças sociais, depois do advento da televisão na cidade de Uberlândia. Primeiramente criou-se um novo cenário na paisagem urbana, através do surgimento de uma “ floresta de ramificações de aço”, ou seja seis anos depois das primeiras transmissões televisivas, muitas pessoas já possuíam o aparelho de acordo com os dizeres da coluna do jornal, o que não quer dizer que são exatos e precisos, já que por detrás das palavras pode estar oculto todo um projeto de valorização política da cidade.

Posteriormente a criação de fábricas é mencionada no texto o que parece ter realmente ocorrido neste período, fazendo com que a dinâmica do comércio e da indústria se alterassem é claro para melhor. De acordo com o Jornal Correio então, a cidade jardim havia ganhado e muito com a afirmação do empreendimento “televisão” em sua região.

A cada novidade que surgia, relacionada com a TV Triângulo, o jornal *Correio de Uberlândia*, publicava em suas páginas textos de natureza otimistas, valorizando o empreendimento, e associando-o a grandeza da própria cidade. Percebe-se que no início de sua trajetória, a televisão em Uberlândia e talvez em boa parte do Brasil, esteve associada à um tipo de propaganda política, e a uma corrida de cidades “progressistas”.

Algumas vezes isto é percebido nos artigos do jornal, na medida em que este tenta pelo menos enaltecer o sinal local e os trabalhos da emissora da cidade, ao

mesmo tempo em que desmerece algumas programações da TV Tupi de São Paulo. Se pensarmos que as primeiras experiências com televisão na cidade de Uberlândia datam do início da década de 1960, e que dez anos depois a cidade ainda contava apenas com um sinal de canal à sua disposição, tendo que se contentar com alguns Videotapes de programações, que eram previamente exibidas nos grandes centros, podemos concluir que a trajetória foi lenta.

Poucas famílias com aparelhos, porém há que se levar em conta as experiências daqueles, que ainda meninos, puderam assistir nos vizinhos ou nos parentes, ou outro lugar qualquer, pela primeira vez, imagens que apareciam em um tubo brilhante, como em um processo mágico, levando os expectadores à um delírio e quietude como nos espetáculos de circo. O impacto não pode ser medido apenas pela experiência repetitiva do dia a dia, mas também em um único momento jamais esquecido mesmo quarenta anos depois.

Fotografia. 22 anúncio da construção da nova torre da TV Triângulo.

TV Triângulo manda nova imagem ao ar



Foi iniciado ontem o período experimental do novo equipamento da Televisão Triângulo. Canal 8, instalado já em sua nova sede, localizada no Jardim Umuarama, nos altos da cidade. As novas instalações da TV Triângulo — diga-se de passagem — são das mais completas e funcionais de todo o Brasil, verdadeiro orgulho para o patrimônio de valores de Uberlândia. Desta forma, com o acontecimento de ontem, o Canal 8 passou a operar com o seu novo transmissor a uma potência irradiante de 80.000 watt, levando assim mais longe a sua imagem e som.

PROGRAMA

Vasto programa de inauguração definitiva está sendo preparado pela direção da emissora, a fim de marcar dignamente a estreia das novas instalações da TV Triângulo, que nos darão a primazia de ter uma das emissoras melhor instaladas de todo o Brasil.

INFORMA DARCY

O vereador e radialista Darcy José, assessor da diretoria do Canal 8, falando à reportagem disse que "para inaugurar as novas instalações da TV Triângulo, estarão presentes em Uberlândia, os maiores cartazes da televisão brasileira, bem como altas autoridades especialmente convidadas".

RIO PRETO

Para o sr. Darcy José, tão logo fique concluída a transferência da TV Triângulo para novas instalações, será atacado o plano de implantação da TV Rio Preto, na cidade paulista de São José do Rio Preto, emissora que operará com a mesma potência da nossa, com moderno equipamento adquirido pela empresa. Sua inauguração poderá ser marcada para janeiro de 71 estando as démarches na fase de contatos com autoridades em 76 municípios do raio de frequência.

A Torre da nova TV Triângulo, dominando a cidade lá do alto. As instalações de nossa emissora de tevê são das mais confortáveis e funcionais de todo o país.

Fonte. O Correio de Uberlândia, 24/09/1970

Quando em 24/09/1970, o jornal correio de Uberlândia anunciou a construção da torre de televisão no bairro Umuarama, a imagem vinha acompanhada de falas como: *A torre da nova TV Triângulo dominando a cidade lá do alto. As instalações da nossa emissora de TV são das mais confortáveis e funcionais de todo o país.*

Constantemente a sensação de orgulho podia ser vista em anúncios e propagandas sobre a televisão na cidade, afinal de contas Uberlândia era uma das poucas do interior que contava com uma empresa de transmissão e retransmissão do sinal. O dizer “são das mais confortáveis e funcionais do país”, procura criar uma áurea de confiança total no empreendimento, se nossa empresa pode ser comparada à outras grandes é porque podemos nela confiar totalmente sem reservas, o que vai sendo muitas vezes contestado pelo próprio jornal correio.

A força persuasiva das novelas parece ter sido um dos principais motores da televisão brasileira em seus primórdios, o que se verifica também em comparação com o ambiente Uberlandense nas décadas de 1960 e 1970. Era algo novo para a população, que agora podia ter sua experiência adquirida com o rádio ampliada com a televisão, ao verem as histórias populares em imagens, numa aproximação sensorial visível com o real.

“Agora estamos acompanhando o que há de melhor em telenovelas. O elenco da central Globo é o que maior repercussão alcança e o vencedor de todas as pesquisas. Os temas apaulistados da TV TUPI, nunca chegaram a conquistar a preferência natural. Mesmo com artistas do talento de uma ARACY BALABANIAN. *O Correio de Uberlândia*, 14/07/1972.

A Televisão ampliou várias possibilidades que antes eram vivenciadas em espaços “reservados” e em tempos diferentes. Aqueles que quisessem assistir à um bom filme sabiam para onde se dirigir, as novelas também tinham seu espaço delimitado pelo rádio, os noticiários eram encontrados nos jornais, alguns no rádio enfim, objetos e experiências fragmentadas em tempos diferentes. Pela primeira vez uma tecnologia se propunha a ofertar tudo em um só lugar, sem sair de casa e quase que de graça, tirando é claro o que seria gasto com energia, e o desprendimento

financeiro com a aquisição do aparelho, depois poderia se desfrutar de todos estes benefícios no conforto do próprio lar.

Com a televisão, a sociedade entraria em uma nova fase de experiência dual e estranha, de exclusão e anonimato, e ao mesmo tempo acesso à múltiplas imagens e contatos virtuais, com um mundo externo que antes não poderia ser alcançado. À noite, as ruas e calçadas ficariam um pouco despovoadas, já que através de sua propagação, as famílias teriam um mundo novo a acompanhar no isolamento de seus lares, universo este que seria experimentado para depois no outro dia ser comentado entre a vizinhança, nos locais de trabalho, nas escolas, nas igrejas e em todos os lugares.

Seria apropriado delimitar um tempo de experiências sociais antes, e depois do advento da televisão nos lares brasileiros?. Até que ponto a vida cotidiana sofreu intensas transformações nos anos e décadas posteriores aos primeiros contatos com o aparelho?. De tantas alterações que poderíamos delimitar uma delas seria a perda da inocência em relação aos fatos distantes. Acontecimentos ou notícias que antes levariam meses para se propagar, agora são rapidamente divulgados e podem chegar aos lares de todos. O rádio já se propunha a isto um pouco é claro, mas a televisão traz consigo a imagem aliada à fala e a escrita.

Na década de 1970, o formato do Jornal nacional daria seus primeiros passos na direção de um modelo de noticiário, que seria imitado posteriormente por várias outras emissoras que haveriam de surgir no cenário brasileiro. Porém percebemos que sua recepção em Uberlândia não foi a mesma de outras capitais do país e que alguns problemas faziam parte de um compêndio de críticas de editoriais do Jornal *Correio de Uberlândia*. Em um destes anúncios do dia 1/09/1972 podemos ler nas entrelinhas um pouco deste sentimento.

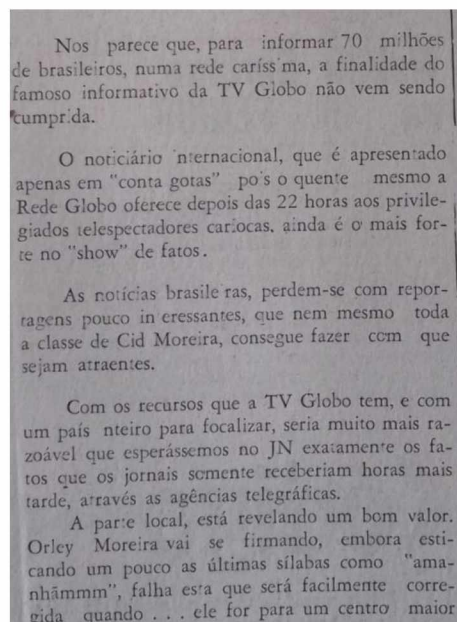
Nos parece que, para informar 70 milhões de brasileiros, numa rede caríssima, a finalidade do famoso informativo da TV Globo não vem sendo cumprida. O noticiário internacional que é apresentado apenas em conta gotas, pois o quente mesmo a Rede Globo oferece apenas depois das 22 horas aos privilegiados telespectadores cariocas, ainda é o mais forte no shou de fatos. *O Correio de Uberlândia*, 1/09/1972

De acordo com o noticiário do jornal *Correio de Uberlândia*, o Jornal Nacional não seria transmitido de maneira igualitária para todas as regiões do país, o

que mais uma vez se caracteriza como indício de que nos seus primórdios alguns programas que hoje seriam transmitidos em rede nacional, na década de 1970 não possuíam ainda esta extensão. Muitos deles eram transmitidos em Tapes pelas emissoras locais.

As notícias brasileiras perdem-se com reportagens pouco interessantes, que nem mesmo toda a classe de Cid Moreira consegue fazer com que sejam atraentes. Com os recursos que a Tv globo tem, e com um país inteiro para focalizar, seria muito mais razoável que esperássemos no JN, exatamente os fatos que os jornais somente receberiam horas mais tarde através das agências telegráficas. A parte local está se revelando um bom valor, Orley Moreira vai se firmando embora esticando um pouco as sílabas com amanhãmmm, falha esta que será facilmente corrigida quando ele for para um centro maior. *O Correio de Uberlândia*, 1/09/1972

Fotografia. 23 Críticas ao jornal nacional veiculadas no *Correio de Uberlândia*. (1972)



A crítica tantas vezes visualizada nas páginas do *Correio de Uberlândia*, mais uma vez volta a se fazer sentir. Agora o alvo parece ser a Rede Globo de televisão mais precisamente no seu noticiário diário que também na década de 1970 dava seus primeiros passos. Mas para o olhar que escreveu o texto acima, as notícias não eram atraentes e nem mesmo eram recentes, já que de acordo com a capacidade tecnológica da Globo, estas poderiam ser antecipadas mesmos dos grandes jornais brasileiros. Ao final elogia-se a programação local, ao mesmo tempo em que idealiza-

se a ida do nosso âncora jornalístico para um centro maior, a fim de que possa corrigir suas falhas.

O jornal Correio de Uberlândia fala do início da Televisão na cidade, mas com uma personalidade impressionante e digna até mesmo de desconfianças, já que ao mesmo tempo em que tece elogios aos novos tempos ele também crítica de maneira veemente. Por certo que tais assimilações e reconfigurações são típicas de uma época em que a experimentação parecia ser a nota tônica do novo empreendimento, e que a manipulação política pelos órgãos do governo exercia sua força controladora.

Ao que tudo indica, no início da década de 1970, Uberlândia após quase dez anos de instalação da TV triângulo canal 8, possuía apenas um canal de transmissão. Assim, quando se abriu a possibilidade de ser instalado na cidade mais um canal, o Jornal correio notifica este acontecimento com euforia e expectativa, apesar de que este sinal viria da cidade que parece ter sido no decorrer dos tempos uma rival de Uberlândia.

Numa notícia que foi recebida com bastante alegria pelos telespectadores de Uberlândia, comenta-se que todas as providências estão sendo tomadas pelo alto comando das associadas Mineiras para que até dezembro de 72, a imagem da TV Uberaba canal 5 esteja sendo captada com absoluta nitidez em nossa cidade. Para tanto uma estação retransmissora será instalada na altura do cinquentão, e proporcionará para nossa gente, uma opção para escolha dos melhores programas. *O Correio de Uberlândia*, 7/9/1972

A cada notícia sobre a possibilidade de instalação de novos canais de televisão, ou novos equipamentos o jornal sempre noticiava em tom de “propaganda”, ressaltando os benefícios como por exemplo, no texto acima, a menção à uma imagem com “absoluta nitidez”. Aliás, este parece ter sido um dos grandes objetivos a ser alcançado nos primórdios da televisão em Uberlândia, imagens nítidas que pudessem atender às expectativas dos telespectadores a fim de poderem adentrar neste novo mundo virtual e perceber os detalhes com segurança já que as cores neste instante não era algo ainda possível.

Porém percebe-se que nem sempre este alvo fora alcançado, pois no próprio jornal aparecem informações sobre “chuviscos” e imagens ruins que atrapalhavam a visualização das programações criando uma sensação nova nas

peessoas que aliás, perdurou por muitas décadas, aquela impaciência provocada pelos novos meios tecnológicos que de certa forma lançavam a pessoa em um inusitado ambiente, mas ao mesmo tempo não lhe revelava com nitidez as imagens deste novo mundo. Seria um pouco a experiência do “quase enxergar”. Isto por certo teria provocado sentimentos de impaciência e frustração para com o novo aparelho.

Cria-se então uma expectativa quanto a concretização do empreendimento que daria à cidade mais opções de canais de televisão, este sinal viria da cidade de Uberaba que já possuía pelo menos de acordo com o jornal Correio mais de um canal, ofertando assim a seus habitantes uma condição diferenciada do que acontecia aqui na cidade de Uberlândia. No texto intitulado “prefeitura assina hoje convênio com Uberaba”, podemos perceber um pouco mais do que estava ocorrendo da época.

Concretizando o trabalho que visa dar a Uberlândia mais canais de televisão, para que o telespectador tenha realmente opção na escolha de seus programas, a prefeitura municipal estará assinando na tarde de hoje, um convênio com os diretores do canal 5 – TV Uberaba. Pois agora estarão se equiparando aos de Uberaba que, com nitidez absoluta, conseguem captar três canais de três diferentes emissoras. *O Correio de Uberlândia*, 13/10/1972

Porém posteriormente após o Jornal local de Uberlândia publicar uma matéria sobre problemas que a emissora de Uberaba enfrentava em relação ao seu funcionamento, cria-se uma certa polêmica entre as duas cidades, que é descrita algumas vezes pelo jornal Correio, que por sua vez recebe críticas da própria imprensa da cidade de Uberaba. Isto se dá no início do ano de 1973, segue abaixo algumas partes do texto sobre o assunto.

“Televisão de Uberaba caminha em Marcha ré”. O corte de cinquenta por cento de seus funcionários e a redução drástica de seu horário de funcionamento, vieram demonstrar que a televisão em Uberaba caminha para um final melancólico, bem diferente daquele que se esperava quando de sua inauguração. O Correio de Uberlândia 1973

Abaixo, seguem-se algumas imagens documentais da reportagem citada acima, sobre os comentários do Jornal Correio de Uberlândia criticando o projeto da Televisão de Uberaba com a implantação do canal 5.

Fotografia 24 . Reportagem do Jornal correio, criticando o processo televisivo em Uberaba.

O corte de cinquenta por cento dos seus funcionários e a redução drástica de seu horário de funcionamento, vieram demonstrar que a televisão em Uberaba caminha para um final melancólico, bem diferente daquele que se esperava quando de sua inauguração.

BATALHA INICIAL

Uberaba possuía uma torre de recepção do Canal 4, TV TUPÍ de São Paulo, e com ela o povo já estava acostumado. Os programas vinham direto da capital paulista, e isso incluía também as novelas (bem diferentes em conteúdo e valor artístico das que a Rede Globo apresenta) que eram seguidas com muita atenção pela gente uberabense.

Então, as Emissoras Associadas começaram a planejar a montagem de uma emissora local. Teve início uma importante batalha junto a opinião pública, pois o uberabense que a princípio acreditava que teria um novo canal de televisão para assistir, recebeu com revolta, a informação de que a entrada do Canal 5, seria o fechamento do Canal 4.

lo.

O povo, o comércio e outros poderes, resolveram bloquear a entrada do Canal 5, através de cartas, telegramas e abaixo-assinados com a finalidade de que nada se modificasse. Era preferível ficar com o Canal 4, do que aceitar um Canal 5 que, embora uberabense, não poderia, reconhecidamente, oferecer uma diversão a altura da que já lhes era proporcionada.

Fonte: O Correio de Uberlândia 1973

A reportagem em tom de crítica não foi muito bem recebida pela imprensa uberabense que a rebateu pouco tempo depois tentando desmistificar o que havia sido escrito pelo Jornal Correio. Assim podemos perceber que o início da televisão na cidade de Uberlândia se revela um processo dificultoso não somente no que diz respeito às questões técnicas mas também neste momento paira no ar uma certa disputa política entre duas cidades rivais, que buscavam espaço de crescimento em uma época onde o lema era o “progresso”. Uberlândia neste instante histórico, se

posiciona um pouco atrás de Uberaba que já possuía o canal 4, porém parecia ainda não ter um canal local, mas tinha mais opções que a cidade de Uberlândia.

Outro problema relatado aqui, e que parece ter sido comum a todos os experimentos com televisão no interior, é o fato de não poder contar com as transmissões de televisões de capitais e de empresas que pareciam ter uma consolidação maior como a TV Tupi de São Paulo por exemplo.

O mau estar criado entre o jornal de Uberlândia e o de Uberaba teve como pano de fundo a “televisão” que nas duas cidades dava seus primeiros passos em meio à tentativas e acertos buscando acompanhar as mudanças que ocorriam em todo o país em relação à nova tecnologia. Interessante notar como a recepção se dá no âmbito particular das casas e famílias, mas também dentro de uma empresa jornalística que tem como tantos objetivos o de divulgar acontecimentos e fatos relacionados à uma época histórica. Em uma reportagem do Jornal correio do mês de março do ano de 1973, encontramos o Correio de Uberlândia tentando justificar a reportagem que foi grandemente criticada pela imprensa de Uberaba.

De nossa parte, fica a consciência de um dever cumprido: analisar um momento na vida de uma emissora de televisão, da qual, nós uberlandenses esperamos sucesso, pois amanhã ou daqui há muitos anos há de ser uma felicidade para todos, a alternativa de escolha, em seu lar, aqui e em Uberaba entre as programações do 5 e do 8. *O Correio de Uberlândia*, 30-03-1973

Posteriormente Uberlândia começa a receber o sinal tão esperado vindo de Uberaba e após o pequeno incidente envolvendo a imprensa as coisas parecem se resolver um pouco.

CAPÍTULO 3 As telenovelas pelas páginas do Jornal correio de Uberlândia: Novas formas de Subjetividades.

Ainda em meados do ano de 1965, percebe-se a introdução das telenovelas na grade de programação da TV Triângulo, como um atrativo a mais para o público. É notório o poder que as telenovelas tiveram sobre o gosto popular, principalmente nas décadas de 80 em diante, porém, percebe-se que já no início da década de 1970, estas novelas, adquirem atratividade especial, principalmente impulsionadas pela Rede Globo de televisão. Primeiro com um formato de teleteatro,

e depois já com as características próprias de uma telenovela, em muitos capítulos, e exibidas diariamente sem interrupção. As telenovelas em um curto espaço de tempo, haveriam de se tornar um dos principais programas da televisão brasileira, elevando os índices de audiência que só seriam introduzidos como medidores tempos depois. Em um dos anúncios verificamos a seguinte citação.

“A novela Chantagem continua fazendo sucesso. O argumento é bom, a interpretação do elenco está acima de qualquer crítica, numa demonstração de que é possível fazer bom teatro.” *O Correio de Uberlândia*, 15/07/1965

O trecho, “Numa demonstração de que é possível fazer bom teatro”, faz uma alusão à uma certa conectividade entre as novelas da televisão brasileira em seu início, e o teatro, que aliás já aparecia nos rádios com um formato peculiar, atraindo a atenção do público. Este fenômeno também foi visto em outras partes do país em que as transmissoras de sinais televisivos, buscavam atrair a atenção da audiência apresentando novelas que inicialmente eram curtas e gravadas de maneira improvisada e precária, mas que eram tidas como promissoras programações a atrair a atenção geral.

Outra telenovela que parece ter sido motivo de muito comentário no ano de 1966, Foi a “Deusa Vencida”, mencionada também na coluna divertimentos várias vezes. Sempre acompanhada de incansáveis elogios, o que chama a atenção nesta novela de forma particular, é o fato de que pela primeira vez o jornal enfatiza de maneira diferenciada, a participação de um elenco de artistas brasileiros que se tornariam posteriormente verdadeiros ícones da TV brasileira.

“A Deusa Vencida, a mais tocante novela da TV brasileira, repleta de surpreendentes revelações. Nunca uma novela reuniu um elenco tão fabuloso como (Tarcísio Meira, Glória Meneses, Edson França, Altair Lima, Hugo Santana, Ruth de Souza, M. Aparecida Alves, Regina Duarte e outros.” *O Correio de Uberlândia*, 3/4_4_1966

O cartaz traz a imagem de um casal representado através de um desenho, e o convite para assistir a novela que promete trazer surpreendentes revelações. Por certo que os dizeres acima, se tornariam cada vez comuns em um ambiente televisivo permeado e marcado pela força persuasiva das novelas

fotografia 25. Anúncio da novela A deusa Vencida, uma das primeiras novelas a ser exibida na década de 1960.



Fonte: O Correio de Uberlândia 4/4/1966

Em meados da década de 1960, fixa-se um horário para a reprodução de telenovelas, e a partir de então, o fascínio pelo universo que era visualizado ali, haveria de ganhar mais e mais vulto nas práticas cotidianas do público brasileiro e consequentemente Uberlandense. Os temas tratados pelas novelas, não eram estranhos às pessoas, e faziam parte de um imaginário popular, que agora poderia ganhar expressividade nas telas da televisão e nas variedades de vidas cotidianas que passariam a se identificar com o roteiro, os artistas enfim, em um tipo de exercício mútuo de influências.

Estudiosos como Jesus Martin Barbero, analisam a maneira pela qual o grande público da televisão, exerce uma reação ainda que velada, não se deixando dominar passivamente pelas inúmeras influências da mídia televisiva.

No anúncio do mês de agosto, do ano de 1965 a telenovela “chantagem” aparece nos horários de segunda feira e sexta feira, o que não acontece nos outros dias da semana, o que nos leva a pensar que ainda neste momento não havia a reprodução de uma mesma novela todos os dias, ao contrário do que parece ter acontecido com a novela “Deusa Vencida”, que já no anúncio convoca as pessoas a assistirem de segunda à sexta feira às 20:30 horas.

Fotografia 26. Grade de programação do ano de 1965.

DOMINGO:	18.50 popeye	20.20 um nome e três melodias
18.25 abertura	19.25 pingos de histórias	20.55 na corda bamba
18.30 musical big-ben	19.35 o terceiro homem	21.30 joias da tela
18.45 conselhos e receitas	20.10 don camilo	22.05 revista na tv
18.00 indústria também é notícia	20.35 a crônica da cidade	22.50 tv jornal
18.15 penteados	20.40 atos e fatos do esporte	23.05 ENCERRAMENTO.
18.30 musical segredos da chácara	20.45 o texano	
18.45 modas	21.20 cheyenne	SEXTA FEIRA:
17.00 show willys 66	22.25 sala de concerto (conservatório musical)	17.55 abertura
18.35 clube do guru	23.00 tv jornal	18.00 ave maria
19.08 desenho	23.15 ENCERRAMENTO.	18.10 tv nos esportes
19.40 escola de artista	QUARTA FEIRA:	18.20 vamos aprender inglês
20.15 humorismo de bolso	17.55 abertura	18.50 don pixote
20.35	18.00 ave maria	19.25 aquarela do sertão
20.50 futebol copa do mundo 62 (Televisores Halley)	18.10 tv nos esportes	19.50 o Zélio
23.00 ENCERRAMENTO.	18.20 vamos aprender inglês	20.25 a crônica da cidade
SEGUNDA FEIRA:	18.50 o coelho perna longa	20.30 atos e fatos do esporte
17.55 abertura	19.25 nessa vida com mamãe	20.40 novela — CHANTAGEM
18.00 ave maria	20.00 ele e ela (afetivamente da casa das noivas)	21.10 o homem da rua
18.10 tv jornal	20.20 a crônica da cidade	21.45 show willys
18.20 vamos aprender inglês	20.25 atos e fatos do esporte	23.20 tv jornal
18.50 desenho animado	20.30 show cials cajubá	23.35 ENCERRAMENTO.
19.20 Ivanhoé	20.50 tv variedades	SABADO:
19.55 show riso	21.55 recordar é viver	17.55 abertura
20.20 a crônica da cidade	22.45 tv jornal	18.00 ave maria
20.25 atos e fatos do esporte	23.00 ENCERRAMENTO.	18.10 tv nos esportes
20.35 novela — CHANTAGEM		18.20 filmelândia
21.05 interpol chamando	QUINTA FEIRA:	19.00 robin hood
21.40 77 sunset strip	17.55 abertura	19.35 pingos de histórias
22.45 tv jornal	18.00 ave maria	19.45 memórias de churchill
23.00 ENCERRAMENTO.	18.10 tv nos esportes	20.20 a crônica da cidade
TERÇA FEIRA:	18.20 ginacana infantil	20.25 atos e fatos do esporte
17.55 abertura	18.55 os jacks	20.35 show de gala
18.00 ave maria	19.30 aí vem o circo	21.10 os intocáveis
18.10 tv jornal	20.05 a crônica da cidade	22.15 medicina no lar
18.20 histórias ilustradas	20.10 atos e fatos do esporte	23.00 a semana foi assim
		23.15 ENCERRAMENTO.

Fonte. Jornal Correio de Uberlândia, 1965

Portanto para que as novelas caíssem no gosto popular, seria necessário que fossem vistas todos os dias, em capítulos subsequentes, sempre deixando em aberto os acontecimentos e aguçando a curiosidade do público. E por serem de longa duração, transmitiria a sensação de realidade da própria vida vivida, um dia de cada vez em partes onde não se sabe ao certo o que virá amanhã, mas pode-se tentar antever alguns acontecimentos.

É vida transmitida pela televisão, com representações do real, e pessoas às vezes parecidas com o telespectador, outras vezes tão distantes, porém dando ao observador, o poder de vasculhar o que lhes acontece, apesar é claro de ser fictício os fatos, algumas vezes o real parecia se misturar com o não real.

Fotografia 27 Ilustração de uma família assistindo TV



Fonte. *Jornal Correio de Uberlândia*. (1965)

Acima dos anúncios das programações, mais especificamente as grades, algumas vezes ilustrações pareciam dar o tom de um tipo de família ideal, que não poderia ficar de fora dos benefícios que trazia a utilização do novo aparelho. O pai aparece sentado na poltrona, de paletó e gravata, com o filho no colo que divide a atenção do brinquedo que carrega com as imagens da televisão, a mãe sentada ao lado do pai segura ao colo uma xícara que poderia fazer uma alusão quem sabe à um xá ou mesmo café, os ingleses tem o costume de tomar xá, seria uma velada relação com um modelo europeu?. Esta imagem teria que ser um desenho, pois o que perguntamos é se haveria em Uberlândia tal modelo de família?. Sabe-se que desde os primórdios da propaganda comercial, o poder de convencimento das imagens, sempre foi muito forte, buscando criar muitas vezes ambientes e imagens, que na verdade não

correspondiam à realidade presente, ao contrário, representavam uma realidade que sequer existia, mas que era pretendida.

Alguns relatos da época com respeito ao terno e gravata para os jovens, nos dão a entender que era uma roupa que poderia ser utilizada principalmente em momentos sociais diferenciados, e mesmo alguns patrões quando queriam presentear funcionários às vezes o faziam através do terno social, eram muitas as lojas de alfaiataria também na cidade de Uberlândia na década de 1960, o que nos leva a acreditar que havia um público importante para tal demanda.

Porém o modelo de família do jornal, parece ser um tanto quanto idealizado típico dos veículos de comunicação, pois em breve a televisão haveria de chegar à lares mesmo pobres, impulsionada por um mercado que visava sua popularização rápida, e assim a imagem do jornal buscando representar este novo retrato da sociedade que assistia agora a televisão, teria de o fazer com certeza de outras maneiras.

3.1 A coluna Lar e Mulher, as Novelas, e a construção do Feminino na sociedade Uberlandense

As telenovelas contribuíram para o desencadeamento de debates mais acirrados, entre o público e o privado, abrindo de certa forma uma janela, que revelava as estruturas sociais e suas mudanças impulsionadas pela modernidade.

Antigos costumes e estruturas da cultura privada e pública, são questionadas, e novos comportamentos individuais e coletivos, são apresentados através dos enredos das telenovelas. Isto além de causar estranhamento em uma sociedade ainda conservadora, incentiva debates e julgamentos analíticos sobre a natureza dos programas e dos comportamentos ali mostrados. Análises vindas tanto da população, como da imprensa jornalísticas.

Utilizando uma estrutura narrativa personalizada e pouco definida em termos ideológicos ou político-partidários levantaram e talvez tenham mesmo ajudado a dar o tom de debates públicos. O fascínio exercido pela novela Vale tudo (1988), por exemplo, estava relacionado com o julgamento de condutas desprovidas de ética, que de alguma forma remetiam a comportamentos considerados típicos de um Brasil decepcionado com a nova República. HAMBURGER Esther, 1998: 458

No início da década de 1970, percebe-se a presença de uma coluna no *Jornal Correio de Uberlândia*, por nome “*Lar e Mulher*”, que de maneira especial, dá ênfase na importância da televisão na vida cotidiana das pessoas, comentando sobre novelas e outros programas lançados pela Rede Globo, que posteriormente se firmaram como âncoras daquela emissora.

As novelas recebem uma atenção especial, como entretenimento preferido não somente do público feminino, mas também do masculino. Em uma das primeiras aparições da coluna *lar e mulher* no ano de 1974, a autora discorre sobre uma polêmica que já naquela época causava discussões: afinal, a televisão é ou não prejudicial às crianças, por atrair demasiadamente a atenção das mesmas?.

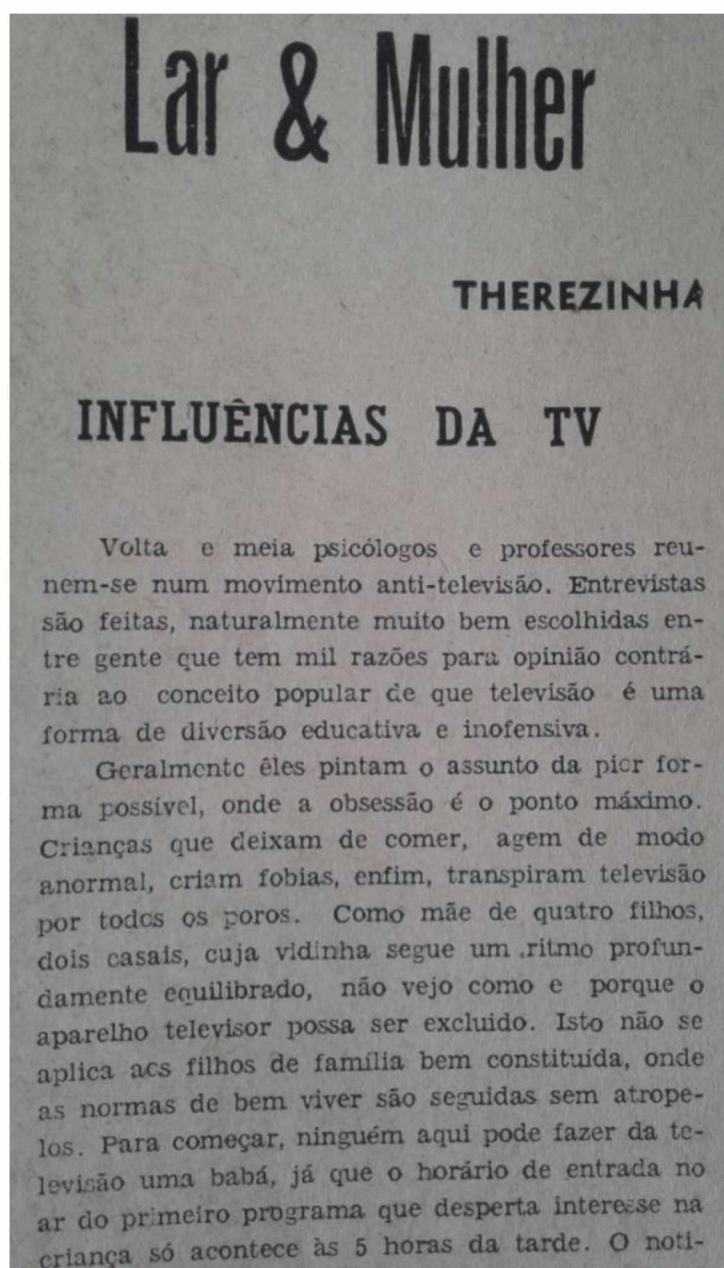
A questão abordada no texto, gira em torno da polêmica “influências da TV”, neste caso em específico, na vida das crianças. A autora deixa claro sua opinião favorável à utilização da televisão como instrumento mais benéfico do que prejudicial, e um de seus argumentos iniciais, é de que em famílias bem estruturadas, o perigo da televisão influenciar negativamente as crianças, não deve ser levado em grande consideração.

Geralmente eles pintam o assunto da pior forma possível, onde a obsessão é o ponto máximo. Crianças que deixam de comer, agem de modo anormal, criam fobias, enfim, transpiram televisão por todos os poros. Como mãe de quatro filhos, dois casais, cuja vidinha segue um ritmo profundamente equilibrado, não vejo como e porque, o aparelho televisor possa ser excluído. Isto não se aplica aos filhos de famílias bem constituídas, onde as normas de bem viver são seguidas sem atropelos. Pra começar, ninguém aqui, pode fazer da televisão uma babá, já que o horário de entrada no ar do primeiro programa, que desperta interesse da criança, só acontece às 5 horas da tarde. *O Correio de Uberlândia*, 05/08/1974

A autora utiliza como exemplo a própria vida pessoal, e cita uma frase típica de um período na história, onde as normas e regras eram exaltadas como necessárias para o bom desenvolvimento pessoal e coletivo. O que seriam as normas de bem viver a serem seguidas sem atropelos?. Analisando à luz do texto, podemos conceituar como os padrões de conduta e regras que eram seguidos na década de 1970, como condizentes com um tipo de família bem sucedida.

O papel do pai como provedor material era bem definido, e o da mãe como educadora dos filhos, e responsável pelas tarefas do lar. Os filhos deviam ser ensinados a obedecer sem muita contestação e o divórcio não era visto como algo comum, mas como uma anomalia dentro de uma sociedade condicionada para obedecer à regras. A influência do militarismo era muito forte neste sentido, infiltrando-se nas principais estruturas da ordem social, dentre elas a família, a escola, e a política.

Fotografia 28 Coluna Lar E Mulher veiculada no *Jornal Correio de Uberlândia*, à partir da década de 70.

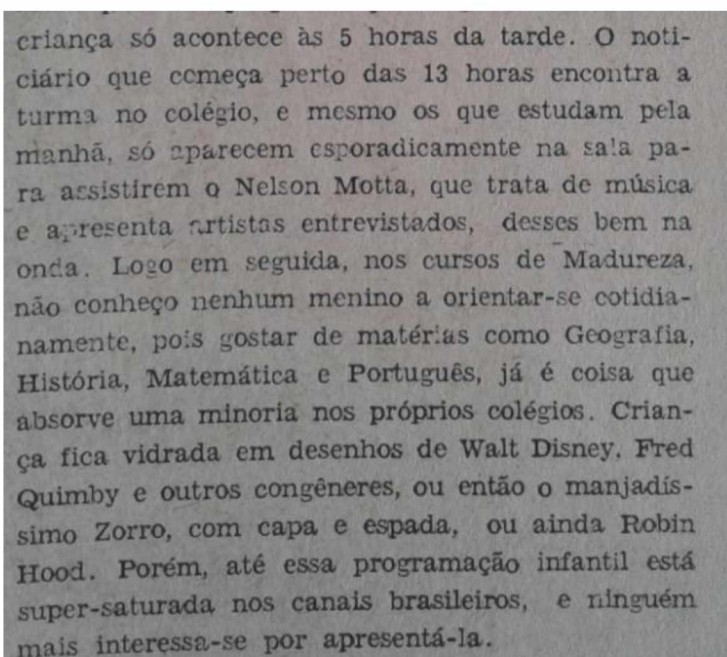


Fonte. *O Correio de Uberlândia*. 05/08/1974.

Quando o texto menciona que “ninguém aqui pode fazer da televisão uma babá”, ele se refere à região de Uberlândia, onde as programações atrativas às crianças, apenas começariam à partir das cinco horas da tarde, diferenciando as programações de cidades do interior com as das grandes capitais.

O noticiário que começa perto das treze horas, encontra a turma no colégio, e mesmo os que estudam pela manhã, só aparecem esporadicamente na sala para assistirem o Nelson Motta, que trata de música e apresenta artistas entrevistados, desses bem na onda. Logo em seguida, nos cursos de Madureza, não conheço nenhum menino a orientar-se cotidianamente, pois gostar de matérias como Geografia, História, Matemática e Português, já é coisa que absorve uma minoria nos próprios colégios. Criança fica vidrada em desenhos de Walt Disney, Fred Quimby e outros congêneres, ou então o manjadíssimo Zorro, com capa e espada, ou ainda Robin Hood. Porém, até essa programação infantil está super-saturada nos canais brasileiros. E ninguém mais interessa-se por apresentá-la. *O Correio de Uberlândia*, 05/08/1974

Fotografia 29. Coluna Lar e Mulher. Influências da TV



Fonte. *Jornal Correio de Uberlândia*, 05/08/1974

O que a autora está querendo dizer é que, não existe naquele momento, a necessidade de preocupação em relação à televisão prejudicar as crianças, pois os desenhos animados que são os únicos interessantes à elas, não são muitos e são

transmitidos apenas à noite, o resto da programação é voltada mais para o público adulto.

Discorrer sobre o poder de atração que os desenhos animados exercem nas crianças hoje, é algo talvez já bem estudado e conhecido, porém dez anos após a inauguração da TV triângulo em Uberlândia, o documento acima, ao trabalhar o debate sobre os malefícios da televisão para as crianças, deixa transparecer nas entrelinhas o fato de que em 1974, já se formava um público de telespectadores específico, e que haveria de ser explorado pelas grandes emissoras de TV décadas depois, ou seja, as crianças.

Na continuidade do documento, busca-se uma diferenciação entre a criança que mora em apartamento e aquela que tem um quintal em casa para brincar, da mesma forma a autora salienta como uma das causas para estas crianças serem deixadas de frente à televisão, sem nenhuma preocupação, seriam os pais terem de se ausentar para trabalhar fora, prenúncios de uma época onde as configurações familiares já começavam a mudar, onde a mulher busca seu espaço no mercado de trabalho, e onde as opções de moradia se abrem para os prédios e apartamentos. Na tentativa de defender sua ideia sobre a televisão, a autora faz uma comparação entre as crianças que ficavam ouvindo o rádio no passado, e nem por isto se tornaram alienadas, e aquelas que ficam em frente ao aparelho de TV. Esquece-se porém, das enormes diferenças entre o mundo imagético e sonoro da televisão e do rádio que era apenas sonoro.

O que ocorre com a televisão e seu poder de persuasão, é em um nível diferente do que ocorria com o rádio. E a própria autora sem perceber corrobora com esta ideia, quando fala dos antigos gibiz, e sua influência sobre as crianças. Pois bem, com a televisão era como se os personagens das histórias em quadrinhos ganhassem vida se movimentando na tela, o que com certeza deve ter causado um tremendo impacto nas crianças que nunca tinham visto algo parecido.

Desde os seus primórdios a televisão, seria objeto de pesquisas e debates sobre sua capacidade de influenciar a população. Algo que está implícito no texto acima é um tipo de adjetivo que lhe fora tantas vezes imposto, relacionando-a ao bem e ao mau. As pessoas passariam além de interagir com a televisão, pensar nos efeitos que esta poderia ter até mesmo no desenvolvimento do caráter de uma criança.

Isto talvez fosse algo novo em relação às mídias, já que a interatividade infantil com a televisão neste momento da história parece ter sido maior do que com o cinema, e o rádio era um aparelho de uso exclusivo das pessoas adultas.

Fotografia 30. Coluna Lar E Mulher.

Claro que tudo deve ser bem dosado. Assim como não ficávamos de Gibi na mão o dia inteiro, nenhuma criança deve fazer acampamento na sala diante do aparelho de TV. Existem outras motivações lá fora, o pique, o jogo de botão, e tantas coisas mais que absorvem o tempo maravilhoso da infância. E no final do dia, na minha opinião, depois de cumpridos os deveres escolares, de ter brincado e vivido lá fora, não tem nada demais sentar-se na sala para ver novelas, logicamente as primeiras da noite, sem ser preciso permanecer até pelas tantas como a gente grande faz... Sou francamente a favor da TV, tanto quanto fui do cinema com suas fitas em série na minha infância, e do Gibi, que durante um certo período foi considerado um malefício, mas que hoje em dia entra até nos livros de comunicação.

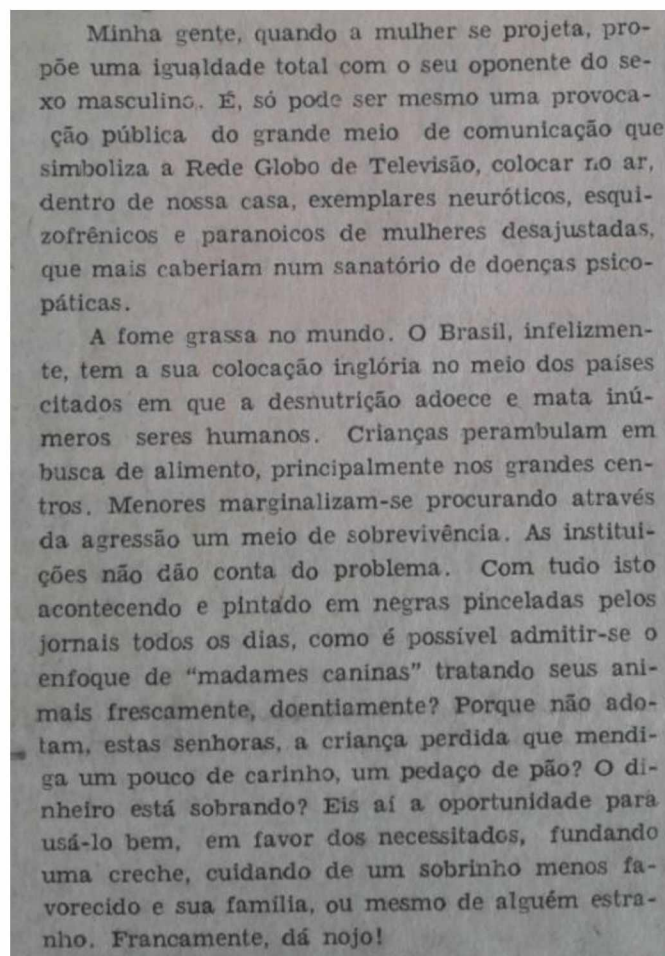
O menino de apartamento, este fim, na cidade grande, onde o horário de programação tem início lá pelas 9 da manhã, pode ser obsecado. Se os pais trabalham fora, a empregada para ter sossego apressar-se-á a ligar o receptor e colocará a criança sentadinha na sala, criando um hábito difícil de ser modificado. Depois, na hora do almoço ou do jantar, lá estará de novo o garotinho de prato no colo e olhar ligado no programa que estiver passando. Mesmo assim, para os pequenos seres condicionados ao apartamento, o costume mudará com o início do aprendizado escolar. E este negócio de dizer que a criança está obsecada porque decora tudo aquilo que vê na televisão é pura conversa fiada. Nós que pegamos o rádio em grande fase na meninice, também sabíamos de cor e salteado todas as suas propagandas, bem como aquelas que vinham escritas nos bondes e ônibus. Nossos heróis não foram de televisão, mas foram de Gibi. Quem não se lembra daquela espera angustiada dos gibis nas quartas, sábados e domingos, para ver a continuação da estória do Ferdinando em Brejo São-co, etc. e tal?

Fonte. *Correio de Uberlândia*, 05/08/1974

Em uma outra coluna do *Lar e Mulher*, as críticas são endereçadas à Rede Globo e ao Fantástico, devido à uma reportagem exibida onde o tema parece ter sido os animais de estimação de pessoas abastadas, e a maneira como eles são bem tratados. A autora se demonstra bem indignada através do texto que escreve, mas o que chama a atenção é um tipo de “orgulho feminino” que teria sido ofendido, é como se aquelas mulheres exibidas no fantástico não fossem boas representantes de um ideal de mulher brasileira. Percebe-se isto nas palavras abaixo.

Minha gente, quando a mulher se projeta, propõe uma igualdade total com o seu oponente do sexo masculino. E só pode ser mesmo uma provocação pública do grande meio de comunicação que simboliza a Rede Globo de Televisão, colocar no ar, dentro de nossa casa, exemplares neuróticos, esquizofrênicos e paranoicos de mulheres desajustadas, que mais caberiam num sanatório de doenças psicopáticas. *O Correio de Uberlândia*, 29/01/1975.

Fotografia 31. Coluna Lar e Mulher.
Sobre um programa exibido pelo
Fantástico.



Fonte. *O Correio de Uberlândia*. (1975)

Discorrer sobre a igualdade de gênero dentro de uma sociedade patriarcal e machista, parece ter sido algo muito árduo e difícil, já que a própria proposição, “se projetar em pé de igualdade com o homem”, pressupõe na sua natureza um tipo de pré-inferioridade, e isto parece estar presente nas entrelinhas do texto que analisa uma reportagem de televisão da década de 1970.

A luta de toda uma classe feminina por alcançar espaço em uma sociedade patriarcal, e totalmente caracterizada pela proeminência tantas vezes “justificada” do homem, é percebida nas palavras da autora do texto. É o máximo que a mulher poderia almejar neste momento, tentar de todas as formas pelo menos ser igual ao ente masculino. No texto acima, os desvios éticos apresentados pelas mulheres que exageradamente, cuidavam de seus cães, seria um típico exemplo negativo, não condizente com o lugar de “destaque” do ser masculino.

O texto encerra-se justificando a indignação, com a fome e a miséria disseminada pelo Brasil em contraste com pessoas que gastam sua atenção e dinheiro com animais de estimação. A autora convida as chamadas “madames caninas”, a olharem ao redor, para as crianças sem família que perambulam pelas ruas, desnutridas, e lança o desafio para que possam utilizar melhor o seu dinheiro. A televisão, já nos seus primórdios mostrava uma de suas características que é a de instigar reflexões sobre comportamentos e valores. No Livro *Mídia Instituições e Valores*, das autoras Vera Regina Veiga França, e Laura Guimarães Correa, encontramos os seguintes dizeres.

Não obstante entendemos que a propriedade dos meios não garante a homogeneidade dos discursos, o alinhamento das contradições, o expurgo da diferença: a mídia de uma maneira geral, e a televisão de forma particular, encontram-se marcadas por uma *inserção reflexiva na vida social*. A televisão tanto reflete os valores, problemas e tendências de uma sociedade em determinado momento, como exerce sobre ela um papel constituidor, influenciando comportamentos, ditando temáticas e modismos. FRANÇA Vera, 2012: 39

O que chama a atenção, é a capacidade da televisão de popularizar assuntos, talvez antes, só abordados e apreciados pelos leitores de jornais, fazendo com que cheguem à outros seguimentos de apreciadores agora da nova tecnologia, pessoas que não tinham o costume de ler jornais ou outros veículos de propagação de notícias.

O tema “telenovela” sempre aparece na coluna *lar e Mulher*, percorrendo sobre os capítulos e seus desdobramentos, os artistas que neste período já haviam caído na apreciação popular, e a importância das novelas para o entretenimento pessoal.

Parece ter sido neste momento, que a Rede Globo de Televisão, inicia uma trajetória de afirmação nacional de audiência, e utiliza-se das novelas para pavimentar este caminho.

Dito assim parece esquisito mas é isto mesmo. Estão “desnovelando” as nossas novelas para o bem de todos e felicidade geral dos Uberlandenses conformistas. Os inconformados ficarão inapelavelmente sem ver o final de “Fogo sobre Terra”, a não ser que alguém como sempre acontece já tenha contado. Olha foi assim, o negócio do canal não teve jeito, a inundação da cidade foi inevitável, e quem morre apegada à terra amada, é Nara, que não sai nem amarrada da gruta, onde está presa sua maior e melhor emoção. *O Correio de Uberlândia, 05/02/1975*

Na coluna do dia 05/02/1975, o tema “Desnovelando”, se refere ao fato incômodo de saber o final de novelas que eram transmitidas primeiramente nas capitais Rio e São Paulo, através de outras pessoas, o que deixava muitos apreciadores das novelas tremendamente inconformados. Ao final do texto há um agradecimento à TV Triângulo por trazer imagens do Rio de Janeiro, colocando os habitantes da cidade de Uberlândia em vantagem em relação aos de São Paulo.

No documento podemos perceber que as novelas não eram transmitidas em rede nacional em um mesmo horário, ao mesmo tempo à todos os estados do Brasil. A novela “Escalada” seria transmitida em capítulos duplos, para poder alcançar o Rio que já estava em capítulos bem adiantados.

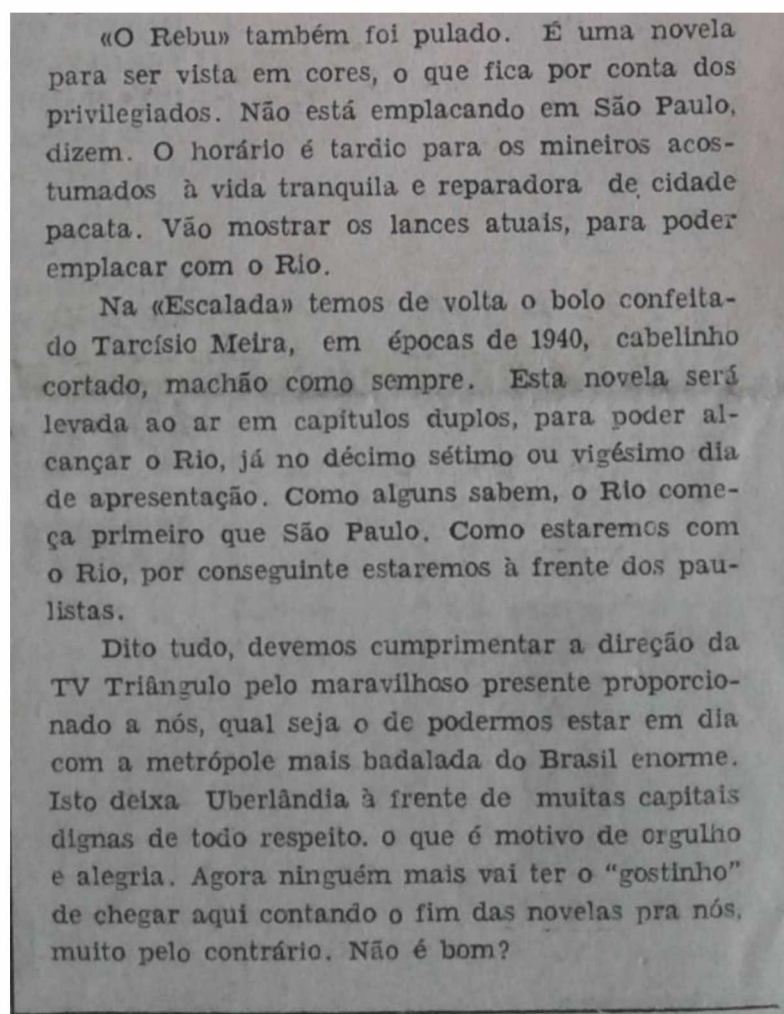
Não seria mais necessário passar pelo constrangimento de ter de ouvir outra pessoa contar o fim da novela para os Uberlandenses, o que seria motivo de muito alívio e orgulho.

A televisão aparece envolvida também, em uma disputa regional, de auto afirmação, Uberlândia versus São Paulo, Rio e São Paulo e assim por diante. Deter transmissões “privilegiadas”, que outras cidades não possuíam, era um sinal de progresso para aquela região ou lugar, assim ela é cobiçada por todos, pessoas comuns, personalidades, e também pelo meio político e empresarial.

O advento da televisão em 1950, ocorreu durante o período de crescimento industrial do país. Com a intensificação da industrialização nos anos de 1950, aumentou a migração das áreas rurais para as urbanas e o rádio se transformou na mais importante fonte de informações da população nas grandes cidades. MATTOS Sérgio, 2010:30

Mesmo duas décadas depois das primeiras transmissões de televisão no Brasil, esta ainda continua sendo comparada com o cinema, e muitas vezes diminuída em relação ao segundo, a televisão ainda é motivo de elogios, na coluna *Lar e Mulher*.

Fotografia 32. Coluna Lar e Mulher, “Desnovelando”.



Fonte. *O Correio de Uberlândia*, 05/02/1975.

A ênfase da coluna “Lar e Mulher” se mostra nos programas exibidos pela televisão, e que despertavam o interesse das pessoas, não somente as novelas, mas outros que se firmariam nas décadas seguintes, e que alavancariam altos índices de audiência.

Domingo passado, eu tive um grande reencontro no Fantástico. Minha emoção atingiu altos índices de IBOPE quando apareceu a figura magistral de Flash Gordon, Loiro, maravilhoso que povoou minha meninice. Larry Buster Crabbe era o ídolo absoluto, o Senhor de nossa imaginação ingênua. Hoje não seria igualmente aceito acredito. Conversando com minhas filhas, ainda empolgada pela aparição do astro de cinema, fiquei sem graça. Elas acham que o foguete era ridículo, Ming uma personagem idiota, e por aí a fora. *O Correio de Uberlândia*, 29/03/1975

Fotografia 33. Comentários da coluna Lar e Mulher. (1975)

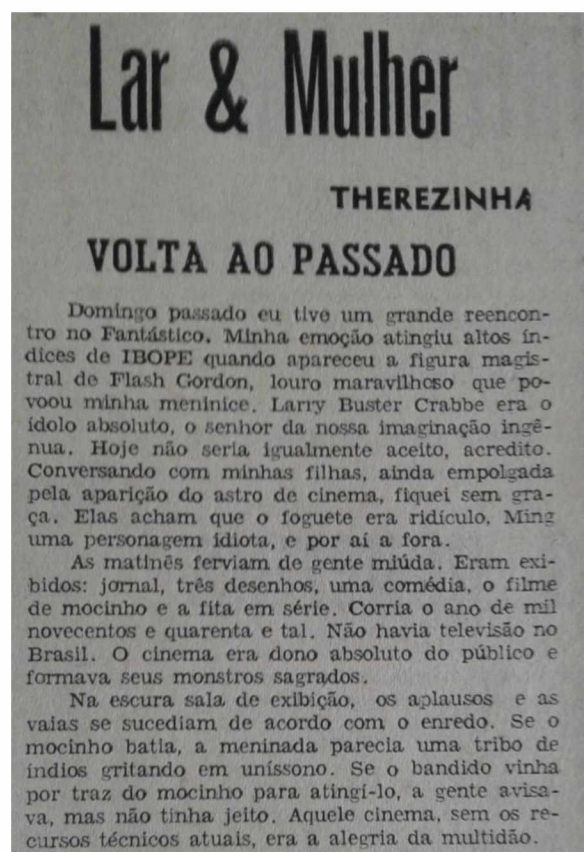
A redatora do *Jornal Correio de Uberlândia*, ao assistir o Fantástico, programa da Rede Globo, tem um momento de nostalgia, e relembra do cinema com carinho, porém percebe-se envolta em um mundo que não é mais o mesmo, as imagens de seu ídolo antigo, não agradam suas filhas, então começa a tecer algumas críticas à modernidade que deixou de ser “romântica”, e passou a ser fria e materialista.

Fonte. *O Correio de Uberlândia*, 29/03/1975

“Aquele cinema sem os recursos técnicos atuais, era a alegria da multidão”. O documento diz

de alguém que mesmo apoiando incondicionalmente a televisão, por um instante se lembra do cinema e faz comparações com os dias atuais, que de acordo com a mesma não possuíam o mesmo brilho. Ainda discorrendo sobre esta questão na mesma coluna a autora afirma.

Hoje em dia o cinema está em franca decadência. Com o advento da TV colorida então, tudo fica pior. Os grandes astros do passado estão morrendo, e os mais novos envolvem-se em problemas políticos, entoxicam-se de drogas e de sexo, não oferecem mais a imagem



ideal. O abuso de sexo afugenta os espectadores antigos e impede a entrada dos mais novos. A gente consulta a programação cinematográfica e verifica não haver chance para menores de 18 anos. Resta curtir as sessões nostalgia pela televisão e os reencontros dos mais velhos com os seus ídolos em Fantástico. *O Correio de Uberlândia*, 29/03/1975

Criticando agora o cinema, ela diz que ele está em franca decadência, mas é uma decadência “moral”, não há mais ingenuidade e romantismo, mas abuso de sexo e drogas. Os grandes astros do passado estão morrendo, e os mais novos não tem a mesma firmeza de caráter. Um ideal de homem é construído aqui. Alguém como o herói Flash Gordon, bonito, másculo e forte, mas que pode ser visto até por crianças, pois suas atitudes estão de acordo com a moralidade da época.

Se pensarmos que o documento data de um período, onde a contracultura se instalava no Brasil, contestando os antigos padrões sociais através da música, do sexo “livre”, forma de pensar aliás, oriunda dos movimentos de contracultura dos Estados Unidos da América, nas décadas de 1960 e 1970, e do consumo de drogas como a maconha por exemplo, e que seria encarnada por personalidades da música, do cinema e da TV, percebemos que a autora se posiciona como alguém que observa as mudanças comportamentais de sua época, mudanças estas que são o tempo todo embaladas por contradições entre o tradicional e o novo.

Resta àqueles que admiram a moralidade do passado, se apegarem às imagens nostálgicas que vez ou outra, são transmitidas em programas de televisão. A Tv, abriria a partir de então, espaço de contestação e debate, onde o antigo e o novo se confrontariam disputando espaço e proeminência, onde a moral e a imoralidade haveriam de conviver mutuamente, sendo aceita e rejeitada por uns e outros. Talvez este seja o tipo de resistência contra o controle, de que autores como Martin Barbero, haveriam de estudar e analisar décadas depois. O não aceitar ser influenciado por um padrão de comportamento é uma atitude de enfrentamento ante uma mídia, que constrói modos de vivência, como a moda, a música, o comportamento sexual e etc.

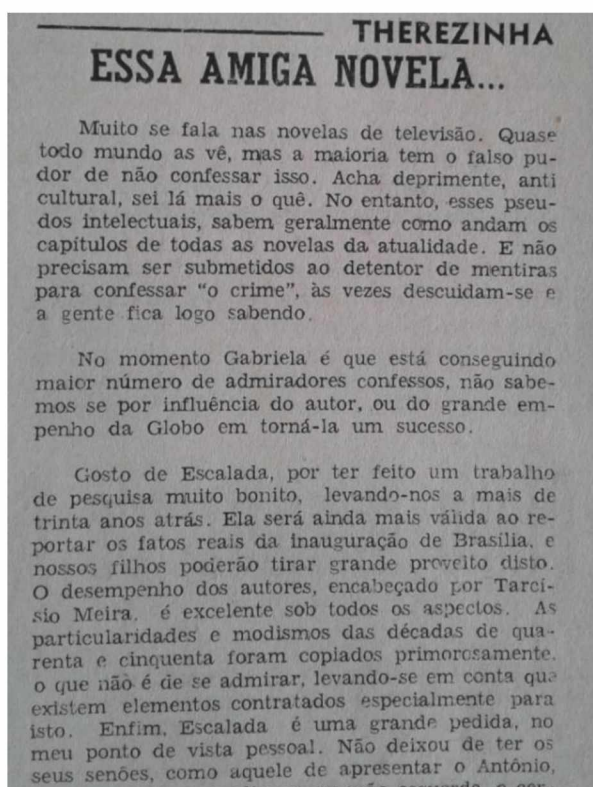
A coluna Lar e Mulher, é repleta de elogios e defesas para com as novelas que caem rapidamente no gosto popular. Porém, às vezes deixa transparecer um certo padrão comportamental para os apreciadores das novelas, como se estas fossem coisa

de pessoas não intelectuais, apesar da autora do texto tentar demonstrar opinião contrária à este pensamento.

Muito se fala das novelas de televisão. Quase todo mundo as vê, mas a maioria tem o falso pudor de não confessar isso. Acha deprimente anticultural, sei lá mais o quê. No entanto esses pseudo intelectuais, sabem geralmente como andam os capítulos de todas as novelas da atualidade. E não precisam ser submetidos ao detentor de mentiras para confessar “o crime”, às vezes descuidam-se e a gente fica logo sabendo. *O Correio de Uberlândia*, março de 1973

Rapidamente as telenovelas caem no gosto popular, mas de acordo com o texto, um certo falso pudor parece perpassar a sociedade, que ainda na década de 1970, divide muito bem os papéis a serem representados pelas pessoas. Porém o texto fala de um poder de atração tão grande das novelas, que é capaz de romper com as antigas tradições, fazendo com que mesmo aqueles que se julgam intelectuais ou não, adquiram rapidamente a apreciação por elas.

Para aqueles que hoje, já estão ambientados com as telenovelas diárias, parece muitas vezes exagero enaltecer sua capacidade de mídia, mas para os homens e mulheres da década de 1970, era algo tremendo, verem aquelas histórias romanceadas, que a cada dia deixavam em aberto os acontecimentos do próximo capítulo, isto era algo novo e por isso o impacto na vida das pessoas foi proporcional à novidade.



Fotografia 34
Coluna Lar e
Mulher.

Fonte, O Correio de
(1973)

Uberlândia,

E porquê a novela era “essa amiga’?, talvez por estar presente no cotidiano das pessoas, na intimidade do lar, sendo apreciada e admirada por toda a família, desde o menor até o maior.

As pessoas passam a deixar as atividades, ou adiantá-las, para que possam sentar-se em frente à televisão e passar alguns minutos interagindo com os romances que são representados através das novelas. E estas mesmas pessoas, sem o perceberem serão influenciadas por elas. Modismos serão lançados e costumes antigos contestados, à partir da leitura audiovisual que é efetuada todos os dias, na sala, em frente à televisão. Se a novela adquire status de amiga das famílias, é concedido a ela também o exercício da influência.

Fotografia. 35 Coluna Lar e Mulher sobre a novela “Gabriela”.

Lar & Mulher

**THEREZINHA
GABRIELA** . . .

Feita de cravo e canela, o sol na morenez da pele, sol tropical que tinge muito e se entranha em cada fibra do corpo, dando a força necessária para enfrentar as intempéries. Cada um de nós formou em seu íntimo a imagem perfeita de Gabriela, sempre morena, com a imoralidade inocente própria dos bichos, pecado sem culpa, destino incerto das moças que começaram a viver cedo demais. Na assimilação da leitura absorvente de Jorge Amado, nós nos tornamos Gabrielas, Dona Flôr e Thereza Batista, penando juntas, amando ao mesmo tempo, soltas no final, libertas do peso de ser heroína marcante e marcada; pecadora e pura.

Todo trabalho novelístico sofre no princípio um período de rejeição. E como se ficassemos sem uma empregada que conosco conviveu durante 1 o n g o tempo, para no fim casar-se e ser feliz. Dela exaurimos até a última gota, e entregamo-la com pena, sofrendo a perda que considerávamos irreparável. Depois arranjamos outra empregada, novata, sem graça, difícil de suportar. Forçamos a natureza, violamos sentimentos, vamos lutando por aceitar a coisa nova... e ela vai pegando, vai se entrosando com a gente, vai sendo absorvida aos poucos, mas fortemente.

Com Gabriela está acontecendo assim. Os primeiros lances, feitos com tanto carinho para nós, perdem-se na falada rejeição natural. Alguns imaginam ser apenas a repetição do livro, e repetição não conta. Esquecem-se de que a Globo trata o seu público com amor, gastando muito para contentá-lo, usando todos os meios modernos para atingir um nível de perfeição absoluta. Gabriela é uma forma livre de trato do livro de Jorge Amado. Algumas personagens foram reformuladas, o ambiente foi seguido carinhosamente, a época fulgurante do cacau, enriquecendo os coroneis, foi retratada da maneira mais fiel possível. Em cada figura o nome do artista máximo, caprichoso, capaz de corresponder aos apelos do seu papel.

Gabriela, ainda não teve no início da novela o seu crescendo. Gabriela virá mansamente para ir tomando forma, invadindo a vida de todo mundo, agigantando-se ao máximo em importância, mudando o panorama da cidade em evolução. E se nós não acompanharmos passo a passo a invasão de Gabriela, teremos perdido lances importantes da estória.

Sônia Braga tem nesta novela a sua chance de ouro. É tudo ou nada. O papel de Gabriela foi ansiosamente cobijado pelas mais brilhantes atrizes da nossa Televisão, e muitas não se conformaram em perdê-lo para uma moça que ainda não havia atingido o clímax da carreira. Sônia Braga vem de Vila Sésamo e de pequenos papéis secundários em trabalhos anteriores. Não tinha conseguido sequer destacar-se suficientemente num deles, como aconteceu com Sandra Bréa. Prevaleceu no caso o tipo físico, embora muitas morenas estivessem à espera de demonstrar o talento inscípiente. Gabriela não poderia ser figura marcada por outros papéis.

Li o roteiro, e a ficha técnica. Gabriela é uma novela excelente, digna do nosso tempo e da maior atenção. Vale a pena acompanhá-la firmemente, pois vai entrar de sola no nosso coração. Depois vocês me contam se é verdade ou não.

Fonte. *Jornal Correio de Uberlândia*, do dia, 23/04/1975

A telenovela Gabriela surge no início da década de 1970, como um grande sucesso da televisão brasileira, em uma adaptação do livro de Jorge Amado, “Gabriela Cravo e Canela. A história se passa na região nordeste do Brasil, em uma época onde o cacau dava grandes lucros aos fazendeiros coronéis, e tem como personagem principal, a menina Gabriela, moça sofrida que vai para ilhéus em busca de uma vida longe da seca no sertão, e chegando lá, se torna rapidamente centro das atenções, pela sua beleza morena, e sensualidade, que aliás, na novela é bem explorada.

No documento acima, a autora da coluna Lar e Mulher, discorre comentários exatamente sobre a novela em questão. São comentários que falam de uma época, onde a sociedade brasileira, se encontrava emersa em um mundo, que se abria às influências culturais estrangeiras, transformava-se gradativamente em sua natureza comportamental, mas ao mesmo tempo se apegava ao tradicionalismo patriarcal, ao papel bem definido da mulher, e às divisões de classes, que muitas vezes eram tidas em tons de preconceito.

Cada um de nós formou em seu íntimo, a imagem perfeita de Gabriela, sempre morena, com a imoralidade inocente própria dos bichos, pecado sem culpa, destino incerto das moças que começaram a viver cedo demais. Na assimilação da leitura absorvente de Jorge Amado, nós nos tornamos Gabrielas, Dona Flôr, e Thereza Batista, pensando juntas, amando ao mesmo tempo, soltas no final, libertas do peso de ser heroínas marcantes, e marcada, pecadora e pura. *O Correio de Uberlândia*, 23/04/1975

A novela surge em uma época de acalorados debates sobre o papel da mulher na sociedade e dentro do âmbito familiar. É um período onde o divórcio é questionado, e onde as moças são marcadas ou rotuladas de acordo com sua conduta. Se uma mulher fuma é considerada por muitos como “vulgar”, a roupa que veste então, se não se encaixar nos padrões morais, é prontamente criticada, e a personagem Gabriela da novela da Rede Globo, é alguém que não se encaixa nos padrões de moralidade da sociedade brasileira da década de 1970.

Quando o texto tenta justificar o “pecado inocente” de Gabriela, típico dos bichos, percebe-se a formação de um tipo de mulher, de natureza inocente, e por isso não pode ser criticada por seus atos. O ser inocente, não pensa em seus atos, e é

deste jeito que se justifica a juventude sensual e alegre da personagem de Jorge Amado.

Um pouco mais abaixo no texto a autora faz uma comparação entre as novelas e uma empregada doméstica. No documento, as palavras exprimem um pouco sobre a vida das empregadas naquela época. Se amamos, não queremos perder, e quando sabemos que vão se casar, e por isso ficarão “livres”, nós sugamos-lhe até a última gota. Exploração comum, sem culpa também, de uma sociedade acostumada com as nítidas e “normais” diferenças de classes, ricos e pobres, patrão empregado, patroa e empregada doméstica.

O texto segue tentando enaltecer o trabalho da Rede Globo, que na fala da autora, *“trata seu público com amor, gastando muito para contentá-lo”*. A Emissora que na década de 1970, desponta como a maior e mais forte empresa de televisão do país, é elogiada sem nenhuma crítica, pois se preocupa com amor com o seu público, e por isso lança as novelas, não há outro motivo que a move a não ser o amor.

Os elogios à telenovela são fortes na coluna Lar e Mulher, para a autora do texto, não há motivos para rejeição ao drama, pois ele não é uma repetição do livro de Jorge Amado, mas uma adaptação que busca a perfeição. E segue dizendo que Gabriela, chegou para invadir todos os espaços da vida social, e quem não se aperceber disto, ficará para traz na estória.

Gabriela ainda não teve no início da novela o seu crescendo. Gabriela virá mansamente para ir tomando forma, invadindo a vida de todo o mundo, agigantando-se ao máximo em importância, mudando o panorama da cidade em evolução. E se nós não acompanharmos passo a passo a invasão de Gabriela, teremos perdido lances importantes da estória. *O Correio de Uberlândia*, 23/04/1975

A década de 1970, é marcada por mudanças tecnológicas, que sem dúvida interferiram radicalmente na vida das pessoas. O telefone, a televisão, o aprimoramento do toca discos, os automóveis que começaram a serem produzidos no país em uma escala maior, tudo isso trouxe uma sensação de euforia, e de expectativa de que o amanhã seria cada vez melhor. O governo militar, tentava implantar esse sentimento, através de propagandas, utilizando-se dos meios de comunicação.

Mas em meio à euforia, foi uma época de contradições entre o novo e o velho, entre a antiga moral, e os novos gritos de liberdade que surgiam, onde antigas

regras pareciam ser contestadas, mesmo em meio à um ambiente repressor. De acordo com o texto, Gabriela iria invadir mansamente a vida de todo o mundo. E parece-nos ter sido exatamente isto que aconteceu nas décadas posteriores, o espírito livre, sensual e contestador de Gabriela, perpetrou os poros da sociedade brasileira, fazendo surgir o que seria chamado de contracultura.

Na mesma coluna Lar e Mulher, encontramos comentários sobre como os tempos mudaram, e o papel da censura nestes dias onde as imagens estão por todos os lados, atraindo a atenção das crianças, e causando espanto e indignação naqueles de espírito mais conservador. E sobre a novela Gabriela a autora do texto intitulado “Censura Elástica”, diz.

Pelo que estamos vendo a cada dia a censura brasileira está ficando muito liberal. A tradicional família mineira, pelo menos no que toca os componentes que habitam esta bela e progressista região do triângulo, anda dizendo cobras, lagartos, e até dinossauros da novela Gabriela. A permissividade de costumes, se bem que nos meios considerados fora da elite social, a plebe que entra na novela, choca os olhos de mineiros desavisados, avisados e mesmo “redondos”. *O Correio de Uberlândia*, 04/05/1975

O ponto de discussão aqui, ainda gira em torno da telenovela Gabriela, que de acordo com as palavras no texto na coluna Lar e Mulher, tem causado um transtorno na vida de muitos mineiros que não concordam com as cenas imorais que ali são apresentadas. A censura brasileira tem ficado muito liberal, e as famílias não estão sabendo lidar com as crianças, que ficam até tarde vendo televisão. Porém, as crianças mencionadas em outra parte do mesmo texto, aparecem mais como uma desculpa, pois quem estaria se sentindo incomodado na verdade seriam muitos adultos, avisados, desavisados e até redondos ou liberais. A pesquisadora Laura Guimarães Correa, analisando sobre o papel da mídia, e os embates e debates de valores percebidos na interação entre sujeito, sociedade e propaganda afirma que.

Os comerciais, assim como outros produtos midiáticos, dotam as instituições da maternidade e da paternidade de sentidos, reafirmando antigas tradições e/ou propondo novos valores. Alguns dos valores acionados são bastante antigos e sólidos, outros são conflitantes e cambiantes. Na maioria das sociedades atuais, já não existem mais sistemas de valores completamente fechados, assegurados, fixos, que expliquem todas as esferas da vida. CORREA Laura, 2012: 95

Fotografia 36 Coluna Lar e Mulher

Não deve ser fácil censurar nesta época. Os costumes mudaram integralmente, a formulação de valores é outra, as leituras e a própria publicidade impressa estão dentro do vale tudo. É lógico que uma literatura de expressão livre deveria ser mantida fora do alcance de olhos e ouvidos infantis, mas é também lógico que não é difícil ao menor manter contato com as coisas que despertam seus sentidos, já que elas estão correndo soltas por aí. Seria necessário um trabalho insano para a reviravolta total neste estado de coisas e ninguém poderia prever os resultados. Educação, boa formação a gente dá em casa, na escola, mas os efeitos visuais estão em progresso crescente e contra eles nada podemos fazer. Reprimir totalmente não é o certo. Resta-nos apenas orientar. Não vamos ficar de mal com a televisão nem deixar de ver a portentosa apresentação da obra de Jorge Amado. A vida tem mesmo muita coisa feia, até do lado da casa de cada um de nós, simbolicamente falando, e o jeito é dançarmos de acordo com a música que hoje estão tocando... É só anestesiarmos o pudor!

Fonte. *Jornal Correio de Uberlândia*, 04/05/1975

Outro ponto que chama a atenção no texto, é a diferenciação clara, entre a plebe e seus “costumes baixos,” e a elite social que não compactua com tais costumes. Assim a permissividade dos bons costumes, não tem nada haver com esta elite, mas com a plebe que entra nas novelas, e agride de certa forma o pudor dos habitantes desta cidade progressista.

O texto caminha para uma justificativa, e tentativa de conciliar as coisas, sem o desmerecimento para com a televisão em si, e com a novela. De acordo com a autora, os tempos mudaram, e é preciso que possamos ter “elasticidade” sem ser necessário recorrer à censura. As palavras no texto de número 35 confirmam este pensamento explanado na coluna Lar e Mulher, apesar de que há muita expressão livre que devesse ser censurada, não devia-se ficar de mal com a televisão, pois coisas feias e erradas estão por toda a parte, mesmo na vizinhança, e o melhor a fazer é orientar, enfim anestesiarmos o pudor.

A coluna Lar e Mulher, na década de 1970, dispensou muito de seus comentários, a falar sobre a televisão e as telenovelas na vida dos Uberlandenses. Mas não só isso, outros temas também eram abordados, como por exemplo, os

movimentos feministas na Europa e Estados Unidos, sempre com uma certa desconfiança, para com tais manifestações, que pareciam não estar em harmonia com um certo padrão social já há muito estabelecido em nossa sociedade.

Na coluna do dia 18/03/1975, o tema “Ano Internacional da Mulher”, é tratado de modo a desmerecer o trabalho dos movimentos feministas, e enaltecer um perfil de mulher que ao invés de querer que o marido divida as tarefas com ela, se põe a fazer a sua obrigação e a do marido também, porém exercendo uma liderança “silenciosa” dentro da casa, o texto inicia-se da seguinte forma.

Continuam em todo o mundo as comemorações do ano internacional da mulher, e obviamente a mulher tem sido ouvida a respeito dos mais variados assuntos. Todas as líderes feministas consideram demasiadamente insignificante, o papel desempenhado pela mulher, nos setores políticos do mundo inteiro, sendo demasiadamente pequeno o número daquelas que exercem posições destacadas na vida pública. *O Correio de Uberlândia*, 18/03/1975

O texto continua, tratando do assunto, o papel da mulher na sociedade, e segue discorrendo sobre uma pesquisa feita entre as jovens da França.

Enquanto isso na França, a juventude foi consultada sobre o que pensa a respeito do comportamento da mulher no casamento. Meninas na faixa etária dos 16 aos 20 anos, foram unânimes em afirmar que os homens devem adquirir através do casamento, os mesmos deveres da esposa, no que se relaciona com os trabalhos do lar. Se a mulher trabalha fora ou estuda, deve o marido cuidar dos arranjos da casa, do mesmo modo que ela, sem precisar se sentir diminuído, da mesma forma que ela não se sente. *O Correio de Uberlândia*, 18/03/1975

Ao término do texto a autora, tece uma crítica à postura destas mulheres, que vivem reclamando de direitos iguais, mas, se esquecem que possuem um papel importante a ser realizado dentro da sociedade. Trabalho árduo, porém jamais insignificante, cuidar do marido e dos filhos.

Esse negócio de achar trabalho doméstico menosprezante já era. O maridinho que trate de lavar os pratos, tirar o pó, e empunhar vassoura. Se elas provêm com seu salário, uma parte da manutenção do lar, devem e podem sair como os homens para higiene mental, descanso e outras transas. Não ficou bem explicado o procedimento

delas quando vierem os filhos, mas certamente deixarão as crianças com babás, e botarão pra quebrar. Um lembrete, na França existe o divórcio. *O Correio de Uberlândia*, 18/03/1975

No Brasil, as configurações familiares pré-estabelecidas, e com raízes ainda no século XIX, começam a se alterar à partir da segunda metade do século XX, porém as mudanças ocorrem de maneira gradual e lenta, impulsionadas pelo modernismo que gritava por transformações em todos os setores da sociedade, mas ao mesmo tempo, dificultadas por uma mentalidade de natureza “conservadora”.

Nas palavras do texto acima, podemos perceber essa visão, que ainda não consegue ver com bons olhos, a natureza dos movimentos feministas. Há uma certa desconfiança, como se estes quisessem com suas reivindicações, desestruturar, as bases sólidas do modelo de família brasileira.

É um momento, onde o divórcio é rejeitado por áreas conservadoras da sociedade, e percebe-se nas palavras do documento, a postura das mulheres ditas “feministas”. Enfatiza-se então, que na França existe o divórcio, como se devido a isto, aquele lugar não fosse digno de confiança, não tem autoridade para defender a “mulher”, e por isto, é melhor que as coisas continuem por aqui do jeito que estão.

Na coluna Lar e Mulher, da década de 1970, percebemos a colisão de dois mundos diferentes, aquele que rapidamente se modifica impulsionado pela força do século XX, e outro que ainda preso à suas acalentadas e importantes visões de mundo se sente um pouco desconfortado com as mudanças. De acordo com Esther Hamburger.

Nos anos 70, mesmo que em geral acabassem por afirmar a superioridade de um padrão de mulher dependente, fiel, obediente e restrita ao universo doméstico, as novelas opunham esse padrão a um modelo de mulher profissional, liberada e independente, captando e expressando uma discussão cujo resultado mudou com o tempo, ao menos em parte de sinal. Mas mesmo no tempo em que terminavam com verdadeiros discursos morais em defesa da família convencional, os folhetins eletrônicos conferiram enorme visibilidade pública à discussão de certos temas anteriormente tratados somente no âmbito privado. HAMBURGER,1998: 475

Sobre a influência das novelas, é sabido por todos, que a partir da década de 1970, quando estas começam a serem transmitidas de maneira mais veemente,

com maiores recursos, e com a afirmação da Rede globo de Televisão, as pessoas passam a se posicionar frente aos costumes que são representados nos dramas televisivos, em um destes documentos do ano de 1975, podemos perceber esta interatividade entre jornal, público e novelas.

Fotografia 37. Coluna Lar e Mulher.

Lar & Mulher

THEREZINHA

INFLUÊNCIA DAS NOVELAS.

Hoje em dia a gente não pode mais brigar com marido sossegada. Se a gente começa a reivindicar os sagrados direitos de esposa, ficam dizendo que parecemos a Cândida. Se o marido de alguém arranja mulher fora de casa, acusam-no de estar procurando uma nova Marina. O moço que curte paixão antiga é o Felipe. O empresário ganancioso é o Dr. Facchini, e o homem que tenta cavar a vida fora da sua cidade é o Antônio Dias.

Tenho ouvido as mais desêncontradas exclamações sobre o tríduo Antônio, Marina, Cândida.

Relembrando capítulos antigos da novela, quando a então mocinha fazendeira Cândida, tentava Antônio com todo seu charme, usando agressivamente as unhas quando era preciso, tem gente que acha ser dela o direito absoluto ao Antônio. A menina lutou um bocado para ter aquilo que desejava, passando por cima das conveniências de hora, meios e tudo mais. Desmentindo o conceito de ingenuidade das mocinhas interioranas, sapecava ardorosos beijos no seu galã, saía a qualquer hora tocando a carroça para ir ao encontro do moço e não temia sequer a cólera do seu pai.

Depois de meio caminho andado por Cândida, apareceu Marina em Rio Pardo. Moça finamente educada, prepotente, inconquistável, voluntariosa, achou que o rapaz mineiro, calpirão, seria um troféu diferente na sua vida movimentada. Queria brincar com ele, passar o tempo mais depressa e depois retornar ao seu mundo brilhante para estar com gente da sua mesma espécie, mundana e inconsequente. O tiro saiu pela culatra. Acabou apaixonando-se por Antônio, embora não tomasse consciência disto. Vacilou até na hora de demonstrar o quanto poderia ajudá-lo, deixando-o partir de mãos vazias e coração dolorido.

Cândida tirou Antônio das dívidas, dos apertos financeiros, deu-lhe estabilidade emocional, uma casa para morar, desde que fosse com ela, e o que é mais importante: deu-lhe um filho. Agiu possessivamente, pois não perdia a chance de dizer ao marido o quanto este lhe devia. Levaram juntos o barco da vida por mares tempestuosos e pela calmaria, durante muitos anos, até que o amor do passado, a Marina encantada, retornou.

Imaginem se todos os amores do passado de cada um de nós voltasse um dia, do mesmo jeito, com cara bonitinha, magrinho, charmoso...

com cara bonitinha, magrinho, charmoso...

A gente sabe que nada é assim. O tempo cura os grandes males, passa por cima dos maiores amores, transforma qualquer sentimento por mais importante que ele tenha sido. Depois de quinze anos, vinte anos, qual dos nossos antigos admiradores resistiria a um segundo olhar apaixonado? E nós mesmas? A lembrança da menina de quinze anos, mulher de trinta é tão impossível como chover de baixo pra cima! E homem de trinta fica diferente do mesmo modo, quase na sua totalidade. Uns ficam calvos, outros engordam, os olhos anuviaram-se, a pele perde o frescor... É isso aí...

Nunca poderemos ser Cândidas ou Marinas, teremos de ser nós mesmas, com reações diferentes, amores diversos, fidelidade de deveres, não de sentimentos, que estes jamais serão eternos em todos os casos de amor.

Fonte. *Jornal Correio de Uberlândia*, 01/08/1975

No documento de número 37 , há uma referência à uma telenovela e os desdobramentos de um caso de amor, onde a moça do interior, pobre se apaixona por um rapaz também da sua região, mas vê o seu grande amor sendo levado por uma outra mulher, rica e que influencia o rapaz com o seu dinheiro. A questão que se coloca é: até que ponto a vida que é representada nas novelas pode influenciar nas decisões e comportamentos da vida cotidiana de cada um?

A interação entre público e conteúdo novelístico, faz parte do jogo dialógico da recepção. No texto, faz-se menção à um certo comportamento visível , na época da afirmação das novelas da Rede Globo e de outras emissoras. É o fato das pessoas se compararem com os artistas da televisão e com o que acontece nas novelas, ainda que em tom de brincadeira, de acordo com o documento, isto pode ser levado à um outro patamar, o da imitação da vida ficcional, o que é combatido veementemente através de suas próprias palavras.

De acordo com o drama mencionado na coluna Lar e Mulher, ao final dos encontros e desencontros, o grande amor do passado no caso Marina, volta e retira o seu amado dos braços de Cândida, a mulher que fundamentou sua relação amorosa mais no dinheiro do que no amor sincero. Neste instante as palavras expressas no texto parecem criticar tal postura, como se aquele ato fosse errado, um casamento por mais que tenha sido consumado através de vias espúrias, não deve se desfazer.

Depois de quinze anos, vinte anos, qual dos nossos admiradores resistiria a um segundo olhar apaixonado? E nós mesmas? A lembrança da menina de quinze na mulher de trinta, é tão impossível quanto chover de baixo de pra cima e homem de trinta fica diferente do mesmo modo, quase na sua totalidade. Uns ficam calvos, outros engordam, os olhos anuviam-se a pele perde o frescor... É isso aí... nunca podemos ser Cândidas ou Marinas, teremos de ser nós mesmas com reações diferentes, amores diversos, fidelidade de deveres, não de sentimentos, que estes jamais serão eternos em todos os casos de amor. *O Correio de Uberlândia*, 01/08/1975

As novelas possuem a característica de influência, pessoal e coletiva, mas o que chama a atenção no texto, é o posicionamento contrário, ao que está sendo representado nesta novela. É um período de “fidelidade de deveres”, e já nesta época, os romances encenados nas novelas, passam a introduzir perante os olhos de todos,

comportamentos estranhos e considerados prejudiciais à sociedade, como o divórcio, os casos extraconjugais, ou seja, ela é uma janela escancarando comportamentos contraditórios, em uma sociedade com conceitos de moralidade bem definidos.

Não somente a coluna “Lar e Mulher”, apresenta comentários sobre a relação da televisão e das novelas com o dia a dia na cidade de Uberlândia, mas outros textos de autoria diferente, também se posicionam. Em um editorial intitulado, *O In...Fernando*, também muito comum na década de 1970 encontramos o seguinte artigo, por nome TV Nossa de Cada Dia, comentando sobre a novela escalada ele diz.

Um amigo comenta lá em casa que a novela escalada não deveria ser apresentada neste horário das vinte. É que várias coisas chocam-se violentamente contra os mais mezinhos deveres da educação no lar. Primeiro o garotinho filho de Antônio, faz uma série de má criações que servem de mau exemplo para os meninos em sua faixa de idade. Segundo que, sem a aprovação do divórcio, a tradicional família mineira, jamais poderá aceitar como casamento, a união feita num consulado qualquer de país que nem se sabe se mantém relações diplomáticas com o nosso. *O Correio de Uberlândia*, 06/08/1975

Posteriormente, no mesmo texto o autor continua discorrendo sobre as novelas e as associações entre o que ocorre no enredo e a vida cotidiana na cidade de Uberlândia.

Quanto à Gabriela, as coisas também não estão muito claras quanto à posição dos “Coronéis”, porque na verdade, eles mandam e desmandam, e as esposas ficam submissas e comportadinhas. Coronel pode ir ao Bataclã com os amigos, pode montar casa para as moças na rua das mariposas e não tem bronca. Aqui em Uber City se agente resolver ficar umas horas a mais numa churrascaria com os amigos do peito, ou pegar um escaldado do Pelé no bar do Edgard, nem queiram saber o que as nossas caríssimas metades aprontam. Bataclã na novela funciona e dá lucro, aqui por estas bandas quem abrir um Bataclã, vai ter que fechar as portas logo logo, porque com as esposas ubercitenses, por exemplo, não tem boate que dê lucro. *O CORREIO de Uberlândia*, 06/08/1975

As representações dos romances apresentados pelas telenovelas, passam a ser temas de discussões entre amigos e principalmente amigas. No caso do documento intitulado *O In...Fernando*, a pessoa que escreve, o faz relacionando o que acontece nas novelas, com o que poderia acontecer na vida real. Primeiro cita o exemplo da opinião de um amigo, contrária aos comportamentos que são exibidos na telenovela

escalada, de uma criança, malcriada e de um exemplo de divórcio. Depois sobre os Coronéis da novela Gabriela, que mantêm casos extraconjugais, frequentam bordéis, e não são contestados pelas esposas que ficam quietinhas, ele diz que em Uberlândia isto seria impossível. Percebemos aqui a comparação e o confronto entre o que se passa na novela e as experiências da vida cotidiana.

As novelas exercem o poder da influência, e as pessoas começam a comentar entre si, se o que acontece no enredo pode ter desdobramentos na vida pessoal e coletiva. Este fenômeno se tornará evidente quando a partir da década de 1970, os modismos apresentados nas novelas passarem a ser incorporados dentro da sociedade brasileira.

A coluna Lar e Mulher, ao analisar os personagens da televisão e do cinema, o faz, opinando sobre suas condutas como indivíduos pertencentes à um grupo social, e que portanto, por serem famosos, exercem um certo tipo de influência. Em um momento da história, onde se discutia a questão do divórcio, a desagregação da família, a mulher em busca de espaço no mercado de trabalho, a televisão através das novelas, programas de reportagens, e outros mais, surge como uma espécie de vitrine, para as pessoas que passam a questionar os comportamentos ali expressos pelos atores em seus papéis, mas também o que estes personagens “famosos” fazem de suas vidas pessoais, e não só isto, mas também um ideal para muitos que veem nos comportamentos ficcionais exemplos a serem seguidos.

Em uma das colunas do mês de outubro do ano de 1970, o assunto gira em torno de um personagem do cinema, mas que também poderia vez ou outra aparecer na televisão, em programas de reportagens. Trata-se da atriz norte americana Elizabeth Taylor, que é criticada no editorial do *Jornal Correio de Uberlândia*, por ter se casado várias vezes.

Analizando friamente esse espécime feminino, que vive outros costumes, raciocina de forma inteiramente diversa da nossa, reage de acordo com os instintos sem medir consequências, chegamos à conclusão de que se trata de um ser humano inconsequente em relação não só da profissão que abraçou, como pela educação recebida em tenra idade, onde a mãe vaidosa, e possessiva encontrou válvula de escape para a realização de seus próprios anseios. *O Correio de Uberlândia*, 24/10/1975

O escritor estadunidense, Marshall Berman (1982), no livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” já no início do século XX, analisa uma sociedade ocidental onde as coisas sólidas se fragmentariam, tão facilmente como quando foram tão rigidamente erigidas. O século XX, parece ter confirmado esta teoria, que aliás, já tinha sido tão esplendidamente formulada por Marx, no manifesto comunista.

As bases familiares seriam contestadas, as regras impostas à uma juventude que via tudo mudar à sua volta, se desfariam ante os olhos atônitos de muitos. O texto acima fala deste embate entre as tradições do casamento e a liberdade do divórcio que em meados do século XX, no Brasil começam a se solidificar, fazendo com que as pessoas que viviam e se orientavam de bom grado, sob as antigas e boas tradições, se indignassem com as rápidas mudanças.

A crítica direcionada à atriz, é dura, e pessoal apesar de que a colunista tenta passar a ideia de que sua opinião é compartilhada por muitos. “Esse espécie feminino que vive outros costumes, que reage de forma diferente da nossa”, a quem a autora se refere como nossa? Às mulheres de uma forma em geral, ou apenas as de Uberlândia?. Se a atriz revela em seu comportamento, exemplos a não serem imitados, isto é problema dela, já que afinal de conta é tão diferente da maioria das mulheres de boa índole que aqui estão, que chega a ser um espécie diferente de ser humano.

A profissão escolhida pela atriz, também é criticada, o que não era algo incomum nas décadas de 1960 e 1970. Atrizes, cantoras e outras profissões mais, eram vistas com maus olhos, por talvez, grande parte da sociedade brasileira. E agora a televisão contribui para que estas pessoas cada vez mais fiquem em evidência, servindo de referência.

A televisão parece assim desde os seus primórdios, despertar naqueles que se apegam às tradições, um desconforto e por fim uma resistência, ao que é exibido em muitos programas, em especial as novelas, por apresentarem novos padrões de vida comum, diferentes daqueles que são aceitos pela sociedade como um todo.

O *Jornal Correio de Uberlândia*, durante início e metade da década de 1970, comenta incessantemente, sobre a televisão e os programas que com o tempo passam a ser uma extensão da vida pessoal de cada um.

As pessoas não são moldadas pela televisão, mas podemos dizer que são afetadas, talvez influenciadas. Aquilo que gostamos, ou admiramos temos a tendência de nos “afeiçoarmos” ao objeto do desejo, e passamos a emitir valor sobre o mesmo. Assim se gosto de uma novela, logo penso ser necessário compartilhar com os amigos os últimos acontecimentos, um filme, o esporte e assim sucessivamente. No documento de número 37, podemos perceber um pouco desta atitude, sendo reproduzida na *Uberlândia*, da década de 1970.

Se no início da década de 1970, o *Jornal Correio de Uberlândia*, havia escolhido uma mulher para falar sobre as novelas, agora poucos anos depois, um colunista masculino se posiciona também, seria a imprensa jornalística tentando desmistificar conceitos não tão antigos para a época, de que novela seria coisa de mulher?

Fotografia. 38 Coluna Lar e Mulher

É incrível como as pessoas se afeiçoam às coisas, aos lugares, e às pessoas. Isso acaba por fazer da vida de cada um, uma eterna passarela de amizades e conhecimentos novos tão grandes quanto os antigos.

Em todos os setores. No trabalho, na vida social e até na televisão.

Já repararam como toda aquela gente que aparece no vídeo, vivendo seus dramas fantasiosos, acabam fazendo parte da família?

Todas as noites, estamos preocupados com o casamento do rapaz rico com a insinuante babá que todos consideram um anjo mau. E com isso, ela abre as portas do amor para a Lea e para o Luis. Se aquele casamento feito às pressas vai dar certo, isto é o que ninguém poderá vaticinar. Mas, que todas as noites estamos preocupados com eles, isso nós estamos.

Depois, nossos amigos do *Jornal Nacional* nos contam as coisas. E então aparece aquela turma toda do casarão. Quem não se apaixona pelo jeitão irresponsável do velho pintor, tão fascinante que fez com que o amigo deixasse um emprego estável de trinta mil mensais, para seguir com ele numa viagem de recordações?

Passa a ser nosso o problema da desapropriação da velha casa incrustada na montanha. Deixar aquela gente sem o seu lar, em nome do progresso. Diabo! A estrada não poderia passar um quilômetro abaixo?

E não dá vontade da gente tentar abrir de uma vez aquela garrafa e saber seu mistério?

E mais tarde, a vida da cidade complicada. Da Bole Bole que nos lembra alguns

lugares bem reais. E o drama do amor ardente da eterna Gabriela, pelo homem que se envergonha de ter um par de asas em suas costas?

Porque vergonha, se asas são os atributos mais belos dos Anjos do Senhor?

E a luta de nosso querido padre contra as mulheres faladeiras que infernizam a cidade? Chocante a morte de D. Redonda, mas afinal de contas, uma hecatombe que nenhum sismógrafo registrou na face da terra.

Nossa família real, com seus problemas, com suas dificuldades financeiras e com o choque natural de gerações, acaba por se confundir com toda aquela gente colorida da televisão, e que a capacidade de trabalho de uma equipe formidável como a Globo, acaba por tornar tão real, que qualquer dia desses estaremos batendo um papo com qualquer uma das personagens em plena Praça Tubal Vilela.

Antigamente, os homens no seu machismo mentiroso, diziam que a novela era coisa de mulher. E as acusavam de serem tolas e sentimentais. Agora, as novelas fazem parte da discussão masculina. Entre o futebol, e o pênalti perdido por Zico, as conversas acabam girando em torno do capítulo de ontem. E quanta gente há que não sai mais de casa. Não porque não tenham amigos para uma cervejinha Antártica num bar da cidade, e sim porque preferem tomar a Antártica na sala de visitas, de olhos pregados na televisão?

E porque as pessoas se afeiçoam às coisas, aos lugares e a toda aquela gente fantasiosa que todas as noites vem viver seus pequeninos dramas aqui dentro da casa da gente.

Fonte. Coluna do *Jornal Correio de Uberlândia*, do dia 24/06/1976, tratando da afeição das população pelos personagens das novelas.

O redator da coluna acima, intitulada: *“Um anjo mau no casarão de Saramandaia”*, busca, associar o que acontece, no enredo de algumas telenovelas importantes da década de 1970, com aspectos da vida cotidiana das pessoas. É a sensação que por vezes, se tem, de que os acontecimentos da novela são reflexos do dia a dia, e vice e versa.

O ser humano é influenciado por aquilo que ele ouve, vê e pratica. A prática humana sempre esteve associada às transformações que o homem produz na sua vida e ao seu redor. O exercício da leitura é uma prática, não dá pra ser alheio e não ser afetado por ele, impor nossas opiniões, selecionar o que gostamos e o que não gostamos, ou seja, reestruturar tudo aquilo. Existe um tipo de leitura diante da televisão, ela é visual e auditiva, e assim como acontece com o livro, interfere sim nas nossas escolhas e decisões. Não é um jogo de controle de passividade, mas imperceptível onde passamos a olhar o mundo comparando-o com aquilo que lemos na tela do aparelho.

A empregada da telenovela que seduz, teria algo haver com a empregada do dia a dia?, é o que o autor do documento acima indaga no início de suas considerações, e assim vai percorrendo um pouco do enredo das outras novelas, casarão, saramandaia, Gabriela, e termina dizendo que novela também é coisa de homem. A proximidade entre os personagens nas novelas e as pessoas é reafirmada no texto que deixa implícita a ideia de que os acontecimentos das novelas são inspirados no dia a dia, e o dia a dia é moldado em certa medida pelos acontecimentos das novelas. Entendendo mais uma vez, que não de maneira arbitrária e passiva.

Os padrões de comportamento de gênero, são revelados também no texto de número 37, onde sair de casa para um cervejinha com os amigos, atitude de homem, tem sido algo que muitos tem deixado de fazer, não tanto por motivos privados do lar, mas justamente para acompanhar as novelas, e por isso tomam suas cervejas em casa mesmo.

A partir de 1970, as novelas passam a focar o conteúdo de seus dramas em acontecimentos sociais, que antes eram tratados somente no âmbito particular, já que não se encaixavam dentro das normas de padrão e conduta da sociedade brasileira. Os casos extra conjugais, o divórcio, a sexualidade, a liberalização feminina e outros mais.

Acontece que ao entrarem estes enredos visuais em confronto como as estruturas conservadoras da coletividade, começa-se então um processo de crítica veemente para com as novelas.

A novela *Escrava Isaura*, transmitida em meados da década de 1970, também foi motivo de comentários nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*. Baseado no romance de Bernardo Guimarães, o enredo tinha todos os elementos que pudessem prender a atenção dos apreciadores do gênero. Escravidão, miscigenação na pele de uma escrava “branca”, representada por Lucélia Santos, O senhor de engenho, rico e mau caráter que se apaixona pela Isaura, e não sendo correspondido passa a atormentá-la em um sadismo total, enfim, foi uma das novelas que alavancaria o índice de audiência da Rede Globo de televisão. Em um dos editoriais do *Jornal Correio de Uberlândia*, encontramos o seguinte sobre esta novela.

A escrava Isaura se libertou, alguns escravos se libertaram. Mas muitos outros escravos continuavam a arrastar-se por esses brasis afora. Porque sentimentalmente prender nossa atenção só aos problemas de Isaura, quando muitos outros viviam a mesma situação de opressão?. *O Correio de Uberlândia*, 08/02/1977

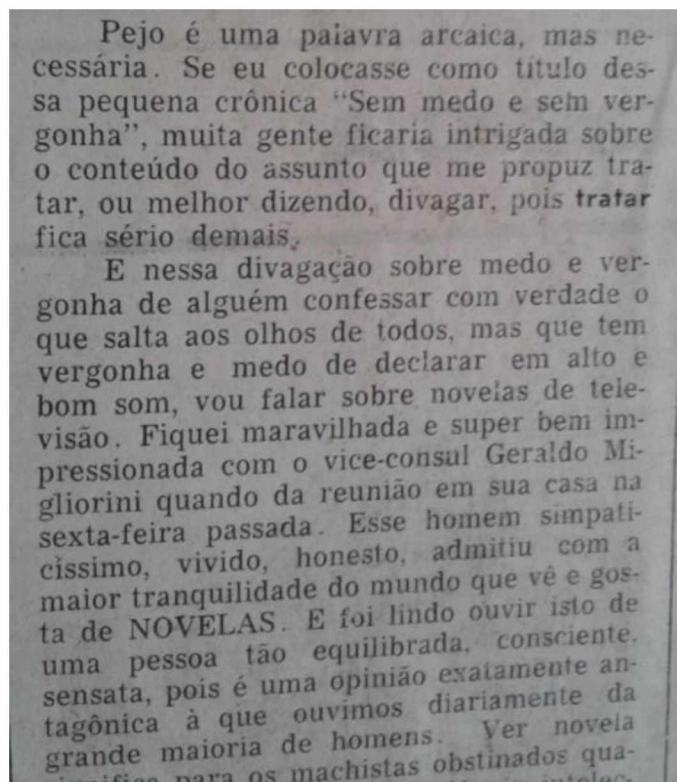
Há uma proposta feita na citação acima, que é a de analisar a história da novela, mas de maneira crítica, e não de modo passivo como se aquilo que ali acontece não possuísse nenhuma relação com a vida real. A *Escrava Isaura* foi assistida por muitas famílias, já que neste instante, em 1976 e 1977, o acesso familiar aos aparelhos de televisão haviam aumentado consideravelmente na região sudeste, e por ser transmitida no horário das 18:00 horas, se fez acessível à muitos pais e crianças da cidade de Uberlândia.

Além da proposta de análise, podemos perceber uma certa “resistência” para com o tema novela, como se mais uma vez, o resultado da interação entre expectador e universo midiático, fosse permeado de alienações por parte de quem acompanha os capítulos diários das novelas. Tal postura de resistência para com toda nova tecnologia que surge, parece ter sido comum no decorrer da história, e ainda hoje é visível em relação às novas tecnologias da internet.

O que representaram as novelas para o povo Uberlandense na década de 70? . Por certo que a afirmação de algo que na década de 1960 ainda era uma

incógnita. E talvez, as palavras do texto abaixo ajudem a entender um pouco esta pergunta.

Fotografia 39 comentários sobre a vergonha de se reconhecer expectador de novelas



O Correio de Uberlândia. Lar E Mulher, “Sem Medo e sem Pelo” 30/06/1977

“É uma opinião exatamente antagônica à que ouvimos diariamente da grande maioria dos homens.” O Jornal correio de Uberlândia opina, na voz de sua representante, e a mulher cidadã também da mesma forma deixa revelado os seus conceitos sobre, parâmetros de comportamento social.

Mas há algo mais aqui. Percebe-se um pouco do equilíbrio de relações de gênero existente na década de 1970 no Brasil, onde o papel da mulher era bem definido. Primeiramente mãe, esposa, companheira silenciosa, e amante de “novelas”. Quando no caso do texto, um homem dito importante, também assumia sua prevaricação para com as novelas, isto parece que acalenta de alguma forma a consciência da colunista do Correio de Uberlândia. De acordo com Esther Hamburger

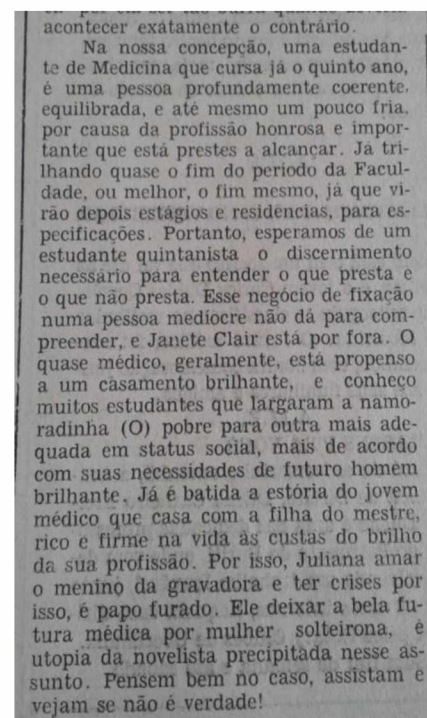
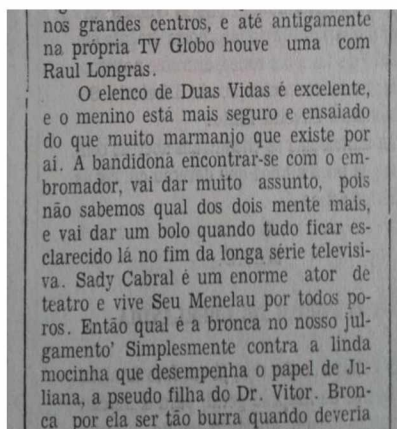
no livro *História da Vida Privada no Brasil*, no início da televisão, as novelas tiveram um papel determinante na conquista da audiência e preferência dos telespectadores, o que se percebe também ter ocorrido na cidade de Uberlândia.

As novelas surgiram praticamente junto com a televisão no Brasil, embora só tenham atraído a preferência das emissoras e da audiência, a partir do final da década de 60, e início dos anos 70, quando os folhetins eletrônicos transmitidos pela Rede Globo passam a figurar de maneira recorrente na lista dos dez programas mais vistos divulgada pelo IBOPE. Hamburger 1998 p, 459

Perceber o impacto da televisão na cidade de Uberlândia nas décadas de 1960 e 1970, é também entender que as novelas exerceram um tipo de influência determinante, não somente considerada em níveis de audiência, mas também como tema propagado socialmente nas relações pessoais cotidianas. Despertando nas pessoas o sentido de comparação entre o fictício, e a realidade. Podemos pensar que antes da TV, e das novelas, a literatura de romance talvez, exercesse esse papel, agora dominado por um outro tipo de tecnologia.

CAPÍTULO 4. FINAL DA DÉCADA DE 1970, TELEVISÃO MODERNIDADE, COSTUMES E TRADIÇÕES

Fotografia 44: coluna “Lar e Mulher” comentando sobre as novelas e as mensagens transmitidas por elas.



Fonte: *Jornal Correio de Uberlândia* do dia: 30/01/1977

Ao final da década de 1970, algumas colunas do jornal correio de Uberlândia, continuam comentando sobre o papel e a influência dos programas de televisão na sociedade uberlandense. Estes comentários expressam a opinião do autor da coluna em questão, mas podemos perceber neles traços sociais de uma época onde as configurações culturais se alteravam devido a interatividade das pessoas com as novas tecnologias que surgiam.

Na coluna, “vamos vendo e vamos julgando”, uma das ideias centrais, é analisar se os conteúdos das novelas exibidas pela rede globo, e transmitidas em Uberlândia, são “moralmente” aceitáveis e se estariam de acordo com a realidade do dia a dia, não sendo estes apenas ficções desprovidas de sentido real.

Em uma das novelas comentadas no documento de número 44, uma das personagens que é estudante de medicina se envolve emocionalmente com uma pessoa pobre. Tal fato é criticado nas entrelinhas da coluna, já que este padrão de comportamento não era ao que nos parece, muito comum em meados da década de 1970. Mais uma vez, o documento diz de uma época onde os lugares sociais eram delimitados de acordo com padrões específicos relacionados ao dinheiro e ao estudo. Espera-se que um médico se case com alguém que esteja mais próximo de seu nível social e não da maneira como é representado na novela. As novelas, passam a despertar nas pessoas, o desejo de comparar as histórias fictícias com a próprias realidade cotidiana, e nesta comparação nos posicionamos individualmente e coletivamente, opinando sobre as mensagens construindo juízos de valor.

Pela primeira vez, um programa televisivo de alcance popular, põe em visualização, temas que estavam presentes no cotidiano social, mas que eram tratados como anomalias dentro de um contexto urbano permeado de outros tipos de desvios de conduta moral. Por exemplo, os casos extraconjugais aconteciam por certo corriqueiramente, mas talvez fossem discutidos mais no âmbito privado do que público. Agora a novela e quem sabe outros programas trazem estas discussões para o público, o que passa a criar um ambiente de interações entre o público e o privado diferentes em sua natureza.

Devido à estas novas configurações, provocadas em certa medida pela mídia na década de 1970, o ato de opinar sobre o que é transmitido, fazendo sempre uma relação com a moralidade “religiosa” e tradicional, torna-se constante, o que é

verificado nas análises e comparações feitas por colunistas do Jornal Correio de Uberlândia em meados da década de 1970.

O quase médico geralmente está propenso à um casamento brilhante, e conheço muitos estudantes que largaram a namoradinha pobre, por outra mais adequada em status social, mais de acordo com suas necessidades de futuro homem brilhante. Já é batida a estória do jovem médico que casa com a filha do mestre, rico e firme na vida às custas do brilho de sua profissão. Por isso Juliana amar o menino da gravadora e ter crises por isso é papo furado. . *O CORREIO de Uberlândia*, 30/01/1977.

Trata-se de uma opinião estritamente pessoal, de alguém que acredita que casamentos entre ricos e pobres somente em novelas, já que na vida real isto não acontece. Por trás da tentativa de mostrar a realidade social, as palavras revelam um certo preconceito, visível e entranhado em um Brasil, que tem na sua história de formação a solidificação das divisões de classes sociais. Na história da nação, tem-se verificado que a concessão de oportunidade de escolarização para todos de maneira igualitária, nunca foi algo que ocorresse de maneira efetiva. Assim as pessoas sempre conviveram dentro de um esquema de divisões de classes pré-estabelecido, e permeado de desigualdades. Esther Hamburger comenta sobre este processo expositivo dos confrontamentos entre o público e privado, e em certa medida desencadeados pelas novelas.

Inesperada e inusitadamente alçada à posição de principal produto de uma indústria de proporções respeitáveis, a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, das intimidades privadas às políticas públicas. Essa capacidade sui generis de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino, está inscrita no texto das novelas que combinam convenções formais do documentário e do melodrama televisivo. HAMBURGER, 1998: 468

O surgimento e afirmação da televisão no Brasil, faz parte também do fenômeno moderno da “velocidade”, que se vê na rapidez muitas vezes com que as imagens de certos programas passam a serem exibidas. Muitas pessoas tiveram que lutar para se acostumarem com estes novos tempos que contrastava com os antigos padrões de tempo pautados pela contemplação lenta do mundo. Em um texto do

Jornal Correio de Uberlândia do final da década de 1970, podemos perceber tal estranhamento pessoal nas palavras de seu autor.

Mas tudo é visto depressa e pela rama, e passa-se depressa sem a menor cerimônia sem qualquer interrupção, pra dar tempo de refletir, ou ao menos respirar, do Santo Sudário e da paixão de Cristo para a comicidade de Jards Macalé, como no programa do dia 21 8 pp. Talvez fosse melhor mostrar menos coisas, com mais aprofundamento, com maior possibilidade de assimilação, por parte do telespectador, pois comunicação não é só emissão de uma mensagem mas também a recepção da mesma pelo público a que ela se destina. O Correio de Uberlândia 29/09/1977

Desde seu início, a televisão se torna objeto de desejo e até admiração, passando a fazer parte integrante do dia a dia familiar, mas também alvo de críticas, solidificadas estas sobre conceitos e padrões de moralidade e ética. Foi e é vista muitas vezes como propagadora de mensagens que influenciam negativamente o psicológico das pessoas, através de programas que visam em primeiro lugar apenas a conquista da audiência, não se preocupando em nada com a influência que algumas imagens ou conteúdos possam ter na formação de padrões de comportamentos sociais.

É a ideia de que a “banalização” da violência ou mesmo do sexo livre, acaba influenciando jovens e adultos a adotarem a mesma postura em suas vidas reais e pessoais. Tal postura porém, parece ser muitas vezes carregada de visões unilaterais, que tendem a homogeneizar as relações e trocas entre o público e a Tv. Em Uberlândia ainda na década de 1970, a televisão foi alvo de críticas e elogios vistos em algumas colunas do jornal Correio.

Os meios de Comunicação sustentam um novo ciclo. O da violência. Despreocupadamente. Apreendemos a conviver com assassinatos, sevícias, tráfico de drogas e de influências. Também despreocupadamente. O que nos reserva o futuro, quando o próprio ministro das Comunicações reconhece que “o Brasil está pagando a cada ano, milhões de dólares para liquidar a sua juventude”?. Vejamos dois casos típicos. O *CORREIO DE UBERLÂNDIA*, 23/10/1977

A crítica jornalística intitulada “Heróis drogados e assassinos” da colunista Ana de Vasconcellos, é dirigida de maneira específica para a televisão, que ao enfatizar

demasiadamente programas e reportagens que escancaram a violência, a impunidade, e outras mazelas da sociedade brasileira, acabam por influenciar negativamente toda uma juventude, que está sendo liquidada às custas de milhões de dólares financiados pelo governo para apoiar o desenvolvimento das tecnologias de comunicação no país.

Primeiro Doca Street, conhecido assassino de Angela Diniz. Motivo alegado de ordem passional. As acusações são inúmeras, proxeneta. Drogado. Traficante. Inexplicavelmente a polícia não conseguiu descobri-lo. Ligamos o aparelho de televisão. Numa tomada cinematográfica o galã Doca Street. Mal barbeado de botinhas, fala com voz triste e grave. Escutamos um fungar pausado. Estaria resfriado? Não ousamos pensar que a figura apresentada como o do **Jet set** seja um vulgar drogado. *O CORREIO DE UBERLÂNDIA* 23/10/1977

A crítica é direcionada, à maneira como a televisão acaba por criar uma imagem idealizada de uma pessoa que na verdade cometeu um crime contra a sociedade. A história deste assassinato abalou a sociedade na década de 1970, e agora na reportagem de televisão, o autor do crime é apresentado como “um galã”. Para a autora isto é prejudicial para os telespectadores, que apreendem a conviver com a banalização da violência e com a sensação de impunidade.

Na prisão comia frango grelhado, e possuía aparelho de TV a cores. Trocou a cama por uma mais cômoda. E também a de seus colegas de cela. Um herói. Solto, mal tem tempo para atender todos os compromissos. Posa para capa de revistas. Compõe música para a mulher amada assassinada. As gravadoras alvoroçam-se. Já se fala em um livro de memórias. Filmes. Os adolescentes invejam-no. Cartas e mais cartas. Surge um novo ídolo, produto de nossos irresponsáveis meios de comunicação. *O CORREIO DE UBERLÂNDIA*, 23/10/1977

Impõem-se sobre a televisão o atributo da intencionalidade deturpada, quando esta em vários momentos é julgada de diversas maneiras por vários órgãos sociais e políticos, e pela população em geral. É como se ela manipulasse propositalmente os fatos a fim de atingir objetivos “espúrios”. Tal manifestação social tem-se repetido durante as décadas posteriores à sua criação.

Não temos como evitar que os jovens percam no dia a dia as perspectivas morais. Não são incitados a raciocinar, avaliar, julgar. Presa fácil da emotividade são telas passivas, sobre as quais são projetadas as imagens da nossa TV. Em cada 100

horas de programação por exemplo, em Belo Horizonte, Assiste-se a 12 assassinios, 21 fuzilamentos, 20 lutas, 6 tentativas de suicídio (e incontáveis de sedução) *O CORREIO DE UBERLÂNDIA* 23/10/1977

A crítica acima, se encontra em um tempo histórico específico, onde as configurações familiares possuíam características próprias. É uma época onde o divórcio é amplamente rejeitado pela maioria da população, o papel da mulher na sociedade ainda é pautado pelo conservadorismo do tipo patriarcal, tendo a ideia de que o pai é o provedor maior se não único, sem falar nos conceitos de moralidade que para a maioria da população se fundamentam na religiosidade popular. Portanto percebe-se que a televisão se mostra algumas vezes como um veículo permeado de mensagens contrárias aos padrões da época.

Perceber esta natureza provocadora da TV brasileira, é também reconhecer na mesma sua ligação até os dias atuais com outras estampas sociais, como o consumo por exemplo, e o mercado. Nas décadas posteriores ao surgimento da televisão no Brasil, vários estudiosos levantaram exemplos de como por traz de muitos programas televisivos o que estaria em jogo, seria uma espécie de corrida pelo índice de audiência, não importando a faixa etária que muitas vezes estaria exposta à uma gama de imagens de violência, promiscuidade, consumo de drogas e assim por diante.

No livro “Memória comunicação e consumo” de Rose de Melo Rocha e Luiz Perez Neto, há uma citação sobre programas exibidos nas tardes semanais, que exploram de maneira veemente as notícias de crimes nas grandes cidades brasileiras, e falando sobre o crescimento nas pesquisas de audiência de um deles a autora comenta.

O programa *Cidade Alerta*, está no ar a mais de 15 anos, todos os dias das 17h30 às 20h30. Três horas diárias! Como a cobertura é nacional, a Audiência do programa vem crescendo, o que é celebrado pelos seus produtores. Em matéria de 06/08/13, o portal UOL destacava que: “Marcelo Rezende, viu a audiência do programa saltar de 7,5 para 10 pontos no Ibope entre janeiro e julho, um crescimento de 33%. OROFINO Maria, 2015 p:135

O comentário acima extraído do livro *Memória Comunicação e Consumo* se encontra, separado pelo tempo do texto do *Jornal Correio de Uberlândia* por mais de

três décadas, mas uma coisa eles tem em comum, a ideia de uma televisão que muitas vezes explora e divulga programas que abordam excessivamente a violência urbana em detrimento de alcançar pontos da audiência.

Ao final de década de 1970 em Uberlândia, outros redatores continuam a comentar sobre as telenovelas e a maneira como as pessoas passam a se tornarem receptoras “passivas” dos programas de televisão. Em um destes comentários o autor Antônio Rondello que é bacharel em ciências da Comunicação fala da novela “Dona Xepa” e do personagem que seria um tipo representativo de mulher alienada.

Narra-se no texto uma fala entre Dona Xepa e a filha. A indignação fica por conta da mãe que prefere ver a novela a ter que dar atenção aos problemas de sua filha, o que é veementemente criticado no diálogo. Através desta cena descrita pelo Jornal Correio de Uberlândia, tenta-se desnudar a face de uma sociedade que de acordo com o autor do texto, cada vez mais busca nas novelas de ficção, um subterfúgio para os próprios problemas existenciais. Com o advento do mundo imagético e tecnológico do cinema, da televisão e posteriormente da internet, os homens passam e vivenciam a experiência do virtual, em detrimento do real, há muitos que passariam várias horas do dia agora não mais vendo árvores reais, ou correndo atrás de bolas reais, mas de maneira imagética, virtual. O texto de Antônio Rondello continua dizendo:

Será que ao falar dessa maneira ela não estaria atingindo a milhares de telespectadoras que encurvadas nos seus gostosos sofás deleitam-se com as emoções alheias, que sabem ser passageiras ilusórias e que não as comprometem? Será que essas mesmas milhares de telespectadoras não estariam fugindo dos seus problemas reais e verdadeiros que sabem dever enfrentá-los? Ou a novela não funcionaria como uma espécie de oásis neste imenso “deserto” da vida? Ou não estaríamos aí diante de uma imensa catarse coletiva? *O CORREIO DE UBERLÂNDIA 23/10/1977*

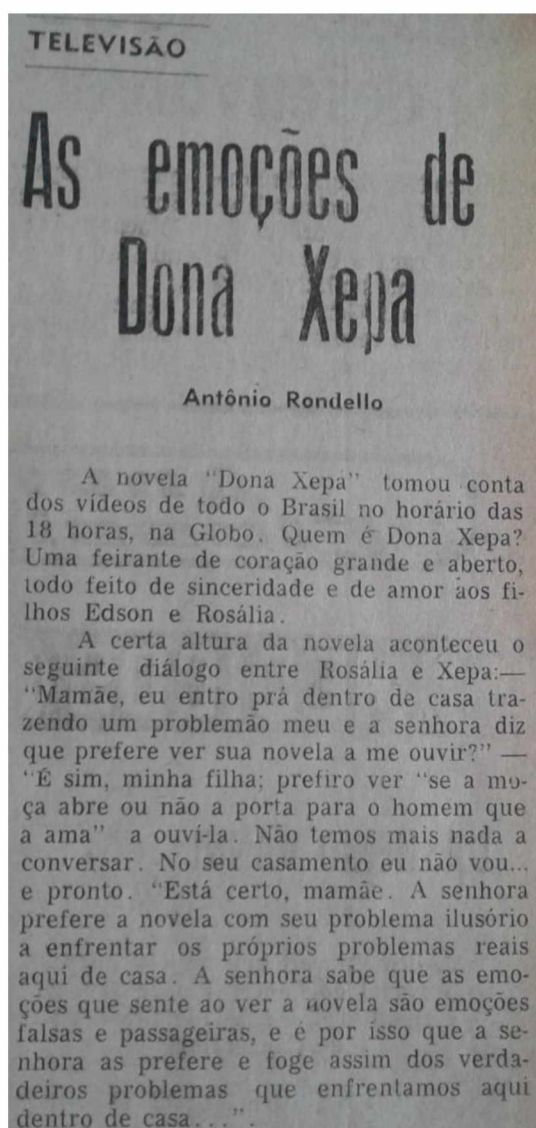
Não é possível negar que o que aconteceu com o advento da televisão, e em especial dos dramas televisivos, superou e muito os veículos antecessores de natureza compartilhada, como o caso dos livros de romances e das novelas de rádio.

Com a televisão, a experiência adquire um teor de instantaneidade e de facilidade de recepção, já que não é necessário o exercício de ouvir e imaginar o que

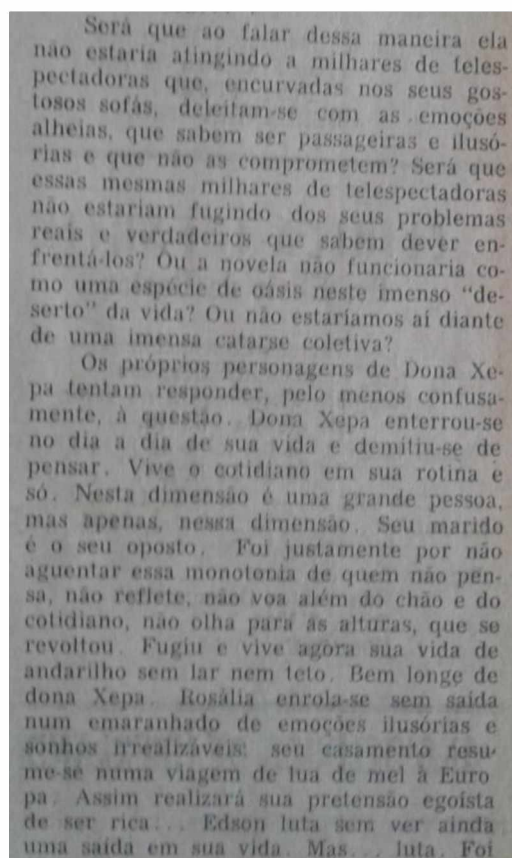
esta sendo representado nas novelas de rádio, e nem a decodificação de significados do processo de leitura. Basta sentar-se diante do aparelho e abrir os olhos para um universo áudio visual que dali se expande.

Porém a crítica feita é sempre parcial, e não avalia as resistências e adaptações feitas pelas pessoas no exercício interacional com a televisão. Não é correto dizer que todos os milhares de telespectadores estariam se portando na mesma condição da pessoa “dona Xepa” representada na novela. Mas a análise muitas vezes passa do individual e tende a se estender para o coletivo, como se todas as pessoas olhassem como quem analisa.

Fotografia 46: Coluna do Jornal Correio de Uberlândia comentando sobre a novela Dona Xepa.



O CORREIO DE UBERLÂNDIA 23/10/1977



O perigo da televisão reside aí: diante dela torna-se bem mais fácil a fuga de nós mesmos, a massificação, a perda de identidade na multidão e a corrida desenfreada nos labirintos dos nossos sonhos irrealizáveis. Muitas vezes passamos quatro ou cinco horas por dia diante das emoções alheias colocadas pelas novelas, comerciais, etc., e fugimos dos nossos próprios problemas e de nossas emoções reais e verdadeiras.

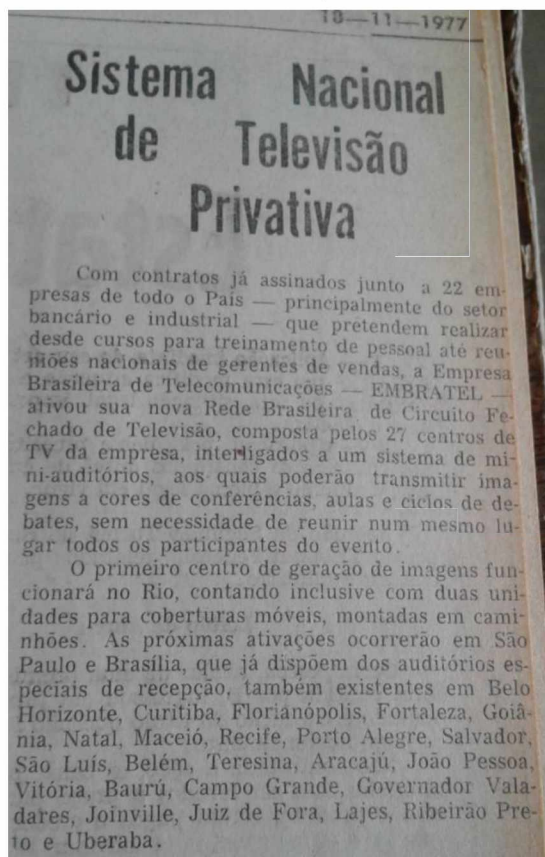
(O Autor é bacharel em Ciências da Comunicação)

Ao final do ano de 1977, é citado nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia, os preparativos testes para a instalação do canal 10 de televisão que ficaria conhecido como Paranaíba. A divulgação é feita com entusiasmo pelo Correio de Uberlândia, ressaltando o estado de expectativa que se encontrara a cidade até então.

O aparecimento da primeira imagem no canal 10 dos televisores de toda a região, foi um acontecimento que alegrou toda a cidade. E a curiosidade foi tão grande, que em vários estabelecimentos comerciais da cidade, em inúmeras residências, e nos setores de comunicação, a alegria foi bastante significativa. *O Correio de Uberlândia*, 11/11/1977

A expressão “ em vários estabelecimentos comerciais da cidade, em inúmeras residências”, parece tentar enfatizar a ideia de que já neste momento da história de Uberlândia a quantidade de aparelhos de televisores na cidade era significativa. Assim, sob o olhar da imprensa Uberlandense, o desenvolvimento e progresso da cidade, se dava em harmonia com o crescimento tecnológico televisivo, e a propagação de aparelhos de Televisão em todos os locais.

Fotografia 47 anúncio da instalação da nova rede brasileira de Circuito fechado pela Embratel.



Fonte: *O Correio de Uberlândia*, 18/11/1977

Ao fim da década de 1970, as reportagens do Jornal Correio de Uberlândia, que anunciam mudanças nos setores de telecomunicações no Brasil são constantes, como no caso da imagem ao lado do dia 18 de novembro de 1977, falando sobre a ativação de uma nova rede de circuito fechado de televisão pela Embratel, e os ganhos para todo o país que isto ocasionará.

Em “A televisão como Psicotrópico” de Cassiano Cordi, é explanado a maneira como as relações entre expectador e mundo televisivo, podem caminhar para um sistema de “dependência”, onde busca-se em programas de televisão remédio para uma existência sem sentido e vazia.

A medida que a humanidade evolui, novas situações geram problemas morais novos. A televisão trouxe uma nova forma de estar em contato com os acontecimentos e com as culturas. Não é apenas um “cinema em casa”. É muito mais. É uma fonte constante de dados vinculados a diferentes formas de pensar, de agir, e de julgar. As imagens captadas pelos nossos aparelhos de televisão não são a transmissão pura e simples de notícias, de filmes, de relatórios e de documentários. Mas cada jato luminoso e retangular que alcança as nossas formas de ver a realidade, de interpretar a vida, de julgar moralmente as ações humanas e, finalmente, de questionar o sentido religiosos da nossa existência. *O Correio de Uberlândia*, 20/11/1977

O sentido geral do texto, parece perpassar as questões morais, e o enfrentamento das mesmas diante das novas tecnologias, no caso da análise do documento a televisão. A partir do momento que a televisão traz consigo novas formas de vivência coletiva, reelaborando os antigos padrões de interpretação da realidade, as pessoas são afetadas e cria-se um novo tipo de cultura social, a cultura da televisão.

A televisão influencia “o sentido religioso de nossa existência”, e de que maneira isto acontece?. As noções de bem e mal, de certo e errado, que estão na base das religiões, entram muitas vezes em contato e em atrito com outros padrões culturais divulgados pelos programas de televisão.

O que constatamos é que na maioria dos nossos lares, não existe a consciência desta ambiguidade e a televisão é apenas um modo de diversão. Uma diversão que facilmente se degenera para um mero assistir durante o qual imagens são

“engolidas” ao invés de digeridas. Ou que nos afasta dos nossos reais problemas, não raro fazendo-nos negligenciar nossos deveres de pais, de auto-educação, e de atualização profissional. *O Correio de Uberlândia*, 20/11/1977

A ambiguidade de que fala o texto, consiste em ter a televisão a capacidade, de acordo com o autor, de ao mesmo tempo em que divulga e mostra, imagens, notícias, dramas e etc, ela também é capaz de influenciar negativamente na formação do caráter, e até mesmo destruir antigos sentidos de vida religiosa.

Usar a televisão como distração é um direito nosso, mas deve ser uma distração selecionada. Isto é, o programa deve ser escolhido de forma consciente, através do prévio conhecimento do conteúdo, o que pode ser feito pela ajuda de jornais ou de revistas especializadas. Quando o programa não é selecionado mas aceito porque simplesmente apareceu, sendo as imagens recebidas sem avaliação crítica, então a televisão se torna um psicotrópico, um alucinógeno. *O Correio de Uberlândia*, 20/11/1977

De acordo com o texto, é preciso selecionar escolher as imagens a serem vistas e principalmente o conteúdo dos programas, caso contrário nos tornamos meros receptores sem nenhum senso de crítica. Porém o que está em jogo é mais do que a perda da criticidade, mas a destruição de valores morais importantes para a manutenção da ordem social.

A tarefa da seleção de programas passa a estar na ordem do dia, porém encontra desde já barreiras talvez insuperáveis criadas no processo da relação entre televisão e telespectador. Temos a barreira da sedução, da curiosidade, dos gostos pessoais, e do próprio tempo, já que como controlar o tempo exato no qual o aparelho em si deve ficar ligado, mesmo no momento de transmissão de um filme, comercial ou outro programa qualquer? A natureza fragmentária da televisão já em si, impõe estas e outras barreiras, aqueles que acreditam ser possível o controle consciente e a seleção ideal.

A fuga existencial eletrônica é uma fato: seu uso parece ser muito mais difuso do que a maconha, a cocaína e outras drogas. É impressionante como tantas pessoas e famílias, vivem constantemente intoxicadas pela televisão, empobrecendo-se nos seus valores humanos de auto-reflexão, de consciência moral e religiosa. *O Correio de Uberlândia*, 20/11/1977

Ao final da década de 1970, é revelado nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia, que o início da televisão no Brasil e em nossa região, não foi desprovido de críticas quanto à sua capacidade de “intoxicar” as mentes e os costumes daqueles que se entregassem a ela como se fosse à uma droga.

Desnuda-se assim desta maneira o choque cultural causado pela introdução das novas tecnologias, quando estas se põem a desmoronar muros e padrões comportamentais erguidos e acalentados por longo tempo. No caso do texto acima, podemos perceber que a moral religiosa entra em conflito com um novo tipo de moral e padrão estabelecido pela televisão, ferindo a consciência muitas vezes coletiva. O texto de Cassiano Cordi, que é descrito na coluna como teólogo leigo e professor de filosofia, continua e encerra conclamando a todos que se utilizem sim da televisão mas com sabedoria.

A televisão mau usada vai minando toda a personalidade, seja pelo caos que ela gera no mundo interior, seja pelo fato de tirar toda resistência ou capacidade humana de reagir à situação social de massificação e consumismo. *O Correio de Uberlândia*, 20/11/1977

Fotografia 48. Grade de programação do final do ano de 1977

TV Triângulo - Canal 8	
QUARTA-FEIRA	
12.25	— Abertura da Estação
12.26	— Os Flintstones
13.58	— Globo Cor Especial
13.30	— TVE — Circuito Nacional
14.03	— O Mundo Animal
14.33	— Sessão da Tarde
16.35	— Faixa Nobre-Rhoda
17.12	— O Sítio do Pica Pau Amarelo
17.45	— Sinhozinha Flô
18.23	— Camera Oito
18.35	— Copa Brasil-Campeonato Nacional
18.42	— HB 77 — Zé Buscapé
18.52	— Sem Lenço Sem Documento
19.40	— Jornal Nacional
20.03	— Espelho Mágico
20.55	— Show das 21 — Quarta Nobre
22.00	— Nina
22.40	— Jornal Amanhã
22.58	— Shock
23.58	— Coruja Colorida
01.40	— Encerramento da Estação
Canal 6 - Uberlândia -	
16.00	— Abertura da Estação
16.30	— TV Educativa
17.00	— Rm Tin Tin
17.30	— Que Garota
18.00	— Família Dó Ré Mi
18.30	— Ilha dos Bonecos
19.00	— Éramos Seis
19.50	— O Profeta
20.40	— Esporte Urgente
20.45	— O Grande Jornal
21.00	— Switch
22.00	— Homem de US\$ 6.000.000,00
23.00	— Cimarron

No final do ano de 1977, já aparece na grade de programação da TV Triângulo, alguns programas que ficariam bastante conhecidos e que assim como as novelas marcariam toda uma época, é o caso da sessão da tarde, e do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Sob o olhar do Jornal Correio de Uberlândia, a televisão é este veículo de comunicação sem igual, que deve ser encarado como algo novo e inegável em sua capacidade de influencia social, que deve ser utilizado com cuidado e criticidade, que não deve se tornar monopólio nas mãos de uma só emissora e empresa fazendo com que desapareça a competitividade e a diversidade de programas, enfim percebe-se que neste momento histórico devido à tantas críticas feitas pelo jornal principalmente na década de 1970, com relação agora mais ao conteúdo da televisão, do que das atividades técnicas e operacionais, que o impacto não pode ter sido apenas após a década de 1980, como é costume de alguns pensarem.

Se ela é um psicotrópico para alguns, se deixa a desejar como formadora de bons costumes no pensamento de outros, se aproxima ou afasta as pessoas da realidade, o fato é que na década de 1970 o que ficou provado, é que ela havia chegado para ficar e de maneira longa e perene, fazendo a partir de então, parte da vida íntima de milhões de telespectadores espalhados por todo o território nacional, e lá está ela em destaque, nos anúncios de venda de produtos e eletrodomésticos, tão comuns nos jornais da época.

A televisão a cores havia chegado e com ela ampliam-se mais ainda as possibilidades de apreciação das imagens e do conteúdo. Na foto ao lado do final de década de 1970, aí está ela, sedutora, com todas as características de uma sensualidade intrínseca, como a convidar para momentos de prazer, de nostalgia. A foto da mulher não poderia ser mais emblemática, de um tempo social onde as configurações cotidianas são pautadas pelo patriarcalismo, e pela ditadura militar.

Fotografia 49: anúncio de venda de aparelho de televisão.



O Correio de Uberlândia, 02/12/1977

Televisão seria coisa de homem ou de mulher?. No caso da propaganda acima a imagem da mulher no centro da tela, parece convidar o público masculino para participar das delícias que a televisão pode proporcionar.

Como em muitas outras propagandas de produtos, o apelo para o consumo vem associado à imagem feminina de uma bela mulher. Quem compra a televisão neste momento da história, são os homens na sua grande maioria, a família ainda parece se dividir em: o pai que trabalha e ganha o dinheiro, a mãe que cuida dos filhos e do lar, e as crianças que devem ser educadas pela pessoa feminina.

Assim afirma-se a televisão em Uberlândia, como uma linda mulher sensual destas de capa de revista masculina, convidando todos a se apossarem de suas delícias inigualáveis.

CONCLUSÃO

Quando são instauradas no país, as primeiras experiências com a televisão, os olhos de todos passam a ficar atentos, quanto ao que estava acontecendo. Conversas no portão, no trabalho, e em outros lugares davam o tom de expectativa, presente em todos os segmentos sociais, afinal de contas, como seria o funcionamento de uma espécie de rádio, com imagens dentro da própria casa?.

Em Uberlândia, mais precisamente no ano de 1964, tal cenário se torna realidade com a inauguração da TV Triângulo, emissora local que prometia levar aos lares uberlandenses, as maravilhas da nova tecnologia. Os olhares apontam para o acontecimento suas lentes expectantes, e dentre estes olhares, um que se mostra singular devido à sua própria natureza, é o olhar do Jornal Correio de Uberlândia. Como ele, o Jornal, viu a chegada da televisão na cidade mineira?.

Em primeira instância este olhar se mostra expectante e eufórico, é o momento dos elogios, do orgulho pelo empreendimento, que elevaria Uberlândia ao status de “metrópole do triângulo”, como foi muitas vezes chamada pelo Correio de Uberlândia. O Jornal Correio decide colocar semanalmente em seus periódicos a programação semanal da TV Triângulo, que começava por volta das 18:00hs. Filmes, pequenos teleteatros, desenhos, jornais locais, e assim a TV Triângulo ia sendo comentada nas páginas impressas. Mas somente mostrar a grade de programação não era suficiente, era preciso criar uma coluna que comentasse sobre os programas, surge então a coluna “Divertimentos”, recebendo comentários sobre cinema, rádio e televisão.

O olhar do Jornal Correio de Uberlândia agora torna-se cada vez mais “agudo”, no sentido talvez de exprimir opiniões várias sobre os programas se eram bons ou ruins, se deveriam ou não permanecer, se a eficiência técnica estava satisfatória, enfim na coluna divertimentos o jornal Correio passa a emitir opiniões próprias sobre a televisão na cidade de Uberlândia.

Apesar de serem próprias estas opiniões, não deixavam de representar um pouco da opinião popular daqueles que possuíam o aparelho de TV na década de 1960, que não eram muitos. Através destas opiniões percebemos que o caminho percorrido pela televisão na cidade de Uberlândia, foi marcado em seu início por

incertezas quanto ao futuro do projeto, dificuldades técnicas latentes, improvisações constantes, mas também por uma continuidade quase que incontrolável.

Neste exercício do olhar, o jornal Correio de Uberlândia se mostra um pouco, deixando revelar nuances de uma face moldada pelo próprio tempo, com ligações fortes com a política local, o que aliás faz, com que em suas falas a grandeza da cidade sempre apareça associada à novos empreendimentos empresariais, e dentre estes a inauguração, e cada novo desenvolvimento da TV Triângulo. Também atrelado com as novas configurações políticas pós ditadura militar, vendo na TV nacional um veículo de propagação e de mensagens norteadoras da ordem e progresso.

Ao final da década de 1960 e início de 1970, o Jornal Correio de Uberlândia, vê a cidade com apenas um canal de televisão ainda, porém com a captação dos sinais vindos da Rede Globo no Rio de Janeiro, ele vê algo inusitado e extremamente sedutor surgindo nas telas dos televisores agora um pouco mais espalhados pelos lares da cidade, as novelas.

Nas falas de alguns de seus redatores, o jornal correio de Uberlândia, lança um olhar sobre as novelas carregado de parcialidade, mas também relacionando as novelas e seu conteúdo, com o tempo presente. Ao ler as falas sobre as grandes novelas que marcaram a época, podemos visualizar dois caminhos que se entrecruzam: o das representações, e o da cotidianidade.

As representações se chocam com a vida cotidiana, revelando seus medos ocultos, que jamais poderiam ser revelados, não naquela época em questão. Era muita “liberdade” a ser digerida em momentos de repreensão e de padrões bem definidos. As novelas na década de 1970, parecem ser o centro das questões quando as colunas do Jornal Correio de Uberlândia, se propõe a comentar sobre elas. São elogiadas quando se encaixam com os padrões e normas sociais, de uma elite uberlandense que dirigia firmemente as rédeas da cidade, que se desenvolvia rumo ao futuro, sempre idealizado de forma progressista.

As representações nem sempre agradam, e sob o olhar do Jornal Correio de Uberlândia, estas muitas vezes são criticadas, e contestadas na sua natureza. Em muitas destas considerações, o que estava em jogo era a família. Portadora de uma missão sem igual na nova ordem social, esta não poderia jamais ser abalada em suas estruturas por programas de televisão que fossem “provocadores” por natureza.

O olhar do jornal é parcial, mas ao mesmo tempo coletivo, porém nunca homogêneo. Não apenas o olhar de uma pessoa, mas de um tempo social que compartilha modos de vida e de moralidades em comum.

Ao final da década, a televisão passa a ser contestada, como veículo propagador de imagens e notícias, ela é vista nas páginas do Correio de Uberlândia como instrumento que deve ser controlado e não “adorado”. Textos criticam a maneira como muitos estariam se tornando viciados pela televisão, pessoas desprovidas de senso crítico, que veem de tudo e aceitam tudo passivamente. A euforia e o namoro da década de 1960, enfrentam agora sua primeira crise, mas percebe-se que a interdependência da tecnologia com o telespectador já havia alcançado patamares irreversíveis, era tarde demais, a Televisão havia chegado para ficar.

O olhar do jornal correio de Uberlândia, é um olhar carregado de si mesmo, tradicional, mas ao mesmo tempo olhando disfarçadamente para o futuro, político visualizando o empreendimento TV, como um slogan de progresso, amante das novelas e crítico quanto ao conteúdo muitas vezes provocador das mesmas. É carregado também de religiosidade, e não poderia deixar de ser já que faz parte de uma época de fortes laços com o sobrenatural.

Perceber o início e desenvolvimento da televisão em Uberlândia, nas páginas do Jornal correio, é ver um caminho inicial de incertezas quanto a eficácia do novo empreendimento. Quando no ano de 1964, inaugura-se a TV Triângulo, percebemos na coluna “Divertimentos” que as imagens não eram nítidas, programas eram cortados na metade da execução, havia muita improvisação, apesar de tentar-se fazer da televisão em Uberlândia um negócio promissor e de características regionais.

Vimos a década de 1960 se esvaír e o desenvolvimento da televisão ser noticiado junto a uma sociedade que se modificava em suas estruturas sociais, filha da ditadura militar, ela olha para trás se apegando nas antigas estruturas, mas ao mesmo tempo é impulsionada pelos ventos do tempo a se soltar, e seguir em rumo incerto.

O mesmo olhar que analisou as novelas com otimismo e exaltação, também se sentiu constrangido, quando estas com conteúdos e cenas atacavam o pudor e a moral sociais. Foi vendo nestas um reflexo muitas vezes desagradável do próprio cotidiano.

Este olhar se sentiu, atingido e traído pela tecnologia, que se mostrava já no início da década de 1970, objeto a serviço do capitalismo e do consumo, com suas propagandas cada vez mais apelativas, foi duramente criticada por colunistas do Jornal Correio de Uberlândia. Mas o tempo demonstrou que a televisão havia chegado para ficar, era algo inevitável e por isso, por volta do ano de 1977 já com duas opções de canais para os uberlandenses, com a Rede Globo afirmando sua hegemonia no cenário nacional, e com a introdução de Tv colorida, chega-se a conclusão de que o impacto já havia ocorrido, faltava agora apenas colher os resultados de sua força.

O impacto da chegada da televisão na cidade de Uberlândia, visualizado nas páginas da imprensa local, fora antes de mais nada, marcado pela apropriação do meio televisivo pelo Jornal Correio, que passa a divulgar a novidade como um atrativo nas suas páginas, mas que se vê da mesma forma confrontado na medida em que a televisão portadora de uma modernidade não apenas tecnológica, mas de conteúdos e mensagens culturais que expressavam uma época de mudanças drásticas, através principalmente das novelas, apresenta em seus enredos, modos de vida que para os padrões comportamentais nas décadas de 1960 e 1970, eram estranhos e conflitantes.

A televisão em seus primórdios foi este veículo de comunicação, encantador, sedutor, mas que encarna os antigos conceitos de bem e mau, e como na árvore Bíblica do conhecimento do bem e do mau, convida a todos a desfrutarem do seu “fruto proibido”. Mas ela é mais do que isto, mudou decisivamente a maneira como a sociedade dali em diante perceberia o mundo a sua volta e interagiria com este mundo visualizando aspectos da realidade, de maneira rápida e instantânea como tudo o mais na sociedade de produção capitalista, e criaria universos particulares vivenciados estes, nos recônditos do ambiente privado do lar.

FONTES**Arquivo público Municipal de Uberlândia**

Jornal O Correio de Uberlândia. Décadas de 1960- 1970

Jornal O Correio de Uberlândia. 2000

Revistas

Revista Almanaque 2014, Agosto.

BIBLIOGRAFIA

MARTIN, Barbero Jesús. **Dos Meios às Mediações, comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2009

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é Sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007

MACHADO Arlindo. **A Televisão Levada a Sério.** São Paulo: Editora Senac, 2000

FRANÇA, Vera Regina. CORRÊA Laura Guimarães. **Mídia, instituições e valores.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

ROCHA Rose de Melo. NETO Luiz Peres. **Memória Comunicação e Consumo, Vestígios e Prospecções.** Porto Alegre: Sulina, 2015

ROCHA Rose de Melo. OROFINO Maria Isabel Rodrigues. **Comunicação Consumo e Ação Reflexiva, Caminhos para a Educação do Futuro.** Porto Alegre: Sulina, 2014

GERMANO José Paulo. **Comunicação, Televisiva ficção e cotidiano.** São Paulo Annablume, 2009

MATTOS Sérgio. **História da Televisão Brasileira. Uma Visão econômica, social e política.** Petrópolis: Editora Vozes, 2010

RIBEIRO Ana Paula Goulart. SACRAMENTO Igor. ROXO Marco. **História da Televisão no Brasil, do início aos dias de Hoje.** São Paulo: Contexto, 2010

NOVAIS A. Fernando. **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998

DÂNGELO Newton. **Aquele povo feliz que ainda não sonhava com a invenção do rádio.** Uberlândia: ED,UFU 2002

DÂNGELO Newton. **Vozes da Cidade rádio e cultura Popular urbana em Uberlândia MG 1939/1970.** Uberlândia, EDUFU, 2012

